

MEZINHOS DE ORANGO

*Plantas Medicinais
e Pessoas da Ilha
da Rainha Pampa*



Bucar Indjai / Luís Catarino / Dora Mourão



Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas

Reserva da Biosfera do Arquipélago Bolama Bijagós

Parque Nacional de Orango

Guiné-Bissau

MEZINHOS DE ORANGO

PLANTAS MEDICINAIS E
PESSOAS DA ILHA
DA RAINHA PAMPA

Bucar Indjai

Luís Catarino

Dora Mourão

Bissau / 2010

Ficha Técnica

Título

Mezinhos de Orango - Plantas medicinais e pessoas da ilha da Rainha Pampa

Autores

Bucar Indjai, Luís Catarino, Dora Mourão

Editor

IBAP- Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas
Rua de S. Tomé 6; Caixa Postal 70, Bissau

Fotografias

Bucar Indjai (BI); Eurico Martins (EM); Luís Catarino (LC); Maria Adélia Diniz (MAD); Adjima Thiombiano; Katharina Schumann; Stefan Porembski (West African Plants Database)

Design Gráfico e Paginação

TBAR

Impressão

La Rochette Comptoir Graphique

Fotografias da capa

Bucar Indjai

ISBN

978-989-96831-0-5

Citação recomendada

Indjai B; Catarino L & Mourão D 2010. Mezinhos de Orango - Plantas medicinais e pessoas da ilha da Rainha Pampa. IBAP, Bissau.

RESUMO

A Ilha de Orango é a maior das cinco ilhas do Parque Nacional de Orango, no Arquipélago dos Bijagós, Guiné-Bissau. Em 2007 havia em Orango 3369 habitantes, vivendo em 33 tabancas, pertencendo a quase totalidade ao grupo étnico dos Bijagós.

Durante o terceiro trimestre de 2007 foi feita uma pesquisa sobre as plantas usadas pelos agentes da medicina tradicional na Ilha de Orango. Treze curandeiros (10 homens e 3 mulheres) concordaram em participar e foram questionados através de entrevistas semi-estruturadas abertas. Foram colhidos espécimes de herbário a partir das plantas referidas, para posterior identificação.

As idades dos curandeiros inquiridos variaram entre 50 e 83 anos, com uma média de 68. Apenas um tinha educação escolar básica e afirmaram praticar a medicina tradicional desde há 15 a 49 anos. Entre 3 a 12 plantas e 3 a 13 receitas foram referidas por cada curandeiro.

O número de pacientes tratados por cada curandeiro varia bastante, de um a cada dois meses a cerca de 50 por mês. A maioria dos pacientes são provenientes da tabanca ou da ilha do curandeiro, mas três deles referiram o tratamento de pacientes provenientes de outras partes do país e um do exterior também.

Foram referidas 46 espécies de plantas medicinais, pertencentes a 28 famílias e 43 géneros, cerca de um décimo da flora conhecida do arquipélago dos Bijagós. Trinta e oito espécies são nativas e oito são introduzidas, entre estas 4 árvores

cultivadas. 23 das espécies utilizadas são árvores, 15 são arbustos, seis são ervas e duas são lianas. As plantas utilizadas são encontradas, em geral, perto das tabancas, principalmente nas florestas em regeneração e em áreas cultivadas.

Um total de 95 receitas foram referidas, das quais 76 são diferentes. As principais formas de aquisição do conhecimento no uso de plantas medicinais são a transmissão por relações familiares, em 65 receitas, e a aprendizagem com um mestre, em 28. Um curandeiro afirmou também ter inventado duas novas receitas.

Por outro lado, seis dos curandeiros entrevistados estão a transmitir os seus conhecimentos a familiares jovens, um a um discípulo, e seis não estão transmitindo os seus conhecimentos, principalmente devido à falta de interesse dos jovens. A maioria deles não tinha relações com a medicina oficial.

As folhas são as partes das plantas mais utilizadas, sendo a base de 32 receitas, seguido pelas raízes em 29 e a casca do caule em 15 casos. Se a espécie é uma erva, toda a parte aérea da planta pode ser usada também (6 receitas). Frutos, seiva e ramos com folhas são usados em uma receita de cada um. Em 52 receitas, cerca de dois terços, uma única espécie vegetal é utilizada e em 24 receitas existem dois ou mais componentes associados. Trata-se principalmente de outras plantas ou partes de plantas, sal e óleo de palma.

A preparação de medicamentos tradicionais a partir do material vegetal pode ser feita de várias formas e inclui

frequentemente mais de um procedimento. Os métodos mais comuns utilizados são descasque, trituração, decocção e maceração. Em duas receitas, o material vegetal é usado directamente, sem manipulação prévia.

As formas de administração dependem da natureza da doença ou condição a tratar.

Administração por via oral (principalmente bebida), é a mais utilizada, em 42 receitas, seguido por administração tópica em 10 casos, banho em seis e inalação em cinco. Em 10 receitas a administração é feita por mais de uma via, frequentemente banho e administração oral.

Uma grande parte das doenças tratadas por curandeiros em Orango podem ser agrupadas em seis conjuntos. As dores são a condição com mais receitas referidas, num total de 17, seguidas pelas doenças das mulheres e dos recém-nascidos, relacionadas com a gravidez e o parto, que são tratadas por 16 receitas. Os problemas intestinais, diarreias e dores abdominais são objecto de 12 receitas. Quanto a problemas de pele, para os quais foram citadas 10 receitas, inflamações e infecções em várias partes do corpo são as afecções mais comuns. Febre, tosse e malária são tratados por sete poções, mas por vezes é difícil determinar a origem da febre. As mordeduras e envenenamento são tratados por sete receitas, a maioria delas para mordeduras de cobra. As restantes sete receitas abordam um vasto leque de doenças: distúrbios mentais, problemas neuromusculares, gonorreia, impotência sexual masculina,

perda de apetite, hepatite e hipertensão.

No entanto, a relação entre cada uma das doenças relatadas pelos curandeiros e a classificação das doenças da medicina oficial é frequentemente difícil de estabelecer.

Quanto ao custo do tratamento, na maioria dos casos o remédio não é cobrado e depende da vontade e das possibilidades do paciente o pagar ao curandeiro. Quando o tratamento é cobrado, o pagamento pode ser feito em dinheiro, bens alimentares (galinhas, ovos, etc.) ou folhas de tabaco.

SUMMARY

Orango Island is the largest of the five islands of the Orango National Park, in the Bijagós Archipelago, Guinea-Bissau. In 2007 there were in Orango 3369 inhabitants, living in 33 villages, belonging almost all of them to the Bijagós ethnic group.

A survey was made on the plants used by traditional medicine agents in Orango Island during the third quarter of 2007. Thirteen healers (10 men, 3 women) agreed to participate and were inquired through semi-structured open-ended interviews. Herbarium vouchers were made from the plants referred, to later identification. The ages of the healers inquired ranged between 50 and 83 years, with an average of 68. Only one had basic scholar education. They practice traditional medicine from 15 to 49 years. Between 3 and 12 plants and 3 and 13 recipes were reported by each healer.

The number of patients treated varies largely by healer, from one every other month to 50 each month. Most patients come from the village or the island of the healer but three healers referred the treatment of patients from other parts of the country and one from the outside too. 46 species of medicinal plants, from 28 families and 43 genera, about one tenth of the known flora of the Bijagos Archipelago were referred. 38 species are native and eight are introduced, being 4 cultivated trees. 23 of the species used are trees, 15 are shrubs, six are herbs and two are lianas. The plants used are found in general near the villages, mainly in forest

regrowths and in cultivated land.

A total of 95 recipes were reported, from which 76 are different. The main ways to the acquisition of the knowledge in the use of medicinal plants are the transmission by familiar links, in 65 recipes, and the learning with a master, in 28. One healer claimed also the invention of two new recipes.

Conversely, six of the healers are transmitting their knowledge to young relatives, one to a disciple, and six are not transmitting their knowledge, mainly due to the lack of interest by the young. Most of them had no relationships with formal medicine.

Leaves are the most used plant parts, being the basis of 32 recipes, followed by roots in 29 and stem bark in 15 cases. If the medicinal species is a herb, all the aerial part of plant can be used also (6 recipes). Fruits, sap and branches with leaves are used in one recipe each. In 52 recipes, about two thirds, only one plant species is used and in 24 recipes there are two or more components associated. These are mainly other plants or plant parts, salt and palm oil.

The preparation of traditional medicines from plant material can be done by several ways and includes often more than one procedure. The most common methods used are bark stripping, trituration, decoction, and maceration. In two recipes, the plant material is used directly, without previous manipulation.

The ways of administration depend on the nature of the disease or condition to treat.

Oral administration (mainly by drinking a potion), is the most used, accounting for 42 recipes, followed by topical administration in 10 cases, bath in six and inhalation in five. On 10 recipes the administration is done by more than one way, often bath and oral administration.

A large part of the diseases treated by traditional healers in Orango can be grouped into six sets. Pains are the condition with more recipes referred, in a total of 17, followed by the diseases of women and newborns, related to pregnancy and childbirth, which are subject to 16 recipes. The intestinal problems, mainly diarrhoea and abdominal pains are treated by 12 recipes. In skin problems, for which they were referred to 10 recipes, inflammations and infections in various parts of the body are the most common problem. Fevers, cough and malaria are treated by

7 potions, but it is sometimes difficult to ascertain the origin of the fever. Bites and poisoning are treated by seven recipes, most of them for snake bites. The remaining seven recipes address a wide range of diseases: mental disorders, neuromuscular problems, gonorrhoea, male impotence, loss of appetite, hepatitis and hypertension, although the correlation between each disease reported by the healers and the classification of diseases of official medicine is sometimes difficult to establish.

Regarding the cost of treatment, in most cases the remedy is not charged and it depends on the will and the possibilities of the patient to pay the healer. When the treatment is charged, payment may be made in cash, food (chickens, eggs, etc) or tobacco leaves.

RÉSUMÉ

L'île Orango est la plus grande des cinq îles du Parc National d'Orango, dans l'Archipel des Bijagós, Guinée-Bissau. En 2007, il y avait en Orango 3369 habitants dans 33 villages, appartenant presque tous au groupe ethnique des Bijagós.

Une enquête a été faite sur les plantes utilisées par les agents de la médecine traditionnelle dans l'île Orango au cours du troisième trimestre de 2007. Treize guérisseurs traditionnels (10 hommes, 3 femmes) ont accepté de participer et ont été interrogés par des enquêtes semi-structurées ouvertes. Des échantillons d'herbier ont été faits à partir des plantes citées, pour identification ultérieure.

L'âge des guérisseurs se situait entre 50 et 83 ans, avec une moyenne de 68. Un seul avait fait l'enseignement primaire. Ils pratiquent la médecine traditionnelle depuis 15 à 49 ans. Entre 3 et 12 plantes et 3 et 13 recettes ont été déclarées par chaque guérisseur.

Le nombre de patients soignés par chaque guérisseur varie entre 1 patient tous les deux mois et 50 par mois. La plupart des patients sont originaires du village ou de l'île du guérisseur, mais trois guérisseurs ont mentionné le traitement des patients provenant d'autres parties du pays et un de l'extérieur aussi.

46 espèces de plantes médicinales, de 28 familles et 43 genres ont été cités, environ un dixième de la flore connue de l'Archipel des Bijagós. 38 espèces sont indigènes et huit sont introduites dont quatre sont arbres cultivés. 23 des espèces médicinales sont des arbres, 15 sont des

arbustes, six sont des herbes et deux sont des lianes. Les plantes utilisées se trouvent en général près des villages, surtout dans les repousses de forêt et les terres cultivées.

Un total de 95 recettes ont été signalées, dont 76 sont différentes. Les principaux moyens de l'acquisition des connaissances dans l'utilisation des plantes médicinales sont sa transmission par des liens familiaux, en 65 recettes, et l'apprentissage avec un maître, en 28. Un guérisseur a aussi assuré qu'il avait inventé deux nouvelles recettes. En revanche, six des guérisseurs sont en train de transmettre leurs connaissances à leurs jeunes parents; un à un disciple, et six d'entre eux ne transmettent pas leurs connaissances, surtout dû à l'absence d'intérêt des jeunes. La plupart d'entre eux n'avait aucun rapport avec la médecine officielle.

Les feuilles sont les plus utilisées parties de les plantes, et sont la base de 32 recettes, suivies par les racines en 29 cas et par l'écorce de la tige dans 15 cas. Si l'espèce médicinale est une herbe, toute la partie aérienne de la plante peut également être utilisée (6 recettes). Les fruits, la sève et les branches ayant des feuilles, sont utilisés dans une recette chacune. En 52 recettes, environ les deux tiers, une seule espèce végétale est utilisée et en 24 recettes, il y a deux ou plusieurs composants associés. Il s'agit principalement d'autres plantes ou parties de plantes, le sel et l'huile de palme. La préparation des médicaments

traditionnels à partir de la matière végétale peut être faite de plusieurs façons et comporte souvent plus d'une procédure. Les méthodes les plus couramment utilisées sont l'écorçage, la trituration, la décoction et la macération. En deux recettes, le matériel végétal est utilisé directement, sans manipulation précédente.

Les voies d'administration dépendent de la nature de la maladie ou la condition à traiter. L'administration orale (boisson principalement), est la plus utilisée, représentant 42 recettes, suivie par l'administration topique dans 10 cas, bain en six et l'inhalation en cinq. En 10 recettes de l'administration est faite par plus d'un voie, souvent pour le bain et l'administration par voie orale.

Une grande partie des maladies traitées par des guérisseurs traditionnels dans l'Orango peut être regroupée en six groupes. Les douleurs sont la condition traitée par plus recettes, avec un total de 17, suivi par les maladies des femmes et des nouveau-nés concernant la grossesse et l'accouchement, qui sont traités par 16 recettes. Les problèmes intestinaux, surtout la diarrhée et les douleurs abdominales sont soumis à 12 recettes. Dans les problèmes de peau, pour lesquels ont été citées 10 recettes, les inflammations et les infections dans plusieurs parties du corps sont le problème le plus commun. Les fièvres, la toux et le paludisme sont traités par 7 potions, mais il est parfois difficile de déterminer l'origine de la fièvre. Les morsures et les empoisonnements sont traités par sept recettes, la plupart d'entre eux concernant les morsures de serpent. Les sept autres recettes couvrent un large éventail de maladies: troubles mentaux,

problèmes neuromusculaires, gonorrhée, impuissance masculine, perte d'appétit, hépatite et hypertension, bien que la corrélation entre chacune de ces maladies par les guérisseurs et la classification des maladies de la médecine officielle est parfois difficile à établir.

En ce qui concerne le coût du traitement, dans la plupart des cas, le remède n'est pas payé et dépend de la volonté et des possibilités du patient de payer au guérisseur. Lorsque le traitement est payé, le paiement peut être effectué en espèces, en nourriture (poulets, œufs, etc) ou en feuilles de tabac.

ÍNDICE

NOTA PRÉVIA	11
Génese do livro	11
Organização e consulta	11
AGRADECIMENTOS	13
1. INTRODUÇÃO	15
Orango – as pessoas, as plantas e o ambiente	15
Estruturas socioculturais e políticas: o exemplo de Eticoga	18
Medicina tradicional o saber da terra	19
Medicina tradicional, medicina oficial e divulgação dos saberes tradicionais	19
Medicina tradicional dos Bijagós	20
A mulher Bijagó na cura tradicional	20
Auscultação de grupos pelo método “djumbai”	21
2. AS PESSOAS E OS SABERES	22
Os agentes da medicina tradicional em Orango	23
Augusto Fernandes Pereira	24
Augusto Utomb	26
Joana Monteiro	28
João Iatebeto	30
Joaquim Pereira (Utomb) e Sabino Pereira (filho)	32
Joaquim Unhamaque	34
José Obassene	36
José Vieira Mandinga	38
Muscuta da Silva	40
Ramalho do Reno	42
Raul Iaratano e Domingos Iaratano (filho)	44
Rosa Cugussame	46
Silva Martins e Mário Silva Martins (filho)	48
3. AS PLANTAS MEDICINAIS	50
A flora medicinal de Orango	50
Mezinhos e sua preparação e administração	50
Partes das plantas utilizadas	52
Doenças tratadas e custo dos tratamentos	52
Plantas utilizadas na medicina tradicional em Orango	53
<i>Abrus precatorius</i> subsp. <i>africanus</i>	54
<i>Adansonia digitata</i>	56
<i>Allophylus africanus</i>	58
<i>Anacardium occidentale</i>	60
<i>Annona senegalensis</i>	62
<i>Anthocleista vogelii</i>	64
<i>Bridelia micrantha</i>	66

<i>Calyptrochilum christyanum</i>	68
<i>Capparis erythrocarpos</i>	70
<i>Carica papaya</i>	72
<i>Cassytha filiformis</i>	74
<i>Cissampelos mucronata</i>	76
<i>Citrus limon</i>	78
<i>Cnestis ferruginea</i>	80
<i>Combretum micranthum</i>	82
<i>Elaeis guineensis</i>	84
<i>Erythrina senegalensis</i>	86
<i>Faidherbia albida</i>	88
<i>Ficus exasperata</i>	90
<i>Ficus polita</i>	92
<i>Guiera senegalensis</i>	94
<i>Hymenocardia acida</i> var. <i>acida</i>	96
<i>Jatropha curcas</i>	98
<i>Khaya senegalensis</i>	100
<i>Landolphia dulcis</i>	102
<i>Leptadenia hastata</i>	104
<i>Luffa cylindrica</i>	106
<i>Mangifera indica</i>	108
<i>Margaritaria discoidea</i> var. <i>discoidea</i>	110
<i>Morinda geminata</i>	112
<i>Neocarya macrophylla</i>	114
<i>Newbouldia laevis</i>	116
<i>Ocimum basilicum</i>	118
<i>Ocimum gratissimum</i>	120
<i>Parinari excelsa</i>	122
<i>Piliostigma thonningii</i>	124
<i>Prosopis africana</i>	126
<i>Psychotria peduncularis</i>	128
<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
<i>Senna occidentalis</i>	132
<i>Senna podocarpa</i>	134
<i>Strophanthus sarmentosus</i> var. <i>sarmentosus</i>	136
<i>Terminalia macroptera</i>	138
<i>Trichilia prieuriana</i> subsp. <i>prieuriana</i>	140
<i>Uvaria chamae</i>	142
<i>Zanthoxylum leprieurii</i>	144
4. ÍNDICE DE PLANTAS MEDICINAIS DE ORANGO	146
5. ÍNDICE DE UTILIZAÇÕES	148
6. ÍNDICE DE NOMES VERNÁCULOS E ETNIAS	151
7. BIBLIOGRAFIA	174

NOTA PRÉVIA

Génese do livro

O livro *Mezinhos de Orango* teve por base o estudo *Inventariação das plantas de uso medicinal na farmacopeia tradicional do Parque Nacional de Orango*, efectuado por Bucar Indjai, do Centro de Estudos Ambientais e Tecnologia Apropriada (CEATA) do INEP através de uma consultoria nacional contratada pelo IBAP. O trabalho de campo para este estudo foi efectuado em Novembro e Dezembro de 2007 e entregue ao IBAP em Março de 2008, em forma de um relatório, acompanhado por um álbum com fotos dos curandeiros que participaram no estudo e das espécies de plantas mais citadas para o uso medicinal em Orango, a que chamamos álbum das plantas medicinais do PNO. O referido trabalho foi apresentado também durante as comemorações do terceiro aniversário do IBAP, em Bissau, tendo despertado grande interesse no público e sobretudo entre os ambientalistas que ali estiveram presentes. Ainda durante a preparação do estudo foi pedida a colaboração do Investigador Luís Catarino, do Jardim Botânico Tropical do IICT, em Lisboa, que participou nomeadamente na preparação dos guiões dos inquéritos aos agentes da medicina tradicional de Orango e na identificação das plantas utilizadas na medicina tradicional na ilha. No início de 2009 foi referida pelo Director do IBAP, Dr. Alfredo Simão da Silva a possibilidade de ser editado um livro sobre a medicina tradicional de Orango, o que foi prontamente aceite pelos dois primeiros autores. Entretanto, tendo sido atribuída

uma Bolsa de Iniciação à Investigação (BII) a Dora Mourão para, sob orientação de Luís Catarino, efectuar um estudo sobre Plantas silvestres utilizadas pelas populações da Guiné-Bissau, foi decidido solicitar a sua colaboração na elaboração do presente trabalho. Como resultado preliminar do estudo sobre a medicina tradicional em Orango, foi apresentado pelos autores no XIX Congresso da AETFAT (Associação para o Estudo Taxonómico da Flora da África Tropical), que teve lugar em Madagáscar em Abril de 2010, o poster com o título *Agents and plants used in traditional medicine in Orango Island (Guinea-Bissau)*.

Organização e consulta

A informação sobre os usos medicinais da flora de Orango que é apresentada, bem como a maioria das imagens, foi colhida por Bucar Indjai (referidas com as iniciais BI) durante o trabalho de campo realizado em Orango e complementada com alguns elementos obtidos das fontes bibliográficas referidas no final.

Além disso, parte das imagens das espécies de plantas medicinais foram cedidas por Maria Adélia Diniz (MAD), Eurico Martins (EM) e Luís Catarino (LC) e outras foram obtidas no sítio internet West African Plants Database, sendo os respectivos autores identificados junto de cada fotografia.

Grande parte dos nomes vernáculos das plantas medicinais de Orango foi obtida durante o trabalho de campo. Os restantes, bem como a informação respeitante à ecologia e hábito das espécies, foram maioritariamente obtidos do livro Plantas

vasculares e briófitos da Guiné-Bissau (Catarino *et al.* 2006).

A identificação da língua correspondente a cada nome vernáculo é feita através de uma abreviatura de duas letras, conforme a tabela seguinte:

ba	balanta	ff	futa-fula	mj	manjaco
bf	biafada	fl	felupe	nl	nalu
bj	bijagó	fr	fula-foro	pj	padjadinca
bm	balanta-mané	fs	felupe senegalês	pp	papel
cb	cobiana	fu	fula	pt	português
cr	crioulo	ja	jacanca	sr	saracolé
cs	crioulo - flora do Senegal	mc	mancanha	ss	sosso
fc	francês	md	mandinga	td	tanda

Além destas abreviaturas e das já referidas, são usadas as seguintes:

FIBA – Fondation Internationale du Banc d’Arguin

GEF – Global Environment Facility

IBAP – Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas (Bissau)

IICT – Instituto de Investigação Científica Tropical (Lisboa)

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (Bissau)

PNO – Parque Nacional de Orango

PRCM – Programme Regional de Conservation de la Zone Cotière et Marine

en Afrique de L’Ouest.

UICN – União Internacional para Conservação da Natureza

WWF – World Wildlife Fund

No final são apresentados índices de nomes vernáculos e de nomes científicos das espécies referidas no texto, bem como um índice das doenças tratadas.

As utilizações das plantas medicinais em Orango são reportadas neste livro apenas a título de divulgação de trabalho de etnobotânica e nem as receitas nem as doses referidas devem ser tomadas como recomendações de utilização.

AGRADECIMENTOS

A publicação deste livro só foi possível graças ao empenhamento da Direcção do IBAP e em particular do seu Director, Dr. Alfredo Simão da Silva, a quem os autores agradecem. Os nossos agradecimentos são extensivos ao Dr. Justino Biai, Encarregado dos Programas do IBAP, ao Dr. João Sousa Cordeiro, Coordenador da Reserva da Biosfera do Arquipélago Bolama Bijagós e à Dr^a Cristina Silva, Responsável pelo seguimento das espécies, pelo interesse e empenho que demonstraram no aprofundamento do saber sobre a diversidade biológica, os usos e conservação das espécies e pelos apoios prestados durante e depois dos trabalhos de campo em Orango.

Aos treze homens e mulheres grandes de Orango, que aceitaram transmitir parte da sabedoria que detêm sobre a utilização medicinal das plantas, agradecemos a confiança em nós depositada e o manancial de informação acumulada ao longo de gerações que nos confiaram. Agradecemos à delegação da UICN na Guiné-Bissau, na pessoa do seu representante residente Eng. Nelson Gomes Dias, pelo incentivo e apoios conferidos a todas as iniciativas de estudo e conservação da biodiversidade na Guiné-Bissau e particularmente no arquipélago dos Bijagós.

O trabalho de campo que esteve na base desta publicação foi financiado pela FIBA, que é igualmente um dos financiadores da

sua edição. A maquetagem e impressão deste livro contou com o apoio financeiro da delegação do WWF em Dakar e do PRCM, a quem os autores agradecem. Outras entidades, em particular o Banco Mundial e o GEF, contribuíram igualmente com fundos e assistência para as actividades de conservação da natureza na Guiné-Bissau e em Orango, que estão na origem desta publicação.

A colaboração de Dora Mourão nesta obra foi feita no âmbito de uma bolsa de iniciação à investigação atribuída pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia de Portugal, a quem agradecemos (bolsa com a referência IICT-CAI-JBT-8).

Ao pessoal do PNO de maneira geral, em particular ao Conservador Eng. António da Silva e ao Sr. Augusto da Silva, Marinheiro do PNO e ao Sr. Salvador Joãozinho Utebanico, Guarda de Natureza no PNO, o nosso muito obrigado pelo apoio logístico prestado no terreno e pela ajuda na preparação do trabalho de campo. Foram igualmente responsáveis pelo acompanhamento durante o processo de recolha de dados e foram os principais agentes que facilitaram a comunicação com os curandeiros e conseguiram estabelecer um ambiente de confiança durante as entrevistas.

Queremos igualmente agradecer aos Alunos e Professores da Escola de Verificação Ambiental (EVA) de Eticoga e aos grupos de jovens e de mulheres desta

tabanca que participaram nos “djumbai” , organizados para discutir os conhecimentos e os usos das plantas medicinais no PNO, suas forças e fraquezas. Recordamos que o trabalho de campo foi realizado numa altura em que a ilha de Orango Grande (Eticoga) estava há três anos sem nenhum pessoal de saúde, apesar da existência de um Centro de Saúde equipado e de uma residência condigna para o técnico da saúde. Nos debates participaram jovens representados pelos seguintes nomes: Júnior Domingos Alves, Sabino Pereira do Reino, Nelson Fernandes, Duarte Pereira, Nino Domingos Pereira, José Domingos Alves, Puntchu Carvalho, José António Narane, Saco Domingos Alves e o grupo de mulheres contou com a participação das seguintes senhoras: Inês Pereira, Aminata Mendes, Augusta Fernandes Pereira, Bico Lourenço Marques, Eva Horta, Joana Monteiro, Muscuta da Silva e Clara Naquiridoco. O nosso muito obrigado a todos pela compreensão, colaboração e amabilidade que nos demonstraram. Queremos igualmente agradecer ao Sr. Filipe Cardoso, Administrador da Casa do Ambiente e Cultura Bolama Bijagós, em Bubaque, Jornalista e Director da Rádio DjanDjan, pelo apoio na verificação e revisão da escrita dos nomes vernáculos em Bijagó das plantas medicinais recolhidas no PNO, a sua terra natal.

Ficamos gratos ao Dr. Eurico Sampaio Martins e à Dr^a Maria Adélia Diniz, investigadores aposentados do IICT, pela revisão científica do texto e cedência de fotografias de espécies e ao Dr. Marco Schmidt, gestor do sítio internet West African Plants Database (www.westafricanplants.senckenberg.de), bem como ao Dr. Adjima Thiombiano, à Dr^a Katharina Schuhmann e ao Prof. Stefan Porembski a cedência de fotografias de espécies tratadas. Muitíssimo obrigado a todos aqueles que colaboraram de forma directa ou indirecta para que este trabalho pudesse ganhar forma e dimensão.

INTRODUÇÃO

A ilha de Orango situa-se no Arquipélago dos Bijagós a cerca de 90 km a sudoeste de Bissau. A designação Orango pode ser usada de duas formas. Em sentido abrangente utiliza-se para designar o conjunto de cinco ilhas separadas por canais: Orango Grande, Orangozinho, Meneque, Canogo e Imbone, além de várias ilhotas inabitadas ou temporariamente habitadas (ver figura). O mesmo nome é utilizado também para designar a maior das ilhas, Orango Grande. Utilizamos neste livro Orango como sinónimo do conjunto de ilhas, que constituem também o Parque Nacional de Orango (PNO),

reconhecido pelo governo da Guiné-Bissau como área protegida desde 2000, pelo Decreto-lei nº. 11/2000.

As cinco ilhas que fazem parte do PNO têm uma superfície total de 1.582,35 km² e foram classificadas como área protegida pela sua importância ecológica e bom estado de conservação, sendo a zona do Arquipélago dos Bijagós com maior diversidade de fauna e flora. É de destacar a presença de grandes mamíferos aquáticos, nomeadamente os hipopótamos (*Hippopotamus amphibius*), sendo o único local no mundo onde vivem em habitat marinho, e os manatins (*Trichechus*

Mapa do Parque Nacional de Orango (Fonte: BISSASIG-célula SIG-INEP/GPC 2007)

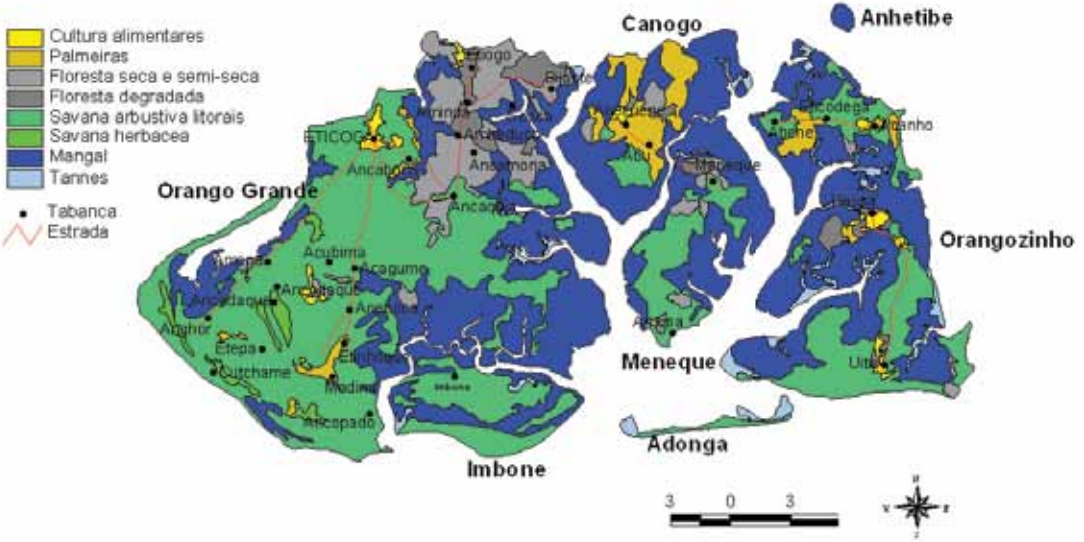


senegalensis) e duas espécies de golfinhos (*Sousa teuszii* e *Tursiops truncatus*) bem como de lontras (*Aonyx capensis*), crocodilos (*Crocodylus niloticus*) e o lagarto preto (*Osteolaemus tetrapsis*) e diferentes espécies de tartarugas marinhas (*Chelonia mydas*, *Eretmochelys imbricata*, *Lepidochelys olivacea*, *Dermodochelys coriacea* e *Carreta carreta*). No meio terrestre podem ainda ser encontradas no PNO, entre outras espécies, a gazela pintada (*Tragelaphus scriptus*) e o macaco verde, também conhecido por macaco bijagó (*Cercopithecus nictitans*) (Cruz et al., 2001). O Parque Nacional de Orango é de importância internacional em termos de avifauna, pois é o habitat para milhares de aves de espécies paleárticas e afro-tropicais, tais como o papagaio cinzento (*Psittacus erithacus timneh*), o periquito massarongo (*Poicephalus senegalus*), a gaivina maior (*Sterna caspia*) e a gaivota (*Larus cirrhocephalus*). A vegetação é constituída principalmente por florestas abertas, palmares de *Elaeis guineensis*, savanas arborizadas e por uma grande superfície de mangais, que ocupam as amplas zonas costeiras sob influência das marés (ver figura). A população de Orango é quase exclusivamente Bijagó, a etnia que habita o arquipélago desde que há memória. Segundo o recenseamento populacional de 2007 feito exclusivamente nas áreas protegidas (Estudo Socioeconómico e Ambiental das Áreas Protegidas, INEP/INEC 2007) havia em Orango 3369 habitantes, residindo em 33 tabancas. Embora os dados do último Censo Geral da População e Habitação, realizado em 2009, ainda não estejam disponíveis, estima-se que o número de habitantes actual será semelhante ao do recenseamento de 2007. As principais actividades económicas em

Orango são a agricultura de subsistência e a pesca artesanal, havendo também nos últimos anos um progressivo desenvolvimento do turismo. O sistema agrícola mais praticado é a chamada agricultura itinerante, ou pam-pam, baseado no arroteio e cultivo durante alguns anos de áreas de floresta ou savana, que são depois deixadas em pousio para regeneração da fertilidade. As culturas mais praticadas são o arroz de sequeiro, o amendoim (mancarra) e os milhos. São igualmente importantes algumas culturas horto-frutícolas, tendo nas últimas décadas aumentado a área plantada com cajueiro.

Segundo Scantamburlo (1991), na filosofia Bijagós, a vida avança passo a passo e cada um aprende com os outros e consigo próprio a adaptar-se ao meio e a relacionar-se dentro e fora da tabanca. Qualquer pessoa tem as mesmas oportunidades de obter riqueza e posição, e cada um é livre de se comprometer com as responsabilidades do dia a dia e com aqueles com quem vive. As crenças religiosas dos Bijagós inserem-se na linha das religiões tradicionais africanas, de contornos animistas. Segundo esta corrente religiosa existe um ente superior, intangível, que é coadjuvado por numerosas entidades espirituais, os Irãs (singular Iran), com diferentes graus de poder, que podem ser corporizados em objectos de culto. Os locais de culto, que abrigam os altares e os símbolos religiosos da aldeia ou da família, e onde pairam as almas dos antepassados, são designados por balobas. São em geral cabanas bem construídas, habitualmente com uma única sala, onde têm lugar as cerimónias religiosas e algumas outras actividades de carácter sociocultural. Em cada tabanca pode existir mais que uma

Mapa de Ocupação do Solo do PNO



Mapa de Ocupação do Solo do PNO (Fonte: BISSASIG-célula SIG-INEP/GPC 2007)

baloba, com funções sociais e religiosas diferenciadas e cujo acesso pode ser restrito a alguns grupos. O balobeiro ou balobeira é o sacerdote ou sacerdotisa responsável pelo culto religioso na baloba da aldeia, nomeadamente por acender o fogo, como é o caso de Rosa Cugussame, na baloba principal de Eticoga.

A estrutura social dos Bijagós baseia-se em clãs ou Djorsons, que são grupos de indivíduos pertencentes a famílias que partilham um antepassado comum. Por outras palavras, Clã/Djorson significa linhagem ou série de gerações de uma família e também pode ser definida como conjunto de ascendentes e de descendentes de uma pessoa (Scantamburlo, 2002). As linhagens não são todas equivalentes e podem conferir direitos desiguais. Uma das desigualdades conferidas é a impossibilidade de um membro de uma

linhagem não proprietária da tabanca aceder ao cargo de Oranhó, isto é, de poder ser a autoridade política suprema (Cardoso, 2008). Na maior parte das ilhas existem apenas quatro Djorsons (Ominka, Ogubane, Oraga e Orakuma), cada uma com os seus poderes mitológicos e seus direitos. Assim, Ogubane tem uma relação especial com o gado e certos animais selvagens, com os hipopótamos e com o mar, enquanto que Ominka tem poder sobre as chuvas, Orakuma tem poderes sobre a terra e Oraga sobre o céu.

Por outro lado, o estatuto de cada indivíduo depende do seu nível etário ou classe de idade, havendo classes de idade diferenciadas para os homens e para as mulheres. O sistema de níveis etários nesta sociedade permite a divisão dos deveres e das responsabilidades entre os membros da tabanca de acordo com as suas capacidades,

que se supõe aumentarem com a educação e a experiência. As classes de idade constituem não só a forma de organização onde cada membro usufrui dos mesmos direitos e se encontra sujeito às mesmas obrigações, mas também um factor de diferenciação e desigualdade social e política (Cardoso, 2008). À medida que um indivíduo passa de um grupo etário para outro, aumentam os seus privilégios e diminuem as suas obrigações, portanto, aumenta a sua categoria social e ele fica cada vez mais próximo dos círculos de decisão e de poder. A passagem de classe de idade depois da iniciação representa vantagens sociais garantidas pelo reconhecimento profundo dos segredos e tabus do grupo étnico (Cardoso, 2008).

Estruturas socioculturais e políticas: o exemplo de Eticoga

O sistema de organização da tabanca Bijagós é agrupado, estando a tabanca organizada em quarteirões ou bairros, onde as casas se agrupam perto umas das outras. Não existe uma organização da tabanca em moranças separadas como em outras etnias da Guiné-Bissau (Fernandes, 1989).

Eticoga é a maior tabanca da ilha de Orango Grande, composta por quatro bairros:

Ancanacube, Etighatchunque, Etubata e Canighabane. A tabanca é um regulado gerido pelos membros da Djorson Oraga, que habitam nos bairros de Etighatchunque e Etubata. O poder é vitalício e alternado entre os membros da Djorson Oraga que habitam nestes dois Bairros.

Cada bairro dos quatro existentes na tabanca tem duas balobas principais. A primeira baloba do bairro é aquela onde são realizadas as cerimónias de fanado, para

todos os moradores, de ambos os sexos, que estão naquela fase de iniciação, também para realização das cerimónias que digam respeito aos assuntos do bairro e da tabanca como um todo. A segunda baloba do bairro é gerida por “defuntos de pano”, uma nova “seita” que existe em Orango, desde há algumas décadas e que tem como grande líder tradicional o curandeiro e djambacosse, Sr. Silva Martins. É composta por um grupo restrito de pessoas que efectuem esta cerimónia, sendo os seus membros homens e mulheres grandes. Ambas as balobas respondem às necessidades cerimoniais dos seus bairros e da tabanca.

A tabanca, por sua vez, tem uma baloba principal que gere os assuntos sociais, culturais e políticos da tabanca, onde o régulo é a principal figura, juntamente com os seus assessores ou conselheiros, que são chamados lacontes, pessoas que já terminaram todas as cerimónias de iniciação. Trata-se de uma baloba que tem o iran maior e mais poderoso da tabanca. A baloba principal da tabanca é frequentada apenas pelos homens que já fizeram a iniciação, a partir da fase “Camabé”. Nela se concentram todos os poderes sobrenaturais através do Iran principal da tabanca. A baloba tem também uma função social como local de cerimónias e de concertação dos assuntos sociais da tabanca e dos seus membros, onde se discutem as cerimónias de fanado, protecção da tabanca, prevenção das doenças, consultas sobre os mortos e o enterro de cada pessoa, cerimónias de cura e prevenção das doenças, através de realização de cerimónias específicas por exemplo para a falta de chuvas, bem como a fertilidade das terras e das pessoas.

Medicina tradicional o saber da terra

De maneira geral, pode dizer-se que os agentes da medicina tradicional se caracterizam por partilharem os valores culturais dos doentes e constituem um grupo com raízes nas comunidades em que estão inseridos. Para estes profissionais a busca da cura tem um sentido holístico, no contexto sociocultural, natural e sobrenatural. Além disso, a aprendizagem é em larga medida feita dentro da própria família, por herança (Mencagli, 1992).

Em África distinguem-se normalmente vários grupos diferentes que trabalham como agentes na medicina tradicional. Na Guiné-Bissau estes agentes são denominados djambacosses, curandeiros, balobeiros, mouros e matronas, sendo que a distinção entre cada grupo não é muito clara nem estanque (Campos & Indjai, 1996).

Segundo a classificação da etnomedicina utilizada por Mencagli (1992), os agentes da medicina tradicional são divididos em três categorias:

- Especialistas em plantas medicinais e/ou em algumas técnicas específicas (consertadores de ossos, dentistas, matronas, especialistas em massagens e aplicação de chifres);
- Especialistas na religião e na cura com cerimónias (djambacosses, balobeiros, mouros);
- Especialistas que fazem uma combinação das duas especialidades acima referidas.

Também Crowley & Ribeiro (1987) constataram durante um seminário realizado com profissionais da medicina tradicional na região de Cacheu, a existência de três tipos de especialistas de curas tradicionais: curandeiro, djambacosse e misto. Esta última categoria combina aspectos das duas

especialidades anteriores.

Os curandeiros são especialistas não religiosos que tratam doenças na base do conhecimento de plantas medicinais e outras técnicas terapêuticas, tais como recolocação dos ossos, massagens, etc. Os djambacosses constituem um grupo difícil de definir devido à sua heterogeneidade. Na sua essência, são especialistas religiosos que desempenham o papel de mediuns dos Iãs. Os agentes mistos (curandeiros/djambacosses) combinam estas funções, mas nem sempre acumulam a totalidade das mesmas (Crowley & Ribeiro, 1987).

Medicina tradicional, medicina oficial e divulgação dos saberes tradicionais

As relações entre a medicina oficial e as práticas terapêuticas tradicionais são em geral marcadas por algum distanciamento e desconfiança mútua. Em Orango, como em todo o território da Guiné-Bissau, a medicina oficial está ainda pouco acessível e em muitos casos não tem meios que permitam tratar convenientemente os problemas de saúde dos habitantes da ilha. No entanto, a nível local são relativamente frequentes as colaborações entre agentes da medicina tradicional e da medicina oficial.

Estas formas de colaboração são em muitos casos facilitadas ou promovidas pela inserção local dos agentes da medicina oficial, em geral enfermeiros, e pela muito frequente falta de meios de diagnóstico e de medicamentos. Uma outra forma de interação é a recolha, transcrição e eventual adaptação de receitas da medicina tradicional e a sua divulgação por religiosos de várias confissões ocidentais, mas principalmente por padres e freiras católicos.

Medicina tradicional dos Bijagós

Os praticantes de medicina tradicional em Orango que foram entrevistados para este trabalho definiram-se como exercendo funções de curandeiro, djambacosse, balobeiro e matrona (mulher que auxilia nos partos). No entanto apenas a função de curandeiro é exercida isoladamente, sendo as restantes exercidas em conjunto com esta (curandeiro e balobeiro, curandeiro e djambacosse, curandeira e matrona). Entre os habitantes de Orango acredita-se que existem muitas plantas com propriedades medicinais que podem ser utilizadas como mezinhas. No entanto, não são conhecidas as possíveis utilizações da maioria delas. Quase todo o Bijagó conhece uma ou mais plantas com utilização medicinal, cujas propriedades vão aprendendo ao longo da vida, mas são poucos os que se revelam como verdadeiros curandeiros e estes trabalham com muita ponderação e humildade.

Os Bijagós de Orango adquirem conhecimentos sobre o uso das plantas medicinais de várias formas. A principal forma de aprendizagem é por transmissão familiar, sobretudo de pai para filho. Outra forma comum de transmissão de conhecimento é através de pagamento ou compra de uma determinada receita, junto de um mestre curandeiro. Por outro lado, algumas receitas de plantas são adquiridas em cerimónias colectivas de iniciação, durante as fases de Canhocam, Cabaro e Camabé. No entanto, para exercer como curandeiro deve-se atingir uma certa maturidade, ou seja, certa idade. Há também casos mais raros em que um curandeiro

afirma ter descoberto uma nova receita, em geral por um processo de revelação. Em regra o novo mezinho é em primeiro lugar aplicado em si próprio ou em alguém que lhe é próximo. Para adquirir o conhecimento sobre o uso das plantas medicinais através de um mestre, deve pagar-se. O pagamento é considerado uma obrigação do interessado e um direito e dever do mestre. O ensinamento sobre as propriedades e a utilização de cada planta deve ser pago, e os preços variam de acordo com as relações entre o aprendiz e o mestre. Para que o aprendiz possa usufruir dos direitos de usar as plantas demonstradas pelo mestre, este deve colocar-lhe a mão na planta, mediante um pequeno ritual de cerimónia. A partir desta cerimónia o aprendiz pode beneficiar da cura desta planta para si e para outras pessoas. Esta é uma regra geral, mesmo na passagem de conhecimento sobre o usos das plantas medicinais de pai para filho. Acredita-se que, se o interessado no conhecimento sobre as plantas não pagar nada ao mestre, o seu mezinho não terá efeitos de cura e também que o mestre pode apanhar uma pancada dos espíritos do mato, caso não tenha cobrado a passagem do conhecimento, ou seja, a transferência do saber sobre o uso das plantas medicinais.

A mulher Bijagó na cura tradicional

Embora o conhecimento e a prática da medicina tradicional seja sobretudo reservado aos homens, as mulheres têm sempre um importante papel na saúde comunitária, cuidando em particular dos problemas de saúde das crianças e de outras mulheres. As mulheres que praticam medicina tradicional adquirem este conhecimento em primeiro

lugar para seus próprios usos e da sua família, podendo também ajudar os amigos e vizinhos quando for necessário e/ou quando for solicitada. Assim, embora as mulheres sejam detentoras de conhecimento sobre as propriedades medicinais das plantas, em geral não se assumem como curandeiras, pois a prática terapêutica tradicional é considerada como uma competência masculina.

Nas entrevistas efectuadas em Orango nenhum homem entrevistado mencionou o nome de uma mulher para a cura tradicional, embora todos saibam que as mulheres jogam um importante papel na saúde comunitária, sobretudo nos tratamentos das crianças e de outras mulheres.

O conhecimento sobre as curas está muitas vezes relacionado com poderes sobrenaturais e a sua transmissão é feita dos mais velhos para os mais novos em processos de carácter mágico-religioso em que habitualmente intervêm apenas homens. Assim, é compreensível o receio por parte das mulheres em se apresentarem como curandeiras e exporem em público aquilo que sabem ou conhecem sobre a cura pelas plantas.

Em Orango, Muscuta da Silva foi a primeira mulher que ousou apresentar-se como curandeira. Aceitou fornecer informações sobre o que sabe das curas e das plantas medicinais e consequentemente motivou mais duas mulheres a falarem das suas práticas.

Muscuta da Silva disse o seguinte: “o meu falecido pai era grande djambacosse e eu fui a única filha que ele teve. O meu pai levava-me ao mato e me ensinava muitas coisas, sabia que não tinha filho macho, então me ensinou várias coisas, como um

macho. Mandava-me buscar as plantas no mato quando precisava e ensinava-me a preparação e forma de administração. Depois do seu falecimento, fiquei a saber várias receitas de plantas medicinais que o meu pai me ensinou, utilizo-as para tratar os meus filhos, netos, vizinhos e os familiares que me solicitam ajuda quando precisam. Eu ajudo-os sem problemas, sobretudo no tratamento das crianças e das mulheres. Foi isso que o meu pai fazia e me ensinou”.

Auscultação de grupos pelo método “djumbai”

Depois de uma semana de trabalho com os curandeiros, cujos nomes já tínhamos na nossa lista de contactos, adoptámos também o método “djumbai,” uma espécie de reunião e entrevista informal não estruturada com os diferentes grupos focais, tais como: um grupo de alunos da Escola de Verificação Ambiental (Eticoga), um grupo de jovens de Eticoga e um grupo de mulheres da mesma tabanca. Em reuniões separadas de carácter informal, foram debatidas questões sobre as plantas medicinais, curandeiros e as doenças mais frequentes. Estas reuniões serviram para reforçar o conhecimento sobre a situação do uso das plantas medicinais no PNO, as forças e as fraquezas do uso das plantas medicinais, numa altura em que a população da ilha vivia há cerca de três anos sem pessoal de saúde colocado no Centro de Saúde local. Serviu também para descobrir mais praticantes de medicina tradicional, reconhecidos e considerados como verdadeiros curandeiros do Parque Nacional de Orango. Infelizmente, não foi possível entrevistar a grande maioria dos curandeiros listados, devido ao escasso tempo de estadia no terreno e à falta de meios logísticos para cobrir todas as ilhas que constituem o PNO.

AS PESSOAS E OS SABERES

Em Orango, como em toda a Guiné-Bissau, as pessoas das comunidades rurais têm uma vida muito ligada à utilização dos recursos naturais para a obtenção dos principais bens e serviços de que necessitam. Ao longo do tempo foram sendo adquiridos e transmitidos de geração em geração conhecimentos sobre as propriedades dos elementos da flora e da fauna locais com interesse para os humanos. No que diz respeito às propriedades medicinais das plantas, embora quase todas as pessoas tenham algum tipo de conhecimento, há especialistas a quem habitualmente se recorre, sobretudo curandeiros e djambacosses.

Dos 13 agentes da medicina tradicional entrevistados em Orango, todos se assumem como curandeiros, embora alguns tenham também outras funções relacionadas com a medicina tradicional, em particular djambacosses, balobeiros e matronas. A aprendizagem das receitas é feita na maior parte dos casos por via familiar, em que é dispensado pagamento pela transmissão dos conhecimentos. A compra de receitas a um mestre é também frequente e o pagamento considerado como necessário para que os mezinhos feitos pelo aprendiz tenham efectivo poder de cura. Em casos mais raros há curandeiros que afirmam ter inventado novas receitas, em regra testadas inicialmente em si próprios.

A idade dos 10 homens e 3 mulheres que colaboraram neste estudo variava, em 2007, entre 50 e 83 anos, com uma média de 68 anos. Pertencem a várias djorson mas todos

têm o estatuto de Oconto, o mais elevado na hierarquia social da ilha. Cada um afirmou ter entre 15 e 49 anos de prática de medicina tradicional. Segundo muitos dos curandeiros entrevistados, a medicina tradicional parece estar em regressão em Orango, face a algum descrédito das novas gerações e eventualmente a um maior acesso à medicina oficial.

A grande maioria dos curandeiros entrevistados nunca teve contactos com a medicina oficial, embora alguns colaborem regularmente com os técnicos de saúde da ilha. Os pacientes tratados são oriundos principalmente da tabanca em que reside cada curandeiro ou da ilha de Orango, mas no caso de especialistas reconhecidos, como por exemplo Silva Martins, há pacientes que se deslocam do exterior para os consultar. O número médio de doentes tratados varia bastante entre curandeiros: entre um mínimo de 6 doentes por ano e um máximo de 50 por mês. Na maioria dos casos não é cobrado o tratamento, dependendo da vontade e das possibilidades do doente a retribuição ao curandeiro. Quando é cobrado o tratamento, o pagamento pode ser feito em dinheiro (1000 a 5000 Francos CFA) ou em géneros (galinhas, ovos, tabaco, etc).

Os agentes da medicina tradicional em Orango

Nas páginas seguintes são apresentados, por ordem alfabética do primeiro nome, os homens e mulheres de Orango que se dispuseram a partilhar connosco os conhecimentos que detêm sobre as propriedades medicinais das plantas, adquiridos e transmitidos ao longo de muitas gerações. Agradecemos a cada um a confiança em nós depositada.

Lista alfabética dos curandeiros que colaboraram neste estudo

Augusto Fernandes Pereira

Augusto Utomb

Joana Monteiro

João latebeto

Joaquim Pereira (Utomb) e Sabino Pereira (filho)

Joaquim Unhamaque

José Obassene

José Vieira Mandinga

Muscuta da Silva

Ramalho do Reno

Raul Iaratano e Domingos Iaratano (filho)

Rosa Cugussamé

Silva Martins e Mário Silva Martins (filho)



AUGUSTO FERNANDES PEREIRA

Eticoga

Dados Pessoais

Augusto Fernandes Pereira, nasceu em Eticoga há 75 anos. É de etnia bijagó e de religião protestante, pertencendo ao djorsom Oraga, com o estatuto mais elevado, de Oconto. É dono ou responsável de um mato sagrado, reservado para fanado dos homens. Desempenhou as funções de comité da tabanca de Eticoga por vários anos, tendo contribuído muito para a criação do PNO. É actualmente o régulo de Eticoga. O seu nível de instrução é a escola primária.

Os Saberes

Exerce as funções de curandeiro e djambacosse há cerca de 49 anos. Aprendeu com mestres a utilização das plantas medicinais. Para além destas funções é também agricultor de pam-pam.

As Práticas Mediciniais

Reconhece a doença e o remédio que deve administrar ao doente pela descrição dos sintomas.

Recebe cerca de 10 pessoas por mês, provenientes principalmente da sua tabanca, mas também de outras ilhas e outras regiões do país.

As pessoas que recorrem a Augusto Fernandes Pereira são de ambos os sexos e de todas as idades.

Conhece vários outros curandeiros em Orango mas não mantém contactos com a medicina oficial.

Plantas e Mezinhos

Segundo este curandeiro, as doenças mais frequentes em Orango são paludismo e febre amarela (hepatites).

As doenças mais tratadas por ele são dores de cabeça e de barriga e as suas especialidades são gonorreia, "mula", partos e diarreia



AUGUSTO FERNANDES PEREIRA
DURANTE A RECOLHA DE
PLANTAS MEDICINAIS

persistente.

Notas Finais Augusto Fernandes Pereira referiu a utilização de seis plantas medicinais em sete mezinhos. As plantas são obtidas facilmente no mato e nos arredores da sua tabanca.



AUGUSTO UTOMB

Ancamona

Dados Pessoais

Nasceu em Ancamona, local onde ainda reside, há 65 anos. É de etnia bijagó e religião católica, pertence à djorson Ominca com o estatuto Oconto. Não é escolarizado.

Augusto Utomb, foi um famoso dançarino de Canhocam da sua tabanca, estava entusiasmado e contou-nos um pouco da sua história: “na época em que dançava, havia muita concorrência, tinha muita fama, mas também, muitas pessoas não gostavam de mim, de repente um dia apareceu uma ferida na minha coxa (era forma de deixar-me parado), fiz todas as tentativas de tratar a ferida, até tomei picadas com medicamento de hospital e vários tipos de tratamento, sem nenhum efeito, a ferida parecia estar a piorar cada vez mais. Um certo dia, como num sonho, algo me conduziu até chegar a esta planta (*Combretum micranthum*) e ajoelhei-me, pedindo a Deus para me oferecer a cura através da planta. Tirei a raiz, pilei e comecei a tratar a minha ferida até ficar bem. A partir de então utilizo as raízes destas plantas para tratar as feridas e o decoto das folhas serve também para lavar as feridas”.

Os Saberes

Exerce funções de curandeiro há 15 anos. Agricultura e corte de chabéu são as duas outras actividades que exerce.

Aprendeu com o seu pai a utilização das plantas medicinais, mas também com algumas outras pessoas que lhe indicavam certos remédios e plantas quando o seu filho esteve doente.

Tem contactos com vários outros curandeiros na sua ilha.

As Práticas Medicinais

Reconhece as doenças através dos sintomas descritos pelo próprio paciente.

Recebe todos os meses cerca de 5 pessoas e trata sobretudo crianças, de ambos os sexos.

Queimaduras, “mandita” e febres das crianças são as doenças

AUGUSTO UTOMB
NA SUA CASA



em que é especialista.

Segundo Augusto Utomb, a doença mais comum em Orango é o paludismo, sendo esta afecção e ataques epilépticos (“durba cabeça”) as doenças que mais trata.

Plantas e Mezinhas

A recolha das plantas medicinais é feita nos arredores da tabanca e no mato, sendo fáceis de obter. A dosagem é feita através de um recipiente, em geral um copo.

Este curandeiro fabrica os mezinhas apenas com o objectivo de utilizá-los na sua tabanca e não para serem usados noutros locais. Augusto Utomb referiu a utilização de seis plantas medicinais em oito receitas diferentes.

Notas Finais

Augusto Utomb transmite os seus conhecimentos sobre plantas medicinais ao seu irmão mais novo, José Utomb.



JOANA MONTEIRO

Eticoga

Dados Pessoais

Nasceu em Eticoga há 55 anos, local onde ainda reside. É de etnia bijagó e religião animista. Pertence à djorson Oraga e tem o estatuto Oconto. Actualmente vive sozinha na sua casinha de palha, o marido e os filhos faleceram todos. Não tem frequência escolar.

Os Saberes

Exerce funções de curandeira e matrona há cerca de 17 anos. Além disso, trabalha na confecção de esteiras, na recolha de combé e de ostras e na bolanha. Aprendeu com a sua mãe as propriedades e utilizações das plantas medicinais. Joana Monteiro conhece várias outras curandeiras e matronas na sua ilha e na sua tabanca, como Sabado Pemperei, Teresa Cassanobo, Rosa Ipuaioco e Maria Pereira (matrona) todas de Eticoga. Também mantém colaboração com a medicina oficial, sobretudo em relação aos partos.

As Práticas Mediciniais

Reconhece a doença pelos sintomas descritos pelo próprio paciente. Recebe cerca de 4 pessoas por mês, em geral todas da sua tabanca. São pessoas de todas as idades e de ambos os sexos. Segundo Joana Monteiro a coceira das crianças (“bitchus”), a baça das crianças e o paludismo são as doenças mais comuns em Orango. A sua especialidade são os problemas de pele nas crianças (“bitchus”) e a doença que mais trata é o paludismo.

Plantas e Mezinhos

As plantas são recolhidas na tabanca e no mato, podendo haver dificuldade na obtenção de algumas durante a época seca. A dosagem dos mezinhos é feita recorrendo a um recipiente de medida. Esta curandeira reportou a utilização medicinal de seis plantas em seis mezinhos diferentes.

Notas Finais

Joana Monteiro não transmite actualmente os seus conhecimentos pois não tem filhos vivos.

JOANA MONTEIRO TRATANDO UMA PACIENTE QUE ESTEVE NO TRABALHO DE CORTE DE "TARA"(*RAPHIA PALMA-PINUS*), PARA CONFEÇÃO DE ESTEIRAS. UM PEDAÇO DE FIBRA ENTROU-LHE NUM OLHO QUE FICOU IRRITADO E AVERMELHADO E ELA FICOU COM A SENSÇÃO DE TER NOS OLHOS UMA PARTÍCULA QUE LHE INCOMODAVA MUITO. JOANA MONTEIRO, PARA EXAMINAR O CORPO ESTRANHO NO OLHO DA SUA PACIENTE COLOCOU UM POUCO DE ÓLEO DE PALMA NA CASCA DE "COMBE" (*ANADARA SENILE*) E COLOCOU-O NO OLHO DOENTE, COMO FORMA DE O LUBRIFICAR. DEPOIS COLOCOU A SUA LÍNGUA PARA INSPECCIONAR E TENTAR DETECTAR QUALQUER PARTÍCULA ESTRANHA NO OLHO DA PACIENTE. SEGUNDO A CURANDEIRA, O USO DA LÍNGUA NESTE TIPO DE EXAME DE CORPOS SÓLIDOS NOS OLHOS É O MAIS INDICADO POR CAUSA DA SENSIBILIDADE DESTES ÓRGÃO. NESTE CASO A LÍNGUA TORNA-SE O INSTRUMENTO MAIS APROPRIADO PARA ESTE TIPO DE EXAME





JOÃO IATEBETO

Ancaboca

Dados Pessoais Nasceu em Ancaboca há 70 anos, onde ainda reside. É de etnia Bijagó e religião animista, pertence à djorson Ominca, tendo o estatuto Oconto. Não foi escolarizado.

Os Saberes Exerce funções de curandeiro e balobreiro há 25 anos, actualmente a tempo inteiro pois já não tem idade para os trabalhos do campo. Aprendeu com o seu cunhado e outros mestres as utilizações das plantas medicinais.

As Práticas Mediciniais Reconhece as doenças e as plantas que deve usar pelas descrições feitas por cada paciente. Recebe em média 5 pessoas por mês, estas são provenientes da sua tabanca e de outras ilhas do Arquipélago tais como Uno e Oracane. Trata sobretudo crianças e idosos, principalmente do sexo masculino, que acompanha na recuperação durante tempo variável. João Iatebeto conhece outros curandeiros em Orango, como Silva Martins, e mantém contacto com a medicina oficial através do enfermeiro do posto de saúde local (Sr. Alfredo).

Plantas e Mezinhos As plantas que utiliza são recolhidas no mato e actualmente não sente dificuldade em encontrá-las. A dosagem dos mezinhos usados é feita com um recipiente (calabaça). Dificuldade de engravidar e hemorragias são as doenças em que se considera especialista. Em Orango as doenças mais comuns são dores no corpo e dores da cabeça, sendo esta a afecção que João Iatebeto mais trata. Referiu cinco espécies de plantas medicinais, utilizadas em cinco mezinhos.

Notas Finais Este curandeiro afirma que faltam pessoas que manifestem interesse em aprender e pagar pela transmissão dos conhecimentos sobre plantas medicinais, como aconteceu consigo.

JOÃO IATEBETO COM AUGUSTO DA SILVA, DURANTE O TRABALHO DE CAMPO DESTE ESTUDO. O CURANDEIRO APRESENTA-NOS "COQUENGUÊ" (*PROSOPIS AFRICANA*) QUE UTILIZA PARA TRATAR CASOS DE DIFICULDADE EM ENGRAVIDAR E HEMORRAGIAS. ESTE É O INDIVÍDUO DESTA ESPÉCIE MAIS PRÓXIMO DA TABANCA, POR ISSO OBSERVAM-SE MUITAS CICATRIZES NO SEU TRONCO, UM SINAL DE MUITA PROCURA E POUCA ABUNDÂNCIA DA ESPÉCIE NESTA ZONA





JOAQUIM PEREIRA (UTOMB) E SABINO PEREIRA (FILHO)

Ancaboca

Dados Pessoais

Nasceu há 83 anos em Ancaboca, local onde ainda reside. É de etnia Bijagó e religião animista. Pertence à djorson Ominca e tem o estatuto Oconto. Não teve instrução escolar. Joaquim Pereira, mais conhecido por Utomb (nome de fanado) é um senhor com idade avançada e tem problemas de vista (tinha feito há poucos meses uma operação às cataratas em Bissau), parecia-lhe que os problemas da vista tinham piorado depois da intervenção cirúrgica e lamentava isso, porque antes, apesar de fraca visão conseguia enxergar melhor. Disse-nos que passa o conhecimento sobre usos de plantas medicinais ao seu filho Sabino Pereira que o ajuda na busca de plantas no mato quando precisa. Salienta que tem muita coisa a passar ao filho, que no entanto não demonstra muito interesse.

Os Saberes

Exerce funções de curandeiro e balobeiro. Apesar da sua idade avançada, ainda pratica agricultura. Aprendeu a utilizar as plantas medicinais com um mestre de Bubaque, a quem comprou as receitas. Este curandeiro disse que antigamente não se podia divulgar a utilização das plantas medicinais nem mencionar o nome de quem o fizesse, pois todas as pessoas eram obrigadas a ir tratar-se no posto sanitário. Quem fosse apanhado na prática da cura tradicional era severamente castigado corporalmente.

As Práticas Mediciniais

Reconhece a doença e os remédios a usar devido aos sintomas descritos pelos pacientes. Cerca de 10 pessoas por ano recorrem a este curandeiro. São pessoas da sua tabanca, da sua ilha e ainda de outras ilhas do Arquipélago tais como Bubaque, Uno e Oracane. Joaquim Pereira é especialista no tratamento de dores de barriga. Segundo ele, a doença mais comum em Orango é o paludismo, sendo



SABINO PEREIRA COLHENDO BISSACA
(*BRIDELIA MICRANTHA*)

também esta a doença que mais trata, sobretudo em crianças. Os pacientes são em geral de ambos os sexos e de todas as idades, que são acompanhados pelo curandeiro durante a recuperação.

Plantas e Mezinhos

As plantas que utiliza são obtidas no mato e nas redondezas da sua tabanca. Encontra algumas dificuldades em obtê-las, uma vez que tem problemas de vista, e ainda pelo facto de algumas só se encontrarem longe da tabanca.

Para a dosagem utiliza um recipiente, no caso uma cabaça.

Alguns dos seus mezinhos são enviados para Bubaque, Uno e Oracane. Joaquim Pereira referiu a utilização de cinco plantas medicinais, em igual número de receitas.

Notas Finais

O seu filho, Sabino Pereira e alguns outros jovens são seus discípulos, mas actualmente a maioria dos jovens não gosta de aprender os usos das plantas medicinais. Joaquim Pereira utiliza óleo de palma para tratar as orelhas dos cachorros.



JOAQUIM UNHAMAQUE

Eticoga

Dados Pessoais Nasceu em Eticoga, localidade onde ainda reside, há 65 anos. É de etnia Bijagó e de religião animista, pertencendo ao djorsom Ugubane, tem o estatuto mais elevado, de Oconto. Não foi escolarizado.

Os Saberes Exerce a função de curandeiro há 15 anos, mas pratica também a agricultura. Aprendeu as técnicas de curandeiro com o seu irmão mais velho.

As Práticas Medicinais Joaquim Unhamaque reconhece as doenças pelos sintomas descritos pelos próprios pacientes. Recebe em média cerca de 5 pessoas por mês, provenientes da própria tabanca. Trata habitualmente pessoas de ambos os sexos e de todas as idades. Conhece vários outros curandeiros em Orango, mas até ao presente não manteve contactos com a medicina oficial. Segundo este curandeiro, as doenças mais frequentes em Orango são febres, dores de cabeça e dores de barriga e as doenças que mais trata são as febres das crianças e a baça. A sua principal especialidade é o tratamento das diarreias e vómitos constantes.

Plantas e Mezinhos Na entrevista com ele efectuada, Joaquim Unhamaque indicou oito receitas de mezinhos, em que são utilizadas sete espécies de plantas. As plantas por ele utilizadas são obtidas no mato e a sua recolha não é difícil. A dosagem dos mezinhos é feita com um recipiente, habitualmente um copo de ¼ litro.



JOAQUIM UNHAMAQUE

Notas Finais Joaquim Unhamaque está em vias de transmitir os seus conhecimentos ao filho, Carlitos Joaquim Unhamaque.



JOSÉ OBASSENE

Eticoga

Dados Pessoais

Nasceu em Eticoga, sua residência actual, há 65 anos. É de etnia bijagó e religião animista, pertencendo ao djorson Ogunané, tendo o estatuto mais elevado, de Oconto. Não foi escolarizado. Disse que foi grande dançarino de Canhocam na sua juventude. Ganhou muita fama, representando a sua tabanca nas competições de danças com outras tabancas. O seu pai e vários homens grandes ensinavam-lhe muitos segredos do mato e as plantas, para se proteger contra qualquer mal (Djanfa) que os seus adversários pudessem preparar contra ele. Obassene lamenta muito que os jovens estejam a deixar perder esta maravilhosa dança cultural dos Bijagós.

Os Saberes

Exerce a função de curandeiro há 15 anos. Agricultura, extracção de vinho de palma e corte de chabéu são as outras actividades exercidas por José Obassene. Aprendeu a maior parte das receitas com familiares mas também comprou algumas receitas junto de outros curandeiros mais experientes.

As Práticas Mediciniais

Reconhece as doenças e escolhe os remédios a administrar pelos sintomas descritos pelo próprio doente. Em média trata 2 pessoas por mês, provenientes da sua tabanca. Os pacientes que o procuram são geralmente de ambos os sexos e de todas as idades. José Obassene conhece outros curandeiros na sua ilha, embora prefira não os referir.

Plantas e Mezinhos

As plantas que utiliza são colhidas no mato e perto da sua tabanca, não sendo difícil obtê-las. A dosagem é feita num copo de litro, com excepção no caso de



JOSÉ OBASSENE RECOLHENDO CASCA DE
MAMPATACE (*PARINARI EXCELSA*)

picada de cobra, em que o paciente tem que tomar bastante remédio até que vomite. Os mezinhos são preparados para usar apenas na sua tabanca.

O tratamento que faz com maior frequência é contra as mordeduras e picadas de cobras. Além desta, as suas outras especialidades são dores de rabada, tosse e inchaços.

Segundo este curandeiro as doenças mais comuns em Orango são dores da cabeça, dores da barriga e tosse.

Foram por ele identificadas 10 plantas medicinais, utilizadas em igual número de receitas.

Notas Finais José Obassene não transmite actualmente os seus conhecimentos pois afirma que as crianças e jovens da tabanca fogem e distanciam-se dele, por não acreditarem nas plantas medicinais. Gostam apenas de saber sobre as plantas ou remédios ligados à procura de mulheres.



JOSÉ VIEIRA MANDINGA

Eticoga

Dados Pessoais

Nasceu em Anor, há 68 anos, e vive actualmente em Eticoga, Orango. É de etnia bijagó e religião protestante. Pertence ao djorson Oraga e tem o estatuto mais elevado, de Oconto. Não foi escolarizado.

Trabalhou vários anos como guarda nocturno das instalações do Parque Nacional de Orango.

É de salientar que o José Vieira Mandinga foi o primeiro curandeiro sensibilizado em Orango para colaborar neste estudo sobre o uso das plantas medicinais.

Os Saberes

Exerce a função de curandeiro, há cerca de 20 anos. Agricultura na bolanha e no pam-pam são as suas outras actividades.

Aprendeu a função de curandeiro comprando as receitas a curandeiros mais experientes.

As Práticas Mediciniais

José Vieira Mandinga conhece as doenças e os mezinhos que deve usar através dos sintomas descritos pelos doentes.

Recebe cerca de 3 pessoas por semana, provenientes principalmente da sua tabanca mas também de outras regiões do país. Por vezes também prepara mezinhos para serem enviados para outros locais, nomeadamente Bissau.

Conhece vários outros curandeiros na sua ilha e já teve contactos com a medicina oficial, participando num seminário de trocas de experiências em Bubaque.

A maioria dos seus pacientes é do sexo masculino e de todas as idades, já que a especialidade deste curandeiro é a impotência sexual masculina.

Trata também com frequência dor de rabada, anemia e dificuldades durante o parto para expulsar o feto.

JOSÉ VIEIRA MANDINGA
JUNTO À SUA MORANÇA



Plantas e Mezinhas As plantas são obtidas no mato e perto da sua tabanca. O maior obstáculo em obter estas plantas é o facto de algumas só se encontrarem em Anor.

O medidor usado para os mezinhas é uma colher, sendo a dosagem administrada consoante a gravidade da doença. Na entrevista que lhe foi feita José Vieira Mandinga referiu três espécies de plantas medicinais, utilizadas em igual número de receitas.

Notas Finais Presentemente José Vieira Mandinga não faz a transmissão dos seus conhecimentos. Afirma que os jovens não valorizam a cura tradicional. Quando pede ajuda aos jovens para irem colher uma planta medicinal no mato pedem uma retribuição em troca pois o paciente irá pagar também ao curandeiro.



MUSCUTA DA SILVA

Eticoga

- Dados Pessoais** Nasceu em Eticoga há 50 anos, actual residência e passa grande parte do seu tempo em Anor, sobretudo na época das chuvas, para a produção agrícola. É de etnia bijagó e de religião animista. Pertence à djorson Ogubané, tendo o estatuto Oconto. É actualmente viúva e não foi escolarizada. Foi a primeira mulher em Orango que se ofereceu para fornecer algumas informações sobre as plantas medicinais, conhecimento esse que adquiriu desde pequena através do seu falecido pai.
- Os Saberes** Exerce a função de curandeira e de matrona há 20 anos, que no entanto não é executada a tempo inteiro, pois também pratica agricultura de bolanha e confecção de esteiras. Aprendeu com o seu pai as propriedades e utilizações das plantas medicinais. Também descobriu uma nova receita: folhas novas de caju, para amarrar na cabeça quando se sentem dores fortes na cabeça. Embora conheça outros curandeiros em Orango, Muscuta da Silva não revela os seus nomes.
- As Práticas Mediciniais** O reconhecimento das doenças é feito pela observação do doente e pelos sintomas apresentados. Recebe em média cerca de duas pessoas por mês, provenientes da sua tabanca. Os pacientes são principalmente bebés e crianças, de ambos os sexos, que são acompanhadas por tempo variável. Muscuta da Silva afirma que as doenças mais comuns em Orango são paludismo, febres e dores de barriga, sendo o paludismo a que mais trata. Afirma ter uma boa colaboração com o pessoal do Centro de Saúde local. Também tem ajudado várias mulheres da sua comunidade nos trabalhos de parto.

MUSCUTA DA SILVA
MOSTRANDO A CICATRIZ
DE UMA QUEIMADURA DA
SUA NETA, CURADA POR
ELA MESMA



Plantas e Mezinhas As plantas medicinais utilizadas por esta curandeira são obtidas no mato e não tem dificuldade em encontrá-las. Na dosagem dos mezinhas é utilizada uma colher como medidor. As doenças que Muscuta da Silva cura melhor são febres das crianças, partos e problemas menstruais. Na entrevista que lhe foi feita referiu oito espécies de plantas medicinais, utilizadas em 10 receitas.

Notas Finais Muscuta da Silva não faz actualmente a transmissão dos seus conhecimentos sobre plantas medicinais porque a sua filha é muito jovem ainda.



RAMALHO DO RENO

Ambuduco

Dados Pessoais Nasceu em Paiunco na região de Quinara, Sector de Empada, há 65 anos. A sua actual residência é em Ambuduco, Orango. É de etnia bijagó e religião protestante. Pertence à djorson Oraga, tendo o estatuto Oconto. Não foi escolarizado.

Os Saberes Exerce a função de curandeiro há 39 anos. Pratica ainda horticultura, fruticultura e agricultura de pam-pam. Aprendeu com o seu pai que era djambacosse e adivinho (bota-sorta, em crioulo) as utilidades e as propriedades das plantas medicinais. Introduziu também a planta oredja-di-rato (cr) no tratamento de dores de barriga, tendo-a experimentado primeiro em si próprio obtendo bons resultados. Conhece outros curandeiros na sua ilha, nomeadamente Silva Martins, mas não teve contactos com a medicina oficial.

As Práticas Medicinais Ramalho do Reno reconhece as doenças pelos sintomas descritos pelo paciente. Em média recebe cerca de 20 pessoas por mês, provenientes da sua tabanca, da sua ilha, de outras ilhas do arquipélago tais como Ganogo e Menegue e ainda de outras regiões do país. Geralmente os pacientes são de ambos os sexos e de idades variadas. Este curandeiro tem como principais especialidades o tratamento da gonorreia, “mula”, diarreia constante e partos. Acompanha os doentes durante até 5 dias, até que fiquem melhor, tanto aqueles que estejam alojados na sua casa como aqueles que estão em suas próprias casas.

Plantas e Mezinhos As plantas são facilmente obtidas, a colheita é feita no mato e perto da sua tabanca. A dosagem dos mezinhos é feita com uma colher.

RAMALHO DO RENO
JUNTO À SUA CASA



Alguns dos mezinhos e plantas medicinais que utiliza são também enviados para outros locais tais como Bissau e até Portugal. Ramalho do Reno referiu 12 espécies de plantas medicinais, utilizadas em 13 receitas distintas.

Notas Finais Segundo este curandeiro as crianças e jovens da sua tabanca não estão interessados em aprender sobre o uso das plantas medicinais, razão pela qual não transmite actualmente os seus conhecimentos.



RAUL IARATANO E DOMINGOS IARATANO (FILHO)

Eticoga

Dados Pessoais Nasceu em Eticoga, onde ainda reside, há 74 anos. É de etnia bijago e religião animista. Pertence à djorson Oraga e tem o estatuto Oconto. Não foi escolarizado. Actualmente, é um dos homens mais velhos em Eticoga.

Os Saberes Exerce a função de curandeiro e balobeiro há cerca de 35 anos, para além de praticar agricultura. Aprendeu as receitas com outros mestres, através de compra. Raul Iaratano conhece outros curandeiros na sua ilha, como João latebeto em Ancaboca e Silva Martins em Madina, mas nunca teve colaboração com a medicina oficial.

As Práticas Medicinais Para a identificação das doenças recorre à descrição dos sintomas pelo doente. Recebe cerca de 6 pessoas por ano, provenientes da sua tabanca. Geralmente, são crianças do sexo feminino e mulheres, que acompanha durante a recuperação. Raul Iaratano é especialista no tratamento das mulheres com dificuldades de engravidar e que tenham dificuldades no parto. Segundo este curandeiro, as doenças mais comuns em Orango são dores de cabeça e dores da barriga. Os tratamentos que faz com maior frequência são a dores da barriga e a dificuldades das mulheres em engravidar.

Plantas e Mezinhos As plantas são colhidas no mato e já sente alguma dificuldade na sua recolha devido à sua idade avançada, tendo que recorrer à ajuda do seu filho, Domingos Iaratano. A dosagem é feita com um recipiente medidor, em geral um copo. Este curandeiro referiu a utilização de sete plantas medicinais, em igual número de receitas.



DOMINGOS IARATANO
RECOLHENDO A RAIZ DE "COROCONDE"
(*HYMENOCARDIA ACIDA*), QUE UTILIZA PARA
TRATAR MULHERES COM DIFICULDADES DE
ENGRAVIDAR

Notas Finais Embora, segundo Raul Iatarano, actualmente os jovens não prestem atenção às curas tradicionais, o seu filho Domingos Iaratano está a receber do pai os conhecimentos nesta área.



ROSA CUGUSSAMÉ

Eticoga

Dados Pessoais

Nasceu em Ancopado há 75 anos e actualmente vive em Eticoga, Orango. A sua etnia é Bijagó e a religião animista. Não teve instrução escolar. É uma das mulheres mais velhas em Eticoga. Passa grande parte do seu tempo na baloba, sobretudo à noite, é uma autêntica guardiã da baloba central de Eticoga.

Os Saberes

Exerce a função de curandeira e balobeira. Coloca água e acende o fogo na baloba da tabanca há 30 anos. Aprendeu os seus conhecimentos de medicina tradicional com o seu marido, já falecido, que também era um reconhecido curandeiro. Rosa Cugussamé conhece outros curandeiros na sua ilha, como Silva Martins em Madina e João latebeto em Ancaboca, mas nunca teve colaboração com a medicina oficial.

As Práticas Mediciniais

Reconhece a doença e o remédio que vai administrar ao paciente pelos sintomas referidos pelo próprio. Recebe em média cerca de dois pacientes por mês, provenientes da sua própria tabanca, que são de ambos os sexos e de todas as idades. Segundo Rosa Cugussamé, as afecções mais comuns em Orango são dores no corpo e dores de barriga. As doenças que melhor sabe tratar são as dores de “rabada” (dores lombares) e as dores do corpo, sendo estas as que mais frequentemente trata.

Plantas e Mezinhos

As plantas usadas são colhidas nos arredores da sua tabanca e no mato. Sente dificuldades em encontrar certas plantas, mencionando que algumas existem e outras não devido ao trabalho de Deus. A dosagem dos seus mezinhos é feita recorrendo a um recipiente de medida. Rosa Cugussamé referiu a utilização de quatro plantas medicinais em outras tantas receitas.

Notas Finais

Esta curandeira está em vias de transmitir os seus conhecimentos de medicina tradicional à sua filha, Aminata Cugussamé.

ROSA CUGUSSAMÉ
RECOLHENDO PLANTAS MEDICINAIS





SILVA MARTINS E MÁRIO SILVA MARTINS (FILHO)

Madina

Dados Pessoais Silva Martins, nasceu em Eticoga há 75 anos e vive actualmente numa ponta situada em Madina, Orango. É de etnia Bijagó e de religião animista, pertencendo ao djorsom Oracuma, onde tem o estatuto mais elevado, de Oconto. Não foi escolarizado.

Os Saberes Exerce funções de curandeiro e djambacosse há cerca de 40 anos, presentemente a tempo inteiro. Aprendeu com mestres Bijagós e Nalus as propriedades e utilizações das plantas medicinais.

As Práticas Mediciniais Silva Martins reconhece as enfermidades pela descrição dos sintomas feita por cada doente, mas também consulta a sua baloba antes de iniciar o tratamento dos seus pacientes. Recebe cerca de 50 pessoas por mês, provenientes tanto da sua ilha e de outras ilhas do Arquipélago, como de outras regiões do país e do estrangeiro. São pessoas de ambos os sexos e de todas as idades, a quem trata sobretudo problemas de "maus espíritos, irã atrás de uma pessoa, epilepsia" e que acompanha em geral durante 3 a 7 dias. Silva Martins é também djambacosse reconhecido não só no domínio das curas tradicionais, como também na evocação de espíritos através da sua baloba, com o que tem ajudado muitas pessoas em outros domínios, tais como ter sucesso nos negócios, nas viagens e no trabalho.

Plantas e Mezinhos As plantas que utiliza são obtidas na vegetação local. Embora não sinta dificuldades na colheita das plantas medicinais que utiliza, algumas só se encontram longe da tabanca. A dosagem dos seus mezinhos é feita por Silva Martins recorrendo a um recipiente de medida. Alguns dos mezinhos que fabrica são enviados para fora das ilhas, nomeadamente para Bissau, França e Portugal.



SILVA MARTINS

NO INTERIOR DA SUA BALOBA, ONDE FEZ UMA PEQUENA CERIMÔNIA, OU SEJA, CONSULTA AO IRAN, LOGO DEPOIS DA NOSSA CHEGADA E ANTES DA IDA AO MATO PARA APRESENTAÇÃO DAS PLANTAS MEDICINAIS; O RITUAL FOI FEITO COM AGUARDENTE E TABACO

Segundo Silva Martins as doenças mais frequentes na sua comunidade são dores da cabeça, corpo, barriga e maus espíritos. A planta que mais utiliza é banana-santchu (cr), *Uvaria chamae* e, segundo ele a planta cussinre (bj) é considerada sagrada e só pode ser tocada com realização prévia de cerimônia.

Este curandeiro trata também alguns animais como vacas e porcos, mas somente feridas.

Este curandeiro reportou a utilização de cinco plantas medicinais, em igual número de receitas.

Notas Finais

Silva Martins pode considerar-se como o curandeiro com mais prestígio em Orango. Conhece vários outros praticantes de medicina tradicional na ilha e quase todos os curandeiros entrevistados mencionaram o seu nome com muito respeito, sendo conhecido e respeitado também no exterior, mas nunca colaborou com os agentes da medicina oficial. Ao contrário do que acontece com vários outros agentes da medicina tradicional em Orango, os saberes de Silva Martins não correm o risco de se perderem, pois o seu filho Mário já é praticante e será o seu sucessor. Por isso o seu pai confiou-lhe a tarefa de se deslocar com a nossa equipa para apresentar algumas plantas medicinais que utiliza.

AS PLANTAS MEDICINAIS

A flora medicinal de Orango

Entre os habitantes de Orango acredita-se que existem muitas plantas com propriedades medicinais que podem ser utilizadas como mezinhas. No entanto não são conhecidas as possíveis utilizações da maioria delas.

Quase todo o Bijagó conhece uma ou mais plantas com utilização medicinal, cujas propriedades vão aprendendo ao longo da vida, mas são poucos os que se revelam como verdadeiros curandeiros e estes trabalham com muita ponderação e humildade.

A flora do Arquipélago dos Bijagós compreende algumas centenas de espécies e a maior parte delas ocorre provavelmente em Orango também Catarino (2004), com base em espécimes de herbário colhidos nas ilhas, referiu a existência na vegetação natural do Arquipélago dos Bijagós, de cerca de 450 espécies de plantas vasculares, menos de um terço da flora vascular da Guiné-Bissau, estimada em cerca de 1500 espécies. No entanto, a flora das outras regiões do país apresenta números bastante superiores, pelo que o número de espécies presentes no Arquipélago deverá estar bastante subestimado.

Os 13 praticantes de medicina tradicional entrevistados em Orango referiram a utilização de um total de 46 espécies de plantas vasculares, pertencentes a 27 famílias e 43 géneros, correspondendo a

cerca de um décimo da flora conhecida do Arquipélago dos Bijagós. As famílias com maior número de espécies medicinais são as Euforbiáceas, com 4 espécies, as Combretáceas, Cesalpiniáceas e Rubiáceas, com três espécies cada, e as Anacardiáceas, Anonáceas, Apocináceas, Crisobalanáceas, Fabáceas, Labiadas, Mimosáceas, Meliáceas, Moráceas e Rutáceas, com duas espécies cada. A lista das espécies de plantas utilizadas como medicinais e respectivas famílias é apresentada no Capítulo 4.

Na distribuição das plantas medicinais referidas de Orango por tipos morfológicos ou hábitos, 23 espécies são árvores, 15 são arbustos, 6 são ervas e 2 são lianas. Das espécies referidas, 38 são autóctones e 8 são introduzidas. Destas, metade são árvores frutícolas cultivadas (cajueiro, lima, mangueira, papaieira) sendo as restantes arbustos e ervas inicialmente cultivados e presentemente subspontâneos.

Mezinhas e sua preparação e administração

No total, foram referidas pelos curandeiros entrevistados 95 receitas, correspondendo a 76 utilizações diferentes da flora medicinal de Orango. Cada receita foi referida por um a quatro curandeiros e para cada espécie medicinal foram reportadas

uma a três utilizações diferentes. No entanto, a maioria das receitas foi referida por um curandeiro apenas e a maior parte das plantas têm uma só utilização reportada. Quanto à aprendizagem das 95 receitas referidas, a via mais frequente é a transmissão familiar, referida em 65 casos. Ocorre em geral de pai para filho mas pode ser também de marido para mulher ou do irmão mais velho para o mais novo, por exemplo. Segue-se a obtenção da receita através de um mestre, em regra por compra da receita, referida em 28 casos. Em dois casos o curandeiro afirmou ter descoberto uma nova receita, correspondendo a nova utilização medicinal de uma planta.

A preparação dos mezinhos a partir do material vegetal pode ser feita de várias formas e inclui frequentemente mais que um procedimento. Os procedimentos mais comuns são a descasca, a trituração, em geral com um pilão, a fervura em água ou decocção e a maceração, ou seja a colocação do material vegetal em água

sem aquecimento (ver tabela). Em duas receitas o material vegetal é utilizado directamente, sem qualquer preparação prévia.

Em cerca de dois terços das receitas (52) apenas é utilizado um componente vegetal, enquanto em 24 receitas há associação de dois ou mais componentes. Estes podem ser outras plantas ou partes delas (em 11 receitas, em que intervêm 9 plantas diferentes), sal e óleo de palma, em cinco receitas cada, e outros produtos de origem animal ou vegetal em 3 receitas.

Quanto aos tipos de administração, dependem da natureza da doença ou condição a tratar. A administração oral é a mais utilizada, correspondendo a 42 receitas, seguindo-se a via tópica, em 10 casos, o banho em seis e a inalação em cinco. Em 10 receitas a administração é feita por mais que uma via, frequentemente banho e administração oral.

Procedimento	Receitas	Procedimento	Receitas
descasca	34	aquecimento	4
trituração	32	espremer	2
decocção	31	raspagem	2
maceração	26	queima	1
secagem	5	mastigação	1

Partes das plantas utilizadas

As partes das plantas mais utilizadas são as folhas, incluindo folhas jovens, presentes em 32 receitas, seguindo-se as raízes, em 29 e a casca do tronco, em 15 receitas. Em seis receitas, em que intervêm plantas herbáceas de pequeno porte é utilizada toda a parte aérea. Menos utilizados são os frutos, seiva ou ramos com folhas, referidos numa receita cada. Na maioria das receitas apenas é utilizada uma parte da planta medicinal mas é também habitual a utilização de mais que um componente de uma planta na mesma receita, frequentemente folhas em conjunto com raízes e em menos casos folhas com a casca do tronco ou com seiva. A mesma receita pode ter variantes, em que um curandeiro utiliza por exemplo a casca do tronco e outro utiliza as raízes ou as raízes e folhas da mesma planta para o mesmo tratamento.

Doenças tratadas e custo dos tratamentos

Quanto às doenças tratadas pelos curandeiros entrevistados em Orango, uma larga maioria pode ser agrupada em seis conjuntos (ver tabela). Deve referir-se no entanto que por vezes é difícil fazer uma boa correspondência entre as doenças referidas pelos curandeiros e as doenças reconhecidas pela medicina oficial. É o caso por exemplo da baça, uma doença dos recém-nascidos para a qual não conseguimos encontrar correspondência. As dores são a afecção com maior número de receitas referidas, num total de 17, sendo de destacar as dores de cabeça

com cinco receitas, as dores no corpo com quatro e as dores de dentes com três receitas. As doenças das mulheres relacionadas com a gravidez e parto e dos recém-nascidos são tratadas por 16 receitas, das quais cinco facilitam os partos difíceis, quatro tratam a infertilidade feminina e três são usadas na baça das crianças. Quanto a problemas intestinais, que são objecto de 12 receitas, as diarreias e dores de barriga são tratadas em nove receitas e a obstipação em três. Nos problemas de pele, para os quais foram referidas 10 receitas, as inflamações e infecções em várias partes do corpo são o problema mais comum. As febres, tosse e paludismo são tratadas por 7 mezinhas, sendo por vezes difícil saber qual a origem da febre. As mordeduras de cobra, para as quais foram referidas cinco receitas num total de sete, são o problema mais importante em relação a picadas, mordeduras e envenenamentos. As sete receitas restantes tratam uma ampla gama de afecções: distúrbios mentais, problemas neuromusculares, gonorreia, impotência sexual masculina, falta de apetite, hepatite e hipertensão, embora a correspondência entre cada doença referida pelos curandeiros e a tipologia de doenças da medicina oficial seja por vezes difícil de estabelecer.

Em relação ao custo do tratamento, na maioria dos casos não é cobrado o mezinho, dependendo da vontade e das possibilidades do doente a retribuição ao curandeiro. Nos casos em que é cobrado o tratamento, o pagamento pode ser feito em dinheiro (1000 a 5000 Francos CFA) ou em géneros (galinhas, ovos, tabaco, etc)

Grupos de doenças	Receitas	Doenças ou condições e número de receitas
Dores	17	Dores de cabeça 5; dores do corpo 4; dores de dentes 3; dores de estômago 2; dores de ouvidos 2; dores lombares 1
Gravidez, parto, aleitamento e doenças dos recém-nascidos	16	Parto (facilitador) 5; infertilidade feminina 4; baça das crianças 3; antiabortivo 2; restabelecimento pós-parto 1; falta de leite 1
Problemas intestinais	12	Diarreia e dores de barriga 9; obstipação 3
Inflamações cutâneas, feridas e queimaduras	10	Inflamação ou infecção (pés, pele, corpo) 6; queimaduras 2; feridas 2
Tosse, febres, paludismo	7	Febre 3; tosse 2; gripe 1; paludismo 1
Picadas, mordeduras e envenenamentos	7	Mordedura / picada de cobra 5; picada de raia 1; venenos (antídoto) 1
Outros	7	Distúrbios mentais 1; problemas neuromusculares 1; gonorreia 1; falta de apetite 1; hepatite 1; hipertensão 1; impotência sexual masculina 1

Plantas utilizadas na medicina tradicional em Orango

Nas páginas seguintes são apresentadas as 46 plantas medicinais referidas pelos 13 curandeiros de Orango que foram entrevistados e concordaram em transmitir os seus conhecimentos.

As espécies estão ordenadas alfabeticamente pelos nomes científicos. Em anexo podem ser consultados índices com a correspondência entre os nomes vernáculos e os nomes científicos das plantas e uma lista das utilizações referidas.



ABRUS PRECATORIUS SUBSP. *AFRICANUS* VERDC.

Fabaceae

ovocate (bj); planta-di-açúcar (cr)

Infrutescência (foto MAD)

Outros Nomes benambô, bunámbô (bf); cassenti (fs); n'tchet, camdoudou (nalu)

Hábito e Ecologia Pequena trepadora lenhosa que na Guiné-Bissau ocorre principalmente em floresta aberta, savana arborizada e orla de mangal. Tem folhas compostas, com folíolos de diminutas dimensões e é doce como o açúcar.

A planta é obtida em hortas de caju. Esta espécie é facilmente obtida na época das chuvas; já na época seca a planta perde as folhas e utilizam-se as raízes para a mesma finalidade.

Utilizações em Orango Referida por Ramalho do Reno, que aprendeu a receita com o seu pai. É utilizada para limpar a barriga dos bebés, e também para prevenir a "baça" nas crianças antes do umbigo cair. É usada toda a parte aérea da planta, constituída pelas folhas e caules. Faz-se a trituração das folhas com as mãos, em água limpa e administra-se por via oral às crianças, uma colher de chá, manhã e à tarde, até o umbigo cair.

Outras Utilizações Esta planta tem outras utilizações medicinais na Guiné-Bissau. As folhas são usadas na impotência sexual masculina e em dores de dentes e de barriga.

ABRUS PRECATORIUS
ASPECTO DAS FOLHAS (FOTO BI)





ADANSONIA DIGITATA L.

Bombacaceae

uvato (bj); cabaceira (cr)

Hábito da planta (foto LC)

Outros Nomes láté, átè (ba), buàs (bf); uáto (bj); cabaceira, cabacera, calabacera (cr); baobab, pain de singe (o fruto) (fr); bôè (fu); bedom-hal, burungule-burúnque (mc); citô (md); bebáque, bedom-hal, brungal (mj); m'béke (nl); burungule (pp); cabaceira, calabaceira, imbondeiro (pt); kiri (ss),

Hábito e Ecologia Árvore de grande porte que atinge cerca de 20 metros de altura. Ocorre essencialmente junto das povoações onde é cultivada. Esta planta obtém-se facilmente, em qualquer altura do ano, pois é cultivada nas povoações.

Utilizações em Orango Referida por Augusto Utomb, que aprendeu a receita com um homem grande da sua tabanca, é utilizada para ajudar as mulheres durante o parto.

A parte da planta utilizada corresponde às folhas frescas, novas, que sofrem um processo de esmagamento no pilão e são colocadas a macerar em água.

Este mezinho é administrado por via oral, numa única dose de no máximo dois copos de um quarto de litro. A parturiente pode dar à luz pouco tempo depois de tomar o remédio.

Segundo Augusto Utomb pode misturar-se neste mezinho rabo de peixe raia, cortado em pequenos pedaços. Esta mistura serve para tornar o remédio mais forte pois, segundo o curandeiro, as mulheres dão à luz na maré-cheia e também o peixe raia é mais activo quando a maré está a subir.

Outras Utilizações A polpa dos frutos, que é comestível, é utilizada na Guiné-Bissau para fazer refrescos e as folhas jovens são utilizadas como legume (sigà ou lalo, cr.).

ADANSONIA DIGITATA
FLOR (FOTO LC)





ALLOPHYLUS AFRICANUS

P. BEAUV.

Sapindaceae

epec (bj); três-folhas (cr)

Aspecto da planta adulta (foto BI)

Outros Nomes manau (ba); buguintchô-buiare (bf); bugóentchom (bj); cordele, coleála, colehela, sambadjadei, sambassatáe, sámasatái, sataga (fu); vêvê-om (md); bugaintchom; futété (ss); anhesse (td)

Hábito e Ecologia Arbusto com 2 a 3 m de altura, com folhas trifolioladas. Na Guiné-Bissau ocorre em floresta densa, floresta brenhosa, floresta aberta, savana arborizada, galerias florestais e margens de rios, palmar e lala. Em Orango é colhida habitualmente no mato em regeneração, junto às tabancas. É fácil de obter mas perde as folhas nos meses de Janeiro e Fevereiro. Nos últimos anos parece ser mais abundante, devido à melhor conservação do mato.

Utilizações em Orango Referida por Raul Iratano, que aprendeu a receita com um mestre de etnia balanta, para o tratamento de coceira e “impintchu” (problemas de pele, fungos). São utilizadas as folhas, tanto em fresco como secas ao sol, em aplicação tópica. Em fresco, as folhas são fervidas com água e lava-se com essa água a parte do corpo afectada. Também se usam as folhas secas ao sol e trituradas (piladas) até ficarem em pó, que é colocado na zona infectada depois do banho ou lavagem. Nesse caso, para que o remédio possa aderir ao corpo do doente na zona infectada, as folhas secas piladas podem ser misturadas com um pouco de óleo de palma fresco. Pode igualmente tomar-se banho ou lavar a zona afectada com a água da fervura dia sim, dia não, e colocar o remédio em pó ou em pasta após a lavagem. O tratamento pode causar ardor quando se lava a parte do corpo infectada.



ALLOPHYLUS AFRICANUS
RAMO COM FOLHAS (FOTO BI)

Também se usa no tratamento de vacas e porcos, misturando-se o remédio em pó com carvão de pilha e óleo de palma.

Outras Utilizações

Na Guiné-Bissau: medicinal - folhas e cutícula usadas para corpo inchado; diversos - pedaços de caule são utilizados para limpar os dentes.



ANACARDIUM OCCIDENTALE L.

Anacardiaceae
cadju (bj); cadju (cr)

Folhas (foto BI)

Outros Nomes katchá (ba); buadjú (bf); udaracassá (fs); cadjudje (fu); ialaguei (ff); cadjuo (md); ialiké (nl); caju (pt); ialiké, kusso (ss)

Hábito e Ecologia Pequena árvore, que atinge cerca 8 a 10 metros de altura. É cultivada, muitas vezes em povoamentos densos; pontualmente ocorre misturada na vegetação nativa ou subespontânea. Espécie introduzida, cultivada e actualmente subespontânea, originária da América Central e Antilhas. A produção de caju é uma actividade económica importante no país. É fácil de obter pois são comuns as plantações de caju, podendo ser colhida em qualquer época do ano.

Utilizações em Orango Referida por Muscuta da Silva, que aprendeu a receita com o seu pai, é utilizada no tratamento de dores de cabeça, sobretudo quando se sentem dores de cabeça fortes. São utilizadas as folhas novas da planta. O modo de preparação e administração consiste em colher as folhas novas de caju, amarrando-as ainda frescas com um lenço na cabeça, até começar a sair suor da cabeça. Também se podem ferver as folhas com água, que se utiliza depois para tomar banho.

Outras Utilizações O cajueiro é uma das principais culturas agro-florestais na Guiné-Bissau. A semente é comestível e comercializada, sendo um dos principais produtos de exportação do país. Do pedúnculo e receptáculo do fruto (falso fruto) fazem-se sumos e bebidas fermentadas (vinho de caju) e destiladas (cana sum-sum, em crioulo). Na medicina tradicional as folhas são também utilizadas contra vómitos e diarreias.

ANACARDIUM OCCIDENTALE
FRUTOS (FOTO LC)





ANNONA SENEGALENSIS PERS.

Annonaceae

ebud (bj); mambumba,
mambunda, pinha-di-mato (cr)

Ramo com folhas (foto BI)

Outros Nomes bodi-iode, bórè (ba); bubomba (bf); bole (bj); mambomba, ulolocô (fs); ducúmè, ducumê (fu); bâme, suncun-úm (mc); sucum-ô, suncun-úm (md); benémpe, benempele, benotaro (mj); sampane (pp)

Hábito e Ecologia Arbusto que pode medir aproximadamente até 2 metros, ocorre em floresta aberta e savana arborizada e também em locais sob influência humana.

A planta é fácil de obter e é colhida em qualquer época do ano. A abundância desta espécie não tem variado nos últimos tempos.

Utilizações em Orango Referida por Augusto Fernandes Pereira, que afirmou ter aprendido a receita com um comerciante da etnia fula, é usada para os tratamentos de dores de barriga e dores de cabeça.

Em ambos os casos são utilizadas em fresco as gemas com folhas jovens da planta em rebentação.

Para tratamento das dores de barriga fervem-se as folhas e dá-se a beber ao doente ¼ de litro da decocção.

No caso das dores de cabeça pilam-se as folhas e inalam-se os vapores cobrindo a boca do pilão com um pano; amarra-se também o remédio pilado na cabeça com um pano.

Outras Utilizações Alimentar: o fruto é comestível; medicinal: a infusão da raiz usa-se para a esterilidade feminina, a raiz e as flores para dores de olhos, a folha esmagada e cheirada, para tratar constipações e a infusão da folha para tratar disenterias.

ANNONA SENEGALENSIS
FOLHAS E FRUTOS (FOTO LC)





ANTHOCLEISTA VOGELII PLANCH.

Loganiaceae

cadjanué, ghodegha (bj); tabaco-di-lubo (cr)

Hábito da planta (foto LC)

Outros Nomes buôf (bf), acuapôpo, caboupa-matcho (cr); ugumba, undango (cb)

Hábito e Ecologia Árvore que pode atingir 10 a 15 metros de altura. Ocorre principalmente em floresta aberta e palmar. Tem folhas bastante grandes, de forma algo semelhante às folhas de tabaco. Esta planta obtém-se habitualmente junto às tabancas e como não é cortada é relativamente abundante. Pode ser encontrada em qualquer época do ano.

Utilizações em Orango Referida por Ramalho do Reno, que aprendeu a receita com o seu pai. É utilizada como analgésico para o tratamento de dores nos ouvidos e para a sua limpeza. Utilizam-se as partes jovens da planta, ou seja, as gemas apicais. A preparação consiste em aquecer a parte da planta a usar na cinza de lenha, ainda acesa com fogo e quente. A administração consiste em espremer o líquido morno da gema apical da planta no ouvido do paciente, aplicação tópica. Deve espremer-se duas ou três gotas em cada ouvido, de manhã e à tarde. Cada gema apical serve apenas para um tratamento. Este curandeiro pede 500 francos CFA pelo tratamento. Segundo Ramalho do Reno esta planta é utilizada também como purgante. A casca seca do caule, misturada com a casca de bissaca (cr) (*Bridelia micrantha*) é fervida em água. Utiliza-se a água resultante da fervura para preparar sopa de arroz (badadji, em crioulo). É aconselhável tomar este remédio ao fim da tarde, pois assim na manhã seguinte o organismo começa a reagir (purgar).

Outras Utilizações Não há conhecimento de outras utilizações desta planta na Guiné-Bissau.

ANTHOCLEISTA VOGELII
RAMO COM FOLHAS (FOTO BI)





BRIDELIA MICRANTHA (HOCHST.) BAILL.

Euphorbiaceae
ghuntague (bj); bissaca (cr)

Folhas e tronco após colheita de casca (foto BI)

Outros Nomes tagate (ba); bissai, bussácá (bf); endure, n' tongue, untágué, untongue (bj); utchak (cb); fudetchir (fs); bissoia, gúgri (fu); bissaiô, bissoia (md); m'bonhé, n'taque (nl); bissaque (pp); tolingué, tolingi (ss)

Hábito e Ecologia Arbusto ou pequena árvore que atinge 4 a 5 metros de altura. Ocorre principalmente em floresta brenhosa, floresta aberta, savana arborizada, galerias florestais, palmar e margens de rios. Em Orango esta planta tem maior abundância nos tempos actuais devido à regeneração do mato. Pode ser colhida em todas as épocas do ano, sendo fácil de obter.

Utilizações em Orango Referida por João latebeto para o tratamento de diarreia constante e por Joaquim Pereira (Utomb) e Ramalho do Reno, utilizada como purgante. Segundo João latebeto, que aprendeu a receita com um mestre, são utilizadas as raízes em fresco. A preparação do mezinho consiste em descascar, pilar, colocar em água e coar. Com a água desta maceração cozinha-se arroz, que é comido uma ou duas vezes por dia. Em alguns casos este tratamento pode provocar vômitos. No entanto, segundo este curandeiro, as raízes desta planta descorticadas, secas ao sol e fervidas com água e sal, servem para limpar a barriga (purgante). Joaquim Pereira e Ramalho do Reno aprenderam com os respectivos pais a utilização desta planta em mezinhos com efeito purgante. O primeiro utiliza as raízes em fresco, que são descascadas e fervidas em água. Esta decocção é tomada de manhã cedo, em jejum, na quantidade de 1 ou 1,5 litros. Existe um ritual neste tratamento, que consiste em deitar um pouco de



BRIDELIA MICRANTHA
FOLHAS E FRUTOS (FOTO LC)

tabaco em pó ou cana bordon (aguardente) na planta durante a sua colheita.

Ramalho do Reno adiciona a casca desta planta à casca seca do caule de tabaco-di-lubo (cr) (*Anthocleista vogelii*), fervendo-as. Utiliza-se depois a água resultante da fervura para preparar a sopa de arroz (badadji, em crioulo). É aconselhável tomar o remédio cerca das 18 horas pois assim, na manhã seguinte, o paciente começa a sentir o efeito purgante.

Outras Utilizações

Na Guiné-Bissau esta espécie tem várias outras utilizações conhecidas. Na medicina tradicional a infusão da raiz é usada para gonorreia, obstipação e como anti-parasitária e as folhas são usadas em hemorróidas. Os frutos são comestíveis; a casca pilada é utilizada para calafetar canoas, em olaria e para pintar couro.



CALYPTROCHILUM CHRISTYANUM (RCHB. F.) SUMMERH.

Orchidaceae

capoqueépanha (bj); orquídia (cr)

Conjunto de plantas num tronco de árvore (foto BI)

Outros Nomes bupontotoiche (fs); satoléde (fu)

Hábito e Ecologia Erva perene, epífita sobre árvores, ocorre na Guiné-Bissau em floresta aberta, savana arborizada, galerias florestais e margens de rios, palmar e orla de mangal. Em Orango, esta planta é relativamente fácil de obter. Segundo Rosa Cugussame, a espécie encontra-se actualmente em maiores quantidades que antigamente.

Utilizações em Orango Referida por Rosa Cugussamé, que aprendeu a receita com o seu marido, utilizada no tratamento da dor de rabada (dores na bacia e nas costas). Para a preparação do mezinho utiliza-se toda a planta, em fresco. Na preparação faz-se uma decocção, fervendo a planta com água. A aplicação é tópica, através de banho quente com o remédio na zona dolorida, duas vezes ao dia: manhã e tarde. Durante o tratamento com o mezinho e para que tenha cura o ritual é pedir a Deus.

Outras Utilizações Na Guiné-Bissau esta espécie também é usada contra “tremores das crianças”.

CALYPTROCHILUM CHRISTYANUM
CONJUNTO DE PLANTAS NUM
TRONCO DE ÁRVORE (FOTO BI)





CAPPARIS ERYTHROCARPOS

ISERT

Capparaceae

etchàcane (bj); fidida (cr)

Caulo com espinhos e folhas (foto BI)

Outros Nomes fertenin, simbus (ba); bugarara (bf), hamaghomoti, narara (fu); binherre (mc); neum, nheieu (nl); brerem-mela-n'sata (= limão-dos-macacos) (pp)

Hábito e Ecologia Arbusto com até cerca de 2 metros de altura, em floresta densa, floresta brenhosa, floresta aberta, savana arborizada, galerias florestais e orla de mangal. As folhas são de pequenas dimensões, um pouco amareladas e o caule é verde com presença de espinhos. Obtém-se no mato em regeneração, sendo relativamente fácil de encontrar. Parece ser mais abundante agora que antigamente, porque os matos encontram-se em regeneração. Pode ser colhida em qualquer época do ano.

Utilizações em Orango Referida por Ramalho do Reno, que aprendeu a receita com o seu pai, é utilizada no tratamento da dor de cabeça forte. Este mezinho é bastante forte, por isso não deve ser administrado em crianças. São usadas as raízes em fresco e a preparação consiste no descasque e trituração, após o que se coloca a preparação num pano limpo e se procede à inalação dos vapores. Deve inalar-se o remédio até a dor passar e suspender a inalação a partir daí. A utilização intensiva deste remédio pode provocar irritação no nariz, causando esfoladura no seu interior.

Outras Utilizações Esta planta tem outra utilização medicinal na Guiné-Bissau: a raiz em pó, sobre a pele, é usada para combater dores dos ossos.



CAPPARIS ERYTHROCARPOS
FOTO DE PLANTA COLHIDA NO
ARQUIPÉLAGO DOS BIJAGÓS (DINIZ 2263)



CARICA PAPAYA L.

Caricaceae

ghopadanga (bj); pé-di-papaia, papaia, papaia-matcho (cr) (planta masculina, que não produz frutos).

Plantas adultas com frutos (foto BI)

Outros Nomes pace (ba); bufápá, bufápiá (bf); umpandá (bj); papae (fu); bedon-albabo, pedum-hal (mc); pápoia (md); bepaia, pupá (mj); n'papa (nl); papaia (pt)

Hábito e Ecologia Pequena árvore que pode atingir cerca de 6 metros de altura, com frutos comestíveis, cultivada geralmente nas povoações ou junto destas.
É fácil de obter e actualmente é mais abundante, devido às suas plantações.

Utilizações em Orango Referida por José Obassene, que aprendeu a receita com o seu pai, é utilizada para o tratamento das mulheres com dificuldades no parto.
São utilizadas as folhas em fresco e a preparação consiste no esmagamento no pilão, misturar com sal e junção de água. A aplicação é por via oral, devendo a parturiente tomar um litro do remédio, quando estiver na fase de contracções pré-parto. O curandeiro cobra 1000 francos CFA por cada tratamento.

Outras Utilizações Esta espécie tem várias utilizações na Guiné-Bissau. Além do fruto, que é comestível, a raiz, os frutos verdes e as sementes têm várias utilizações medicinais e as folhas são utilizadas para tornar tenra a carne antes de ser cozinhada.

CARICA PAPAYA
PLANTA JOVEM COM FRUTOS (FOTO LC)





CASSYTHA FILIFORMIS L.

Lauraceae

udamva (bj); ridia-di-santchu (cr)

Hábito da planta (foto BI)

Outros Nomes dacacdufe (ba); udamba (bj); panábanáb (cb); rédea-de-santcho (cr)

Hábito e Ecologia Erva perene, parasita, que cresce em geral sobre arbustos, formando moitas de aproximadamente 1,5 a 2 metros de altura. Encontra-se habitualmente no mato em regeneração. Possível de obter em qualquer época do ano, no entanto é mais difícil encontrar na época seca.

Utilizações em Orango Referida por João latebeto e por Ramalho do Reno, que aprenderam a receita respectivamente através de um mestre e por transmissão familiar. Em ambos os casos a planta é utilizada para tratar as mulheres com dificuldade durante o parto. É usada toda a planta, em fresco, para preparar o mezinho. A preparação consiste em triturar a planta no pilão, colocar em água, coar e passar para uma garrafa, juntando um pouco de sal. A aplicação é por via oral e consiste em tomar cerca de 250 ml numa única dose ou em duas doses, após a mulher ter dado à luz. Em alguns casos o tratamento pode provocar vômitos. Este tratamento em geral não é cobrado, embora fique ao critério da doente alguma forma de retribuição ao curandeiro.

Outras Utilizações Na Guiné-Bissau é usada também em tumores e para massagens em inchaços. É muito comercializada em Bissau durante o mês de Ramadão, pois os muçulmanos utilizam-na para preparação de chá.

CASSYTHA FILIFORMIS

CAULES COM FLORES E FRUTOS (FOTO LC)





CISSAMPELOS MUCRONATA

A. RICH.

Menispermaceae

cabotche (bj); oredja-di-rato,
orelha-de-rato, oredja-di-sanjo (cr)

Hábito da planta (foto BI)

Outros Nomes aneafiafia, manéfa-fial (bf); cauce-edjanbaran (dj); nofer-balo, nopelebaló (fu); bacalambách, cabate-cu'uíte, cubate-cuiate (mc); inétulo, nhinatulô, sapatê-ô (md); cabate-uíate, cubate-cuiate (mj); neun'fa-ak (nl); bislina (pp); nofelbade (sr)

Hábito e Ecologia Pequena trepadora herbácea que ocorre em floresta aberta, savana arborizada, palmar, lala e também em locais perturbados. Em Orango obtêm-se no mato em regeneração. Planta fácil de obter, que pode ser colhida em qualquer altura do ano. Mais abundante actualmente que no passado, devido à menor desflorestação das matas para o arroz pam-pam.

Utilizações em Orango Referida por Ramalho do Reno e utilizada para tratamento de dor de barriga e também para preparar cães de caça. São usadas as raízes para ambos os casos. A preparação consta de uma raspagem para retirar a pele seguida de trituração no pilão. Para o tratamento da dor de barriga, usam-se as raízes em fresco, que se raspam até ficarem limpas, trituram-se e põem-se em água. A dose consta da ingestão do remédio num copo de um quarto de litro, três vezes ao dia. O tratamento é suspenso assim que a dor de barriga passar. Para preparação dos cães de caça, utilizam-se as raízes secas, que são trituradas até se formar um pó fino. Coloca-se um pouco de água no pó e sopra-se no nariz do cão para se tornar um cão bravo para a caça. Para o tratamento do cão de caça, deve-se regular a dose, porque sendo a dose excessiva o cão pode tornar-se agressivo com as pessoas e morder.



CISSAMPELOS MUCRONATA
FOLHAS E FLORES (FOTO ADJIMA THIOMBIANO,
WEST AFRICAN PLANTS DATABASE)

Outras Utilizações Na Guiné-Bissau: medicinal - raiz, caule e folhas têm várias aplicações.



CITRUS LIMON (L.) BURM.F.

Rutaceae

essagara-edjoco (bj); limon, limon-di-terra (cr)

Planta adulta (foto BI)

Outros Nomes mandabannelbéne (nl); limão (pt); budemna-buràb (bf)

Hábito e Ecologia Pequena árvore com 4 a 5 metros de altura, com espinhos. Espécie introduzida, originária do sudeste asiático, é cultivada e possui frutos comestíveis.
A planta é fácil de obter pois é cultivada junto às povoações, provavelmente em todo o país.
Ao longo do tempo tem-se tornado mais rara, pois algumas plantas morrem.

Utilizações em Orango Referida por João latebeto e utilizada para os tratamentos de dor de cabeça e dor de barriga.
As partes usadas da planta são as raízes, a casca da raiz e as folhas. Para tratamento da dor de cabeça, a aplicação faz-se por duas vias: inalação dos vapores da casca da raiz triturada após descasque e as folhas são trituradas e amarradas na cabeça.
Para a diarreia cortam as raízes em pedaços, fervem-se em água e toma-se um copo de um quarto de litro uma vez ao dia até parar.

Outras Utilizações Na Guiné-Bissau: alimentar - fruto comestível; medicinal - sumo do fruto para o catarro e as folhas fervidas para a comichão.

CITRUS LIMON
FOLHAS E FRUTOS (FOTO BI)





CNESTIS FERRUGINEA DC.

Connaraceae

nerego (bj); udju-di-onça, ojo-di-onça (cr)

Planta em floração (foto BI)

Outros Nomes toen-tolôe, trevinti-ito (ba); naporó (bj); cupeléen (fs); talquibare (fu); bdutubus, beduto-ubule, utonque-ubusse (mc); manterim-ô, manterinterim, talquidqga, tulu-nereure (md); dutubule, peduto-ubusse, utonque-ubusse, utunque-ubule (mj); n'jete-nambel n'xetenhembele (nl); barniate (pp); kulenhimaba (ss)

Hábito e Ecologia Arbusto de frutos vermelhos e folhas compostas, que pode atingir 2 metros de altura. Ocorre na Guiné-Bissau em floresta densa, floresta brenhosa, floresta aberta e palmar. Em Orango é fácil de obter, sobretudo em locais húmidos, embora os frutos não estejam presentes durante todo o ano.

Utilizações em Orango Referida por Raul Iaratano, que aprendeu a receita por transmissão familiar e pelo seu filho, Domingos Iaratano. Utilizada para o tratamento de inflamação nos pés, quando alguém pisou sobre um local sagrado e também, utilizada para os tratamentos de dores de estômago e de ouvidos. São usadas as raízes, folhas e frutos. Para as inflamações nos pés usam-se as folhas, que são trituradas, aquecidas um pouco ao fogo e misturadas com casca da raiz de *Erythrina senegalensis* e com óleo de palma, para formar "mandita". Amarra-se o remédio com um pano nos pés durante 3 dias. Para as dores de estômago usa-se a raiz, que é raspada levemente e mastiga-se a casca uma vez ao dia durante 3 dias. No caso das dores de ouvidos usa-se o fruto, que é aquecido na cinza quente até amolecer, corta-se a extremidade e espreme-se de forma a o suco pingar no ouvido, sendo o tratamento feito uma vez ao dia durante três dias. O curandeiro faz um ritual em que se coloca bebida ou uma moeda e pede-se a Deus para ter boa cura.



CNESTIS FERRUGINEA
FRUTOS (FOTO MAD)

Outras Utilizações Na Guiné-Bissau esta planta tem várias outras utilizações: medicinais - as folhas são usadas como antipalúdico e contra enxaqueca; as sementes pisadas e misturadas com comida são utilizadas como raticida.



COMBRETUM MICRANTHUM

G. DON

Combretaceae

epueque (bj); buco (cr)

Folhas e frutos (foto BI)

Outros Nomes

bsálá, p'sangla (ba); epuek, epec, upatocuma (bj); café, café-bravo, chá-de-buco (cr); bôk, bu-ok, kinkélib, (cs); cancaliba (ff); buchicabu (fl); butique (fs); canquelibá, quem-quelebá, tade (fu); buôque (mc); barcolomô, cancalibá (md); buco (mj); n'babass (nl); buéco (pp); buko (ss); ambate (td)

Hábito e Ecologia

Arbusto que atinge cerca de 3 metros ou trepadora lenhosa. Ocorre em floresta aberta, savana arborizada, galerias florestais, palmar. Em Orango é obtida no mato em regeneração. Segundo Augusto Utomb, é relativamente difícil obter esta planta na sua tabanca (Ancamona), pois ao longo dos anos tem vindo a diminuir a sua abundância, devido à falta das chuvas.

Utilizações em Orango

Foi referida por Augusto Utomb, que utiliza as raízes e folhas no tratamento de feridas e queimaduras, tendo inventado as receitas, que aplicou inicialmente em si próprio.

As raízes servem para cicatrizar feridas. A preparação consiste em descascar a raiz em fresco, mastigar e colocar na ferida. A aplicação é tópica, colocando-se a raiz mastigada sobre a ferida. O tratamento é efectuado inicialmente uma vez por dia. Quando a ferida começa a cicatrizar, passa a aplicar-se o tratamento em dias alternados.

As folhas frescas são ferverdas com água, que é utilizada para lavar feridas e queimaduras, com a mesma periodicidade do tratamento acima referido.

Outras Utilizações

Esta planta tem várias outras utilizações conhecidas na Guiné-Bissau: alimentar - dos frutos faz-se bebida (como o café ou chá); medicinais - as folhas têm efeito antipirético e são utilizadas também contra "biliosa" e outras doenças hepáticas.

COMBRETUM MICRANTHUM
RAMO COM FOLHAS (FOTO BI)





ELAEIS GUINEENSIS JACQ.

Palmae

erara (bj); palmera (cr)

Hábito da planta (foto LC)

Outros Nomes quem, ribe (ba); benintchi, bunintchi (bf); eárra, lara (bj); palmier-à-huile (fc); tuguêih (ff); tem-em-eih (fu); tem-ô (md); mintchame (mj); n'quemê (pp); palmeira-de-azeite, palmeira-de-óleo, palmeira-déndém (pt)

Hábito e Ecologia Palmeira de porte arbóreo, que atinge 15 a 20 metros de altura. Ocorre em floresta densa, floresta aberta, palmar, galerias florestais, lala e orla do mangal; também pode ser cultivada. É uma planta fácil de obter em Orango, em qualquer período ou época do ano, junto das tabancas. Mais abundante nos tempos presentes que antigamente, porque é menos utilizada agora.

Utilizações em Orango Referida por José Obassene, que aprendeu a receita com o seu pai, é utilizada para o tratamento da impotência sexual masculina. São usadas as raízes, e a preparação consiste em raspar a película da raiz e ferver em água. Toma-se o remédio em doses de cerca de meio litro duas vezes ao dia, manhã e à tarde. Este mezinho tem como efeito secundário o aumento da produção de urina, o paciente urina várias vezes por dia, durante o tratamento.

Outras Utilizações Esta palmeira tem numerosas utilizações na Guiné-Bissau: alimentar - do mesocarpo fibroso extrai-se óleo alimentar (óleo de palma), da semente é extraída óleo de coconote, site-caruz (cr) e a seiva é consumida em fresco, como refresco ou após fermentação alcoólica (vinho de palma); construção - o espique é utilizado na construção de casas e a ráquis das folhas na manufactura de placas de vedação (crintim) e também, como corda de subir à palmeira e os folíolos são usados como vassouras.

ELAEIS GUINEENSIS
INFRUTESCÊNCIA (CHABÉU), (FOTO MAD)





ERYTHRINA SENEGALENSIS DC.

Fabaceae

cusserum (bj); dolin (cr)

Tronco e folhas (foto BI)

Outros Nomes

m'zisse (ba); burale, sélélé (bf); cusserê (bj); bissaca, pó-de-osso, pó-di-osso, pó-di-conta (cr) pó-di-budogo (cs); arbre-corail, erythrine-du-Sénégal (fr); bondja, botchotchadje, bothola, mochôla, m'zisse (fu); dlim-ôdolim-ô (md); n'chaka-refat, n'tchakarfat (nl); bissansce (pp)

Hábito e Ecologia

Árvore que atinge cerca de 8 a 10 metros de altura, espinhosa, com flores vermelhas. Ocorre na Guiné-Bissau em floresta aberta, savana arborizada, palmar e lala. Em Orango encontra-se facilmente junto das tabancas, pois é plantada para vedar os quintais. Actualmente é mais abundante, uma vez que é menos utilizada, é plantada em quintais e também devido à regeneração das matas.

Utilizações em Orango

Esta planta foi referida por vários curandeiros em três tipos de utilizações diferentes: para as mulheres com problemas de menstruação que não conseguem engravidar, para a baça das crianças e como antídoto para as picadas de raia. Augusto Fernandes Pereira, que aprendeu com um mestre em Bubaque, e Muscuta da Silva, que herdou a receita do seu pai, utilizam a planta para ajudar a mulher com dificuldade de engravidar. O primeiro utiliza a casca do tronco, que é misturada com folhas de *Senna occidentalis* (padja-santa em crioulo) e colocada em água, que a doente bebe de manhã na dose de um copo de um quarto de litro. O tratamento pode provocar diarreia para limpar a barriga da mulher. Como ritual, sempre que se retira a casca do caule deve cobrir-se o local da "ferida da árvore" com areia. Muscuta da Silva utiliza as raízes desta planta no tratamento de problemas menstruais. A preparação consiste em descascar a raiz, ferver com água e coar. A doente toma um copo do remédio de manhã e outro ao meio-dia.



ERYTHRINA SENEGALENSIS
FRUTOS (FOTO MAD)

Raul Iaratano, Muscuta da Silva e Joana Monteiro, que aprenderam a receita por transmissão familiar, utilizam a casca do tronco em fresco, misturada com folhas de padja-santa, colocadas em água para o tratamento da “baça” dos recém-nascidos. A criança pode beber o mezinho em qualquer momento até à cura.

José Obassene utiliza também a casca do tronco no tratamento da picada de raia. A preparação baseia-se em triturar no pilão e pôr numa panela para aquecer um pouco. A aplicação é tópica e coloca-se o remédio na picada duas vezes por dia: manhã e à tarde, para que o veneno possa sair.

Outras Utilizações

Esta planta tem outras utilizações na Guiné-Bissau: medicinal: infusão da entrecasca usada em dores de garganta; das sementes fazem-se contas de colar.



FAIDHERBIA *ALBIDA* (DELILE) A. CHEV.

Mimosaceae

camudo (bj); fidida-branco (cr)

Tronco com ramos em rebentação (foto BI)

Outros Nomes bioépi, djúè (ba); buàdja (bf); camude, camudé (bj); biongômo (bm); ferida-branco, pau-ferida, pó-de-ferida-branco (cr) sipiñã, sipiña-brabu (cs); busseu-uliba (fl); cad (fr); bubirique (fs); borassanhe, buladanêlhe, bulé, búrlè-danédjo, marroné, (fu); betampale (mc); borassam, borassam-ô (md); butchampele (mj); ussímpulo (pp)

Hábito e Ecologia Árvore que atinge 12 a 15 metros de altura. É uma planta espinhosa, que apresenta um caule rugoso. Ocorre na Guiné-Bissau principalmente em floresta aberta, savana arborizada, palmar e na vegetação de transição para o mangal. Em Orango é colhida no mato em regeneração, sendo fácil obter em qualquer época do ano. Segundo Joaquim Pereira, ao longo do tempo tem vindo a tornar-se mais rara, uma vez que é utilizada para fabricar pilão e pás de arado, pelo que deve haver uma diminuição do abate ou corte destas árvores para evitar a sua extinção na ilha.

Utilizações em Orango Referida por Joaquim Pereira (Utomb), que aprendeu a sua utilização por transmissão familiar, com seu pai. Utilizada para tratamento de inflamação com inchaço no corpo ou nos pés. Utiliza-se a casca do tronco, que é previamente seca ao sol, sendo depois fervida com água, para preparar o mezinho. A aplicação é oral: o doente deve beber o remédio com um copo de cada vez que sentir a sede, até 5 ou 6 vezes ao dia. Como ritual complementar ao tratamento, deita-se sobre a planta um pouco de tabaco em pó ou cana bordon (aguardente), (um pequeno ritual que se faz durante a colheita).



FAIDHERBIA ALBIDA

RAMO COM FOLHAS E FLORES (FOTO B1)

Outras Utilizações Na Guiné-Bissau a madeira desta árvore é usada para a construção de vários artefactos para utilização caseira ou agrícola.



FICUS *EXASPERATA* VAHL

Moraceae

noi (bj); po-di-lixá (cr)

Planta adulta (foto MAD)

Outros Nomes noii (bj); uiássiááss (cb); acarta-lixo, língua-di-baca (cr); karda (cs); nhinha (fu); bungadjé, n'cungre, uncungre (mj); cuncre, cungre, n'cuncre, uncuncre (pp)

Hábito e Ecologia Árvore que atinge cerca de 15 metros de altura, com a particularidade de as suas folhas serem ásperas como uma lixa em ambas as páginas.

Ocorre em floresta densa, floresta brenhosa, floresta aberta, palmar e margens de rios. Em Orango é fácil de obter junto das tabancas.

Pode ser colhida em qualquer período e época do ano.

Actualmente é mais abundante, porque há menos pam-pam, o que provoca menor derrube de matos.

Utilizações em Orango Referida por Ramalho do Reno, que aprendeu a receita em Bafatá, com um mestre fula. É utilizada para o tratamento da gonorreia (esquentamento, em crioulo), tanto em homens como em mulheres.
Usa-se a casca do tronco, que é raspada, cortada em pequenos pedaços e fervida com água até ficar cozida.
Esta decocção é bebida como se fosse água. Depois da primeira semana do tratamento com este mezinho, adiciona-se raiz de pulga (*Jatropha curcas*), que é fervida em conjunto com a casca de *Ficus exasperata*, prosseguindo o tratamento da mesma forma.

Outras Utilizações Medicinal: macerado das folhas para lavar o corpo com sarna. Os muçulmanos utilizam as folhas ásperas desta planta para lixar as tábuas de leitura do Alcorão.

FICUS EXASPERATA
RAMO COM FOLHAS E FRUTOS (FOTO MAD)





FICUS POLITA

VAHL

Moraceae

canhimva (bj); figuera, figueirinha (cr)

Planta adulta (foto BI)

Outros Nomes bupóco (mj)

Hábito e Ecologia Arbusto estrangulador, epífita em geral sobre *Elaeis guineensis*, ou árvore, que pode atingir cerca de 10 metros de altura ou mais. Planta leitosa, com raízes adventícias, que se desenvolve frequentemente sobre palmeiras, as quais envolve com as raízes e caule, acabando por as estrangular e matar. Ocorre principalmente em floresta densa e palmar mas em Orango pode ser obtida junto das tabancas pois é usada para vedação dos quintais e pode ser cultivada ou plantada. É fácil de obter e pode ser colhida em qualquer época do ano.

Utilizações em Orango Referida por José Vieira Mandinga, que aprendeu a receita com um mestre a quem pagou. A planta é usada para tratar as mulheres com dificuldades no parto. Utiliza-se uma mistura das folhas e da casca do tronco, em fresco. O modo de preparação consiste em triturar a mistura de folhas e casca no pilão até ficar bem esmagada, colocar em água a macerar e coar depois. A dose consiste em tomar cerca de 1 litro do líquido, 15 minutos depois a mulher pode dar à luz e suspende-se o tratamento depois do parto. Este remédio é utilizado apenas em casos de grandes dificuldades da mulher durante o parto. Segundo o curandeiro, o remédio tem um cheiro forte que incomoda o feto no ventre da mãe. Esta planta é colhida para preparação do remédio e somente em casos de grandes dificuldades no parto. Nem todas as pessoas da tabanca conhecem a sua utilidade, apesar de a planta ser frequente.

Outras Utilizações Não se conhecem outras utilizações desta planta na Guiné-Bissau.

FICUS POLITA
RAMO COM FOLHAS (FOTO BI)





GUIERA *SENEGALENSIS* J. F. GMEL.

Combretaceae

careré (bj); badodoce (cr)

Hábito da planta (foto BI)

Outros Nomes biôcé, bionsi, biussi, iuci (ba); budôssosse (bf); carrere (bj); badô-dôce, badodosso, badôsdôce, badossôso, paundoce (cr) babodos, badosdos, bu-rusu (cs); elóco (fl); fufumuco (fs); elode, guêlodí, helócò, (fu); bisse-nhatam, bissom-aptchom, bitchiante (mc); bissem-antchom, bissilintche, bitchiante (mj); manafenafém, ntáfine (nl); mamakoikoi (ss)

Hábito e Ecologia Arbusto que atinge uma altura que ronda os 2,5 metros. Ocorre em floresta aberta e savana arborizada, sendo frequente também em locais perturbados, como pousios. Em Orango obtém-se junto às tabancas, sendo fácil de encontrar em qualquer época do ano. Actualmente, a planta é mais abundante, talvez pelas chuvas mais abundantes ao longo do tempo.

Utilizações em Orango Referida por Muscuta da Silva, que aprendeu as receitas com o seu pai, é utilizada no tratamento de tosse com febre (provavelmente bronquite), sobretudo em crianças, e de coceira (comichão). Para o tratamento da tosse são usadas as raízes. A preparação do mezinho consiste em descascar as raízes, ferver em água e colocar numa garrafa. Toma-se esta decocção de manhã e à tarde até os sintomas passarem. No tratamento da coceira usam-se as folhas, que são fervidas em água, lavando-se diariamente a parte do corpo afectada com a decocção daí resultante. As mesmas folhas são colocadas ao sol a secar, após o que se trituram no pilão até formar um pó que se aplica na zona de coceira dia sim, dia não.



GUIERA SENEGALENSIS

RAMO COM FLORES E FRUTOS

(FOTO KATHARINA SCHUHMAN, WEST
AFRICAN PLANTS DATABASE)

Outras Utilizações

Na Guiné-Bissau a raiz, casca e folhas desta planta têm várias utilizações medicinais, como por exemplo no tratamento de diabetes.



HYMENOCARDIA *ACIDA* TUL. VAR. *ACIDA*

Euphorbiaceae

netchondor, netendor (bj); coroncondo (cr)

Hábito da planta (foto BI)

Outros Nomes beninebahan, betenam (ba); coroncondô (bf); corocondé, oábi (bj); coronconde, coronconto (cr); pilitoró (ff); bodi, caraconde, corocondé (fu); corocondô, cureucóndô (md); matikzé, n'tisé (nl); curencúnde, simóilé, simóieli (ss)

Hábito e Ecologia Arbusto ou pequena árvore, com 4 a 6 metros de altura. Na Guiné-Bissau ocorre principalmente em floresta aberta, savana arborizada, lala e margens de rios. Em Orango a planta é obtida no mato em regeneração ou lala, sendo fácil de colher em qualquer época do ano. No entanto, perde as suas folhas na época de seca. Parece ser mais abundante, actualmente, devido à regeneração do mato.

Utilizações em Orango Referida por Raul e Domingos laratano e por Rosa Cugussamé, tendo as receitas sido obtidas por transmissão familiar em ambos os casos. Raul laratano e Domingos laratano (filho) utilizam as raízes para tratar as mulheres com dificuldades de engravidar. As raízes são descascadas, cortadas em pedaços e colocadas numa garrafa com água. Tomar o remédio num copo de um quarto de litro, 3 vezes ao dia. O tratamento deve continuar até quando a paciente sonhar com uma cobra ou peixe, como sinais de que já ficou grávida. Durante a colheita, coloca-se bebida ou uma moeda na planta e pede-se a Deus para ter boa cura. Neste mezinho pode-se juntar também *Leptadenia hastata*, (unucan, inquen (bj), sapaté (cr)). Por vezes também se utiliza uma escama de cobra, colocada no remédio por um instante e depois retirada para fazer um amuleto que a mulher deve amarrar na cintura ("rabada"). Também se coloca "mandjidura" com folhas de palmeira na garrafa com



HYMENOCARDIA ACIDA

RAMO COM FOLHAS E FRUTOS (FOTO ESM)

remédio para evitar qualquer mal ou mãos ocultas. Rosa Cugussamé usa esta planta no tratamento de dores no corpo. As folhas são fervidas em fresco e o tratamento consiste na inalação dos vapores de manhã e à tarde e em tomar o banho com a mesma água quente depois da inalação. Pede a Deus quando prepara o remédio, para que tenha bom efeito.

Outras Utilizações

Esta espécie tem várias outras utilizações medicinais conhecidas no país: a casca e as folhas são usadas em lavagem pós-parto e furúnculos e a água da raiz mais folhas usada como contraceptivo e também para picada de cobras; em cegueira momentânea lava-se a cara com água das folhas; também é usada em doenças das pernas.



JATROPHA CURCAS L.

Euphorbiaceae

ghorok (bj); pulga (cr)

Utilização da planta como sebe viva (foto LC)

Outros Nomes n'bacá (ss); pulga (bf); purgueira (pt)

Hábito e Ecologia Arbusto que mede até cerca de 2 metros de altura, encontra-se nas tabancas ou junto destas. É fácil de obter e actualmente encontra-se em maior abundância pois é utilizada para vedar os quintais e pode ser cultivada. Pode ser colhida em qualquer altura do ano.

Utilizações em Orango Referida pelo curandeiro José Obassene, que utiliza esta planta no tratamento da picada de cobra, numa receita que aprendeu com o seu pai. São usadas as raízes, que são peladas e trituradas no pilão, após o que se adiciona um pouco de sal. Coloca-se a pasta resultante em água, cõa-se e dá-se ao doente para beber. Este remédio é aplicado contra a picada de cobra, em casos de urgência como um tratamento de primeiros socorros. Deve-se tomar o remédio duas vezes por dia, de manhã e à tarde e o doente deve tomar o remédio até vomitar e ou purgar, não devendo beber água nem dormir, enquanto não tiver a reacção ao remédio. O curandeiro cobra por cada tratamento 1000 francos CFA. Este mezinho é utilizado como um recurso para os primeiros socorros contra a picada de cobra, sendo a vítima depois submetida ao tratamento com outras plantas mais específicas.

Outras Utilizações Na Guiné-Bissau: medicinal - o óleo da semente é usado como purgante.

JATROPHA CURCAS
FOLHAS E FRUTOS (FOTO LC)





KHAYA *SENEGALENSIS* (DESR.) A. JUSS.

Meliaceae

ussonro (bj); bissilon (cr)

Hábito da planta (foto LC)

Outros Nomes famé, iacume, tagmi, tâminii (ba); bussilô (bf); unchómrô, unchonro (bj); bissilão (cr); cáe (ff); acajou-du-Sénégal, caicédrat (fr); cáe (fu); biaiérre (mc); djaló (md); béntia, bentiene, betone (mj); embale, utime (pp)

Hábito e Ecologia Árvore que atinge altura de cerca de 20 metros. Ocorre em floresta aberta, savana arborizada, galerias florestais e margens de rios. Em Orango é obtida perto das tabancas, no mato em regeneração e nas hortas de caju, onde é poupada ao abate. É uma planta relativamente difícil de encontrar, mas é mais abundante na actualidade, devido à regeneração dos matos. Pode ser colhida em qualquer época do ano.

Utilizações em Orango Referida por Joaquim Pereira (Utomb) e Sabino Pereira (filho), que aprendeu a receita com o seu pai, é utilizada no tratamento da tosse.

Usa-se a casca do tronco, previamente colocada a secar ao sol, que é raspada, cortada em pedaços e colocada numa garrafa com água que é deixada ao sol.

A aplicação é por via oral e consiste em tomar o remédio num copo de um quarto, cinco vezes ao dia. No entanto, sempre que o doente tiver sede pode tomar o remédio.

O paciente pode sentir cansaço durante o tratamento devido à administração do mezinho.

É habitual deitar um pouco de tabaco em pó ou cana bordon (aguardente) na planta, como ritual.

Neste mezinho podem misturar-se as raízes de *Cassia sieberiana* (caquecequece (bj), canafistra (cr)) e de *Sarcocephalus latifolius* (canhaminha (bj), madronha (cr)).

Este mezinho também pode ser aplicado em galinhas para prevenir a sua mortalidade.



KHAYA SENEGALENSIS
CÁPSULAS ABERTAS E SEMENTES (FOTO LC)

Outras Utilizações Na Guiné-Bissau: medicinal - infusão de casca e seiva usada na anemia e para limpeza intestinal; diversos - madeira de boa qualidade.



*LANDOLPHIA
DULCIS*
(R.BR. EX SABINE)
PICHON

Apocynaceae
eropod (bj); fole (cr)

Ramo com folhas (foto BI)

Outros Nomes impequece, nanhala, nanhale (ba); erocodo, noropod (bj); cibode, mambimba (cr); suncutó-fóleo (md); becute, blambô (mj); úrém (nl); ubimba, ucimba (pp); codudú (sr)

Hábito e Ecologia Arbusto ou liana, com látex, que atinge vários metros de altura, chegando às copas das árvores mais altas. Liana leitosa nas folhas e caule constituem as características peculiares desta planta. Ocorre em floresta brenhosa, floresta aberta, savana arborizada, palmar, margens de rios e nos matos em regeneração. Em Orango esta planta é fácil de obter em qualquer altura do ano e, devido à conservação dos matos, é mais abundante nos dias de hoje do que antigamente.

Utilizações em Orango Referida por Raul e Domingos Iaratano (filho), que a utilizam como estimulante do apetite e por Silva Martins e Mário Silva Martins (filho), usada para combater dores no estômago. As receitas foram obtidas dos respectivos pais por transmissão familiar. São usadas as raízes em ambos os casos. No primeiro descasca-se a raiz, que é seca ao sol e triturada no pilão até ficar em pó, sendo depois peneirada e colocada num recipiente seco, podendo ser uma garrafa. A aplicação é via oral, sendo o pó colocado na comida ou tomado com água, na dose de uma colher pequena para crianças e duas colheres para adultos. Para as dores de estômago Silva Martins descasca a parte externa e aproveitando a casca interna que adere no lenho, que é seca ao sol e triturada no pilão até que fique em pó. A aplicação também é por via oral: tomar o pó em qualquer momento em que se sentir a dor e mesmo depois de a dor acalmar.



LANDOLPHIA DULCIS
FRUTO (FOTO MAD)

Existe um ritual em cada caso. No primeiro coloca-se bebida ou uma moeda na planta e pede-se a Deus para ter boa cura, já no segundo caso colocar uma moeda na planta com o mesmo sentido.

Outras Utilizações

Esta espécie tem várias outras utilizações na Guiné-Bissau: alimentar - fruto e raiz comestíveis; medicinal - cozimento da raiz para dores do ventre; tratamento de mulheres grávidas que perdem sangue.



LEPTADENIA HASTATA (PERS.) VATKE

Asclepiadaceae
caído (bj); cibode (cr)

Caule com folhas e flores (foto ESM)

Outros Nomes enrocodé, inrokde, n'rocdè (ba); sapaté (cs); fudjerau (fs); djambosoredjé, safaro, safarodje (fu); bé-thácare (mc); m'bafe cabuduco (nl); bissacra (pp)

Hábito e Ecologia Pequena trepadora lenhosa, com cerca de 2 a 3 metros de altura, que ocorre em floresta aberta, savana arborizada, areias litorais e também em matos em regeneração e locais perturbados. É uma planta de fácil acesso, e é mais abundante actualmente uma vez que gosta de locais húmidos e sombrios. Pode ser colhida em qualquer época do ano. Ao ser colhida de manhã cedo pode ser utilizada no mesmo dia, segundo Muscuta da Silva.

Utilizações em Orango Foi referida por Joaquim Unhamaque, utilizada para o tratamento das feridas e por Muscuta da Silva, com a função de estimular a lactação das mulheres. Em ambos os casos as receitas foram aprendidas por transmissão familiar. Para o tratamento de feridas corta-se um pedaço de caule, coloca-se uma das extremidades na boca e sopra-se, de forma a fazer pingar a seiva na ferida, para a lavar e desinfectar. O caule e as folhas pilados são também colocados na ferida uma vez por dia até a ferida secar. Pode ocorrer reacção, na qual a seiva colocada na ferida nova faz espuma e arde muito, como se fosse álcool. Na utilização como estimulante da lactação, para que a mulher possa produzir mais leite para o seu bebé são usados os ramos e folhas, que são pilados e colocados em água, que é depois coada. Dilui-se depois a farinha de arroz nesta água e dá-se às mulheres para beberem. O mezinho deve ser tomado de manhã cedo.



LEPTADENIA HASTATA
FOLHAS, FRUTOS E FLORES (FOTO MAD)

Outras Utilizações Esta planta tem outras utilizações na Guiné-Bissau: medicinal - utilizam-se as raízes e folhas; alimentar - as folhas e flores novas são usadas como legume.



LUFFA *CYLINDRICA* (L.) M. ROEM.

Cucurbitaceae

esenqedjaque (bj); djadar, pipino-di-lubo (cr)

Folhas e flor (foto BI)

Outros Nomes fuáski (ba); empenche, essanacadacó (bj); djadra, pipino-di-mato (cr); dadar (cs); landjirco (ff); lotórcó (fu); poéntè (mc); bocó (pp); esfregão (pt); fúti (ss)

Hábito e Ecologia Erva anual, rastejante ou trepadora, em palmar e lala; também pode ser cultivada e desenvolve-se em locais perturbados. Espécie originária da Índia, cultivada e actualmente subspontânea, sendo os seus frutos parecidos com pepinos. É uma planta relativamente acessível em Orango, mas é menos abundante actualmente devido à falta de chuvas. A planta morre na época da seca.

Utilizações em Orango Utilizada para o tratamento da diarreia e febre em crianças, referida por Ramalho do Reno, que aprendeu a receita com uma religiosa brasileira, a Irmã Augusta. A parte da planta usada são as folhas em fresco, que são trituradas à mão e se colocam em água limpa. As crianças até cerca de um ano de idade tomam duas a três colheres do mezinho por dia até ficarem curadas.

Outras Utilizações Há outras utilizações conhecidas desta planta na Guiné-Bissau: medicinais – os frutos secos são queimados e a cinza é usada para lavar feridas de picada de cobras; das polpas fibrosas do fruto fazem-se esfregões.

LUFFA CYLINDRICA
FOLHAS, FRUTO E FLOR (FOTO LC)





MANGIFERA INDICA L.

Anacardiaceae
mango, pé-di-mango (bj, cr)

Árvore em frutificação (foto ESM)

Outros Nomes bumang (bf); mancó (md); mango-sane (pp); mangueira (árvore), manga (fruto) (pt)

Hábito e Ecologia Árvore plantada habitualmente nas povoações, que atinge 10 a 15 metros de altura. Espécie introduzida e actualmente subespontânea, originária da Índia. É uma planta de fácil acesso, podendo ser colhida em qualquer época do ano.

Utilizações em Orango Referida por José Obassene, usada no tratamento de dores de dentes, uma receita que aprendeu com o seu pai. A parte da planta usada é a raiz, em fresco, que é cortada em pedaços e cozida em água. Esta decocção é colocada numa lata, o doente deve inalar o vapor pela boca, para que o pus possa sair e depois lavar a boca com o remédio. O tratamento é feito duas vezes ao dia: manhã e à tarde.

Outras Utilizações A mangueira é muito frequente na Guiné-Bissau, sendo os frutos muito apreciados; medicinal – também é usada contra dores de barriga.

MANGIFERA INDICA
RAMO COM FOLHAS JOVENS (FOTO BI)





*MARGARITARIA
DISCOIDEA*
(BAILL.) WEBSTER VAR.
DISCOIDEA

Euphorbiaceae
ghossaba (bj)

Tronco e folhas (foto BI)

Outros Nomes Não se conhecem outros nomes vernáculos no país.

Hábito e Ecologia Arbusto ou pequena árvore que ocorre na Guiné-Bissau em floresta aberta, savana arborizada e galerias florestais. Durante os meses de Janeiro e Fevereiro, as folhas desta espécie caem, sendo difícil de se obter na época seca. Embora de acesso relativamente difícil na época seca, esta planta é mais abundante que antigamente, devido à conservação dos matos no PNO.

Utilizações em Orango Referida por vários curandeiros para três tipos de utilizações medicinais: tratamento de problemas neuromusculares, antidiarreico e antipalúdico. Raul e Domingos Iaratano, seu filho, utilizam as folhas para tratamento de problemas neuromusculares subsequentes a trombozes, numa receita obtida por transmissão familiar. As folhas frescas são fervidas com água e o tratamento consta em inalar o vapor e tomar banho com água morna do remédio. Inicialmente faz-se o tratamento antes do nascer do dia durante 3 dias consecutivos e depois continua-se o tratamento em dias alternados. Colocar bebida ou uma moeda na planta e pedir a Deus para ter boa cura é o ritual que este curandeiro pratica no caso desta doença. Augusto Utomb e Joaquim Unhamaque utilizam as folhas e a casca do tronco, em fresco, contra diarreia e vômitos, em receitas obtidas respectivamente de um mestre e por transmissão familiar. A casca do tronco é pilada e fervida, sendo as folhas fervidas separadamente. Para o tratamento da diarreia e vômito, tomar um copo de meio litro ou dois de quarto de litro por dia até parar. Para o tratamento do paludismo, Augusto Utomb e Joaquim



MARGARITARIA DISCOIDEA
FOLHAS E FRUTOS (FOTO DE FOLHA
DE HERBÁRIO COLHIDA NA
GUINÉ-BISSAU; ESPÍRITO SANTO 2162)

Unhamaque utilizam respectivamente a decocção da casca do tronco e as folhas. O doente toma banho com o remédio 2 ou 3 vezes ao dia durante 3 dias, até a febre baixar.

Neste caso, o paciente pode libertar bastante suor depois de coberto com panos. Para a extração do remédio pode fazer-se um pedido a Deus, para que o medicamento que extrai desta árvore ajude a recuperar o doente.

Outras Utilizações Não se conhecem outras utilizações desta espécie na Guiné-Bissau.



MORINDA GEMINATA DC.

Rubiaceae

ghobonodo, obonodje (bj);
bulongodjiba (cr)

Hábito da planta (foto BI)

Outros Nomes gunhe, n'dunquinhe, n'gume, ungume (ba); bulongodjibá (bf); boloncodjibá-macho, bulungu-djubá (cr); n'garba, ungarba (ff); biloncontchebáe, bolonco-tchibá, dacuré, lhiamba, n'garba, uanda, wáda (fu); biloncondjebá, boloncom, boloncondjibá, goloneogita, simbom-ô, uanda (md); becúí (mj); m'tchinke (nl); atamule (td)

Hábito e Ecologia Arbusto ou pequena árvore que atinge 4 a 6 metros de altura. Ocorre na Guiné-Bissau em floresta brenhosa, floresta aberta, savana arborizada e palmar. Em Orango obtém-se nos matos em regeneração e nas hortas de caju. Ramalho do Reno afirma que a espécie é mais abundante na actualidade, porque as pessoas cultivam menos o pam pam, desbravando menos as matas. Já Joaquim Unhamaque diz que se mantém na mesma porque regenera facilmente.

Utilizações em Orango Planta referida por Ramalho do Reno e Joaquim Unhamaque para o restabelecimento das mulheres pós-parto. Em ambos os casos as receitas foram aprendidas por transmissão familiar. O primeiro usa as folhas e ramos jovens após secagem ao sol e o segundo utiliza apenas as folhas, tanto em fresco como após secagem, sendo em ambos os casos a preparação efectuada mediante fervura em água. A parturiente deve beber um pouco do remédio e tomar banho com o mesmo. Ramalho do Reno recomenda três banhos diários até durante um mês após o parto, enquanto Joaquim Unhamaque recomenda dois banhos diários durante cinco dias.

Outras Utilizações Esta espécie tem várias outras utilizações conhecidas no país: medicinal - folhas utilizadas como desinfectante após o parto e contra paludismo e reumatismo, raiz utilizada contra hepatite; diversos - utilizada para tingir roupa.

MORINDA GEMINATA
RAMO COM FOLHAS (FOTO BI)





NEOCARYA *MACROPHYLLA* (SABINE) PRANCE EX F. WHITE

Chrysobalanaceae
urudo (bj); tambacumba (cr)

Aspecto da planta adulta (foto BI)

Outros Nomes n'bute, n'djapô, téhè, umbatú (ba); bufângha (bf); nórònóròdó, nororodo, orodjô (bj); mampatace-grande, tamankumba (cr); cura-bussuma (ff); bio, quió (fruto) (fl); batè (fs); curanaco, nando, náudo (fu); bénôbénô, bitiague, menau (mc); tambacumba (md); bénôbénô, bitiague, menau (mj); mavéu (nl); bansumá (ss)

Hábito e Ecologia Árvore que atinge 12 metros de altura, ocorre em floresta aberta, savana arborizada, palmar, lala e areias litorais. É uma planta de fácil colheita e a maioria dos curandeiros que a referiram afirma que a espécie é mais abundante actualmente. Pode ser obtida durante todo o ano, sem excepção.

Utilizações em Orango Esta planta foi referida por 4 curandeiros. Augusto Utomb e Muscuta da Silva, que aprenderam respectivamente com um mestre e por transmissão familiar, utilizam-na no tratamento de queimaduras. São usadas as folhas em fresco ou após secagem ao sol. O modo de preparação consiste em queimar as folhas e colocar a cinza numa garrafa, depois de peneirada. A cinza é aplicada de início diariamente sobre as zonas queimadas, passando a ser aplicada dia sim, dia não, quando a cicatrização avança. Muscuta da Silva faz também uma decocção das folhas frescas com água, aplicando em dias alternados a cinza e a decocção. Rosa Cugussamé, que aprendeu com o seu marido, utiliza a casca do tronco desta planta no tratamento de dores de dentes. Ferve a casca com água e coloca a decocção num recipiente para inalação do vapor dentro da boca. Durante a cura deve-se inalar o vapor 2 vezes ao dia: manhã e à tarde até que a inflamação acabe e a dor passe. Durante a preparação do medicamento pede a Deus para que tenha cura.



NEOCARYA MACROPHYLLA
FOLHAS E FRUTOS (FOTO BI)

Foi ainda referida por Mário Silva Martins que aprendeu com o seu pai, Silva Martins, para o tratamento de dores de barriga. Usam a casca do tronco, de que é aproveitada somente a parte interna, que é triturada, colocada em água e depois coada. O tratamento é feito uma vez ao dia, de manhã cedo e consiste na tomada de cerca de um litro pelos adultos e 1/5 de litro para crianças e em massajar a barriga do doente com a palma das mãos. Por vezes o mezinho provoca o vómito em certas pessoas, mas que não é grave. Está associado a um ritual em que se coloca uma moeda na planta (100 até 500 francos CFA), dependendo da pessoa. É de realçar que no tratamento de feridas ou queimaduras muito grandes e graves usam-se as folhas de epuequê (bj) (*Combretum micranthum*) fervidas em água.

Outras Utilizações

Na Guiné-Bissau: alimentar - fruto comestível; medicinal - frutos novos para dores nos pés.



NEWBOULDIA LAEVIS (P. BEAUV.) SEEM.

Bignoniaceae

ghossonconco (bj); manduco-de-feticero,
manduco-di-futucero (cr)

Folhas (foto LC)

Outros Nomes bugampal (bf); canhom, cassinconco (bj); mãnduk-difuti-siru (cs); sucúndè (ff); fugumpa (fs); canhómburi (fu); cundjunburum (md); becuape (mj); n´simkété, singèle (nl); angade-tcharre (td)

Hábito e Ecologia Arbusto ou árvore que atinge 6 a 8 metros de altura, ocorre em floresta densa, floresta brenhosa, floresta aberta, savana arborizada e palmar. Em Orango a planta é facilmente obtida em qualquer época do ano. Actualmente é mais abundante, sendo inclusivamente usada nas vedações dos quintais.

Utilizações em Orango Foi referida por Joaquim Unhamaque, José Obassene e Muscuta da Silva para tratamento de febres sobretudo das crianças, em receitas obtidas por transmissão familiar. A preparação é feita mediante trituração no pilão e colocação em água, usando Joaquim Unhamaque as raízes e folhas, e os outros curandeiros apenas as raízes. Para baixar a febre deve lavar-se o corpo durante 2 dias, duas vezes ao dia, de manhã e de tarde ou dar banho à criança quando a febre está a subir. Segundo Muscuta da Silva pode beber-se também um pouco do remédio antes do banho. Joaquim Unhamaque utiliza também esta planta na preparação de amuletos para os furadores que tiverem dificuldade em conseguir extrair boa quantidade de vinho palma nas suas palmeiras. Para o efeito esta planta é misturada com a casca do tronco de farroba (*Parkia biglobosa*), raiz da trepadeira nodono (bj) e casca de ghotocodo (bj), (*Ficus* sp.). O corpo do furador e o respectivo machado são lavados uma vez com o mezinho e é feita uma cerimónia com uma galinha, um ovo e 1000 Francos CFA.



NEWBOULDIA LAEVIS
INFLORESCÊNCIA (FOTO LC)

Outras Utilizações Esta planta tem outras aplicações medicinais no país: a raiz é usada como abortivo e contra reumatismo e gonorreia.



OCIMUM BASILICUM L.

Labiatae

pucré (bj); mancircon, menzinho-di-bitchu (cr)

Planta com inflorescências (foto BI)

Outros Nomes nhambeira (cr); sucora (ff); nhambairam-queô, sissé-djambó (md)

Hábito e Ecologia Erva perene com até cerca de 50 cm de altura, aromática, com uma inflorescência em forma de espiga. Ocorre sobretudo em culturas de sequeiro e outros locais perturbados. É considerada uma planta fácil de colher na época das chuvas, mas pode ser difícil de obter na época seca devido à perda de todas as folhas e sementes. Ao longo do tempo tem vindo a tornar-se mais abundante porque foi introduzida na ilha e é subespontânea ou naturalizada, aparecendo na época das chuvas.

Utilizações em Orango Foi referida por Joana Monteiro, que utiliza esta planta no tratamento de “bichos” no corpo das crianças, doença de pele, em que o corpo ou os pés de uma criança apresentam manchas e cortes na pele, tipo fissuras que deixam sair líquido. Aprendeu a receita através de uma senhora de Bissau que esteve de visita em Orango.

Utiliza-se toda a parte aérea da planta, em fresco ou após secagem ao sol, bem como as sementes. Os ramos com folhas são fervidos em água, que é usada, ainda morna, para lavar as zonas do corpo infectadas, junto com sabão preto, duas vezes ao dia: de manhã cedo e ao pôr-do-sol.

Nas zonas do corpo com feridas, aplicam-se as sementes da planta com óleo de palma. O tratamento tem como efeito secundário causar ardor forte nas zonas infectadas e a criança pode chorar “quando os bichos mordem”.

*OCIMUM
BASILICUM*
FOLHA DE
HERBÁRIO
COLHIDA EM
ETICOGA,
ORANGO
(DINIZ 2451)



NOTA: As duas espécies de *Ocimum* (*O. basilicum* e *O. gratissimum*) são utilizadas com a finalidade de conservar alimentos em grão, como arroz, feijão e mancarra. São usadas as inflorescências e as sementes secas, que se misturam com os produtos a proteger. Podem também ser usadas como insecticidas e como repelentes de mosquitos.

Outras Utilizações Na Guiné-Bissau: medicinal - utilizada em constipações; diversos - repelente de mosquitos em fumigações.



OCIMUM GRATISSIMUM L.

Labiatae

ghobongongo (bj); doreda (cr)

Planta jovem com folhas e inflorescências (foto BI)

Outros Nomes Não se conhecem outros nomes vernáculos para esta espécie na Guiné-Bissau, embora seja provável a utilização dos referidos para a espécie anterior.

Hábito e Ecologia Pequeno arbusto que atinge um metro e meio de altura, ocorrendo principalmente em locais perturbados. É uma planta de origem asiática, mas actualmente está difundida em todas as regiões tropicais. Apresenta inflorescência em forma de espiga e tem um cheiro bastante forte. É uma planta fácil de obter em Orango e ao longo do tempo foi sempre abundante, sobretudo na época das chuvas.

Utilizações em Orango Referida por Joaquim Unhamaque e Joana Monteiro para o tratamento da febre, principalmente em crianças, em receitas aprendidas respectivamente por transmissão de um irmão mais velho e por compra a um mestre. É usada toda a parte aérea da planta, em fresco, consistindo a preparação em triturar com as mãos ou pilar e colocar em água. O doente toma banho com o mezinho de manhã, ao meio-dia e à tarde. Segundo Joaquim Unhamaque o doente deve beber também um pouco do medicamento de cada vez que toma banho. Joana Monteiro utiliza uma variante: prepara um xarope fervendo a planta com água e juntando um pouco de açúcar. Por ocasião de cada banho o doente toma duas a três colheres de sopa do xarope se for uma criança ou cerca de $\frac{1}{4}$ de litro no caso de ser um adulto. Ramalho do Reno utiliza também esta planta, para o tratamento das dores de cabeça. São usadas as folhas frescas, sem outro processamento, que se amarram na cabeça com a ajuda de um pano, duas vezes por dia.



OCIMUM GRATISSIMUM
RAMOS COM INFLORESCÊNCIAS (FOTO BI)

NOTA: As duas espécies de *Ocimum* (*O. basilicum* e *O. gratissimum*) são utilizadas com a finalidade de conservar alimentos em grão, como arroz, feijão e mancarra. São usadas as inflorescências e as sementes secas, que se misturam com os produtos a proteger. Podem também ser usadas como inseticidas e como repelentes de mosquitos.

Outras Utilizações Na Guiné-Bissau: medicinal; alimentar - usada para aromatizar bebidas.



PARINARI *EXCELSA* SABINE

Chrysobalanaceae

kankenom (fruto), nhêg-cuneme, uguene, ukenom, uquenon (bj); mampataz (cr)

Aspecto do tronco de uma árvore adulta (foto MAD)

Outros Nomes meile, n'djano, pilé, undiano (ba); bussol, mantchoul (fruto) (bf); mampatace, mampatás, mampatassa (cr) cura (ff); bionai (fs); cura, curanaco (fu); minquela (mc); mampatá (md); bitchalam, n'tchalame (mj); lút (nl); minquelma (pp); sugé (ss); atchaguisse (td)

Hábito e Ecologia Árvore de grande porte, de frutos arredondados e caule rugoso, que atinge 25 metros de altura ou mais. Ocorre na Guiné-Bissau em floresta densa, floresta brenhosa, floresta aberta, savana arborizada e palmar. Em Orango é obtida no mato em regeneração, junto às tabancas. É mais abundante na actualidade, podendo ser colhida em qualquer época do ano.

Utilizações em Orango Referida por Joaquim Unhamaque, para tratamento da baça das crianças e por José Obassene, para o tratamento de dores no corpo. Utiliza-se em ambos os casos a casca do tronco, de que é removida a parte exterior, tendo as receitas sido obtidas por transmissão familiar.

No tratamento da baça a casca do tronco é cortada em pequenos pedaços e colocada numa garrafa com água. A criança com baça deve tomar duas colheres do remédio de manhã, ao meio-dia e à tarde.

Para o tratamento de dores no corpo a casca do tronco é pilada até ficar macia e misturada com óleo de palma. A aplicação é tópica, untando o mezinho no corpo do doente, uma vez por dia, quando o doente vai à cama para dormir. Existem rituais para diagnosticar a causa da doença feitos com o sacrifício de um animal, que pode ser galinha, porco, etc.

Esta planta é a chamada cabeça de mezinho, que tem mais força, sendo considerado um remédio muito forte.



PARINARI EXCELSA
RAMO COM FOLHAS E
FRUTOS (FOTO BI)

Outras Utilizações

Na Guiné-Bissau: medicinal - decocção usada contra paludismo e infusão da casca contra dores de barriga; alimentar - fruto comestível; diversos - antigamente o fruto era utilizado como substituto de açúcar, na preparação de uma espécie de papa de arroz ou milho, chamada "moni" (cr); também, os frutos eram fermentados para obter o vinho de mampataz, a madeira é usada em carpintaria e como combustível.



*PILIOSTIGMA
THONNINGII*
(SCHUMACH. &
THONN.) MILNE-REDH.

Caesalpiniaceae

nepanrambu (bj); panu-di-kankora (cr)

Tronco (foto BI)

Outros Nomes

boã, mansonca, mansanca, pouúnquè (ba); bufará, fará, (bf); canna, epaco, epamámbó, epandando (bj) fará, pano-di-cancuram (cr); budandepé, bupande (fs); baiqué, bárquè, barquedje, barqueiê, bongué, fará (fu); fará (md); impukui, m'bukui mukui (nl); n'tangré, n'toncre, untoncre (pp)

Hábito e Ecologia

Pequena árvore que atinge os 8 a 10 metros de altura. Ocorre no país em floresta brenhosa, floresta aberta, savana arborizada e palmar, sendo em Orango obtida no mato em regeneração, junto às tabancas. Apresenta como característica particular cor avermelhada aquando do corte ou raspagem do tronco. É uma planta de fácil alcance e encontra-se em maior abundância na actualidade, uma vez que a prática das queimadas diminuiu. Pode ser colhida durante todo o ano.

Utilizações em Orango

Foi referida por Joaquim Pereira (Utomb) e seu filho, Sabino Pereira sendo usada no tratamento da diarreia, numa receita obtida por transmissão familiar. São usadas as raízes e a preparação consiste em descascar e ferver com água até ficarem cozidas. A aplicação é por via oral, devendo ser administrado o remédio morno, num copo de um quarto de litro, 3 vezes ao dia: de manhã, ao meio-dia e à noite.

Como ritual ligado à colheita do mezinho deita-se um pouco de tabaco em pó ou cana bordon (aguardente) na planta utilizada. Segundo o curandeiro a colheita desta planta também é feita com o objectivo de exportação, para locais como as ilhas de Uno, Bubaque e para o continente, Bissau.



PILIOSTIGMA THONNINGII
RAMO COM FOLHAS E FLORES
(FOTO STEFAN POREMBSKI, WEST
AFRICAN PLANTS DATABASE)

Outras Utilizações Na Guiné-Bissau: medicinal - a casca do tronco é cicatrizante e anti-hemorrágica, trata hemorróidas e dores de coração e as folhas são utilizadas contra prisão de ventre, pedras dos rins e doenças venéreas; diversos: a entrecasca é utilizada no fabrico de pano-dicancuram e na confecção das saias típicas das mulheres Bijagós. O fruto também é queimado para obter a cinza que entra no processo de fabrico de sabão preto e na preparação de tabaco em pó.



PROSOPIS AFRICANA (GUILL. & PERR.) TAUB.

Mimosaceae

coquengue (bj); pau-carvão, pó-carvão,
pó-de-carbom, po-di-carvom (cr)

Ramo com flores (foto LC)

Outros Nomes tenera (ba); buiengué, bussagan (bf); karbon, késeg-késeg (cs); tchelem (ff); tchalem-ai, tchela, tchelangadje, tchelem (fu); bal-tencali, culengô, culim-ô, djandjam-ô, quéssem-quéssem (md); djeiha, ogea (pp)

Hábito e Ecologia Árvore que atinge cerca de 15 metros de altura, ocorrendo na Guiné-Bissau em floresta aberta, savana arborizada e palmar. João latebeto considera uma planta relativamente difícil de encontrar devido à distância da sua tabanca, e que por isso deve ser protegida. Ainda assim é mais abundante actualmente, talvez devido ao pouco uso e não ser conhecida como medicinal. Já Silva Martins e o filho, Mário Silva Martins, consideram esta planta relativamente fácil de obter, mas é mais rara actualmente, devido à elevada utilização da madeira para vedação de quintais.

Utilizações em Orango Foi referida por João latebeto para tratamento das mulheres que tenham dificuldade de engravidar e parar as hemorragias e por Silva Martins e Mário Silva Martins, seu filho, para tratamento de dores de dentes. No primeiro caso a receita foi obtida através de um mestre e no segundo por transmissão familiar.

Para o tratamento da infertilidade e hemorragias femininas são usadas as raízes frescas e a preparação consiste em descascar, cortar em pequenos pedaços, ferver com água e colocar o líquido numa garrafa. O remédio é administrado tomando um copo de um quarto de litro, uma vez por dia no período da manhã.

Para as dores de dentes são utilizadas as folhas e a casca do tronco, em fresco, que são fervidas em água. A administração é feita por inalação do vapor do remédio na boca, cobrindo a cabeça com o pano ou lençol. Após a inalação dos vapores deixa-se sair o

PROSOPIS AFRICANA
RAMO COM FRUTOS
(FOTO BI)



pus da boca, aplicando-se duas vezes ao dia durante 3 dias. Como ritual da colheita, o curandeiro coloca uma moeda na planta que varia de 100 até 500 francos CFA, dependendo da pessoa. A casca desta planta é também utilizada para “lavar os maus espíritos”.

Outras Utilizações Na Guiné-Bissau esta árvore é largamente utilizada no fabrico de carvão e na vedação dos quintais e pontas.



PSYCHOTRIA PEDUNCULARIS (SALISB.) STEYERM.

Rubiaceae

ghupughe (bj); po-di-bras (cr)

Planta jovem com flores (foto LC)

Outros Nomes masnebissongró (= medicamento dos Bijagós) (ba); cubedô (bj); comida-de-santcho (cr), m'tokoi, rutabanfataque (nl)

Hábito e Ecologia Arbusto que pode atingir um metro e meio de altura que aparece na sombra debaixo das árvores. Ocorre na Guiné-Bissau principalmente em floresta densa, floresta aberta e palmar, sendo em Orango obtida junto às tabancas, nas hortas de caju. É uma planta de fácil acesso e todos os curandeiros referiram a sua maior abundância nos tempos actuais, devido aos locais sombreados e húmidos nas hortas de caju. Pode ser colhida em qualquer altura do ano.

Utilizações em Orango Foi referida por 4 curandeiros em Orango, em receitas obtidas através de familiares e de mestres. Joana Monteiro utiliza as folhas frescas fervidas em água como calmante em doentes com problemas de coração, palpitações e tensão alta. A aplicação é por via oral e deve tomar-se o remédio 3 vezes ao dia num copo de 1/4 de litro até a dor passar, pelo menos durante uma semana. Augusto Utomb e Augusto Fernandes Pereira usam a raiz desta planta no tratamento de mordedura de cobra, como remédio de primeiros socorros. A preparação do mezinho consiste em descascar a raiz, que é mastigada, sendo o suco engolido para que o veneno da cobra não possa subir à cabeça. O remédio deve ser administrado duas vezes por dia e se o doente continuar a piorar pode recorrer a um remédio mais forte. Segundo Augusto Utomb, se as dores piorarem, recorre-se às folhas novas de palmeira e dá-se para o doente mastigar e também, se podem mastigar as raízes de banana-santchu (*Uvaria chamae*), para baixar o efeito do veneno. Foi ainda referida por João latebeto que a utiliza para desintoxicação e como preventivo de venenos ingeridos. São



PSYCHOTRIA PEDUNCULARIS
INFRUTESCÊNCIA (FOTO MAD)

usadas as raízes, quer em fresco, fervidas em água até ficarem cozidas, quer após secagem à sombra, em que se utiliza a casca da raiz que é pilada e conservada numa garrafa.

A dose do mezinho líquido consiste em tomar o remédio num copo de um quarto de litro, uma vez por dia. O pó é tomado em qualquer momento antes de comer, se se desconfiar de qualquer mal que possa acontecer. Este remédio pode provocar diarreia e vômitos. O pó da raiz também é administrado aos cães, por inalação, para se tornarem bravos para caça.

Outras Utilizações

Outros usos desta planta conhecidos na Guiné-Bissau: medicinal - utilizada contra o paludismo e a prisão de ventre; diversos - os felupes usam a raiz para "cortar o vinho" quando estão embriagados.



SARCOCEPHALUS LATIFOLIUS (SM.) BRUCE

Rubiaceae

canhaminha (bj); caboupa, madronha (cr)

Ramo com folhas e frutos (foto BI)

Outros Nomes cunhe, ptehén'tugudu, tehé-intogudê, tètúgde (ba); bugulbá (bf); canhame (bj); madronho, tambacumba-de-santcho (cr) bacoré, cóile, condé, obacoré, naude-puthu, naudó-putcho (fu); m'nafo-ucon, nafum-cone (mc); bati-forô, fafadjambô (md); benau-utchata (mj); bopánicam, ofède, ópanica (pp)

Hábito e Ecologia Arbusto com até 5 metros de altura ou trepadora lenhosa. Na Guiné-Bissau ocorre em floresta densa, floresta brenhosa, floresta aberta, galerias florestais, palmares, lalas e margens de rios e de lagoas. Tem "frutos" (infrutescências) arredondados de cor acastanhada, que são comestíveis. Em Orango esta planta é obtida nos matos em regeneração sem grande dificuldade, podendo ser colhida em qualquer época do ano.

Utilizações em Orango Esta planta foi referida por três curandeiros, para tratamento das mulheres após o parto e como anti-abortivo durante a gravidez. Em qualquer dos casos as receitas foram aprendidas por transmissão familiar. Para o restabelecimento da mulher após o parto, Ramalho do Reno utiliza as raízes e Joana Monteiro, usa raízes e folhas, em fresco. As raízes são descascadas, lavadas e fervidas em água até ficarem cozidas. A mulher deve tomar cerca de um quarto de litro do remédio de manhã e à tarde. Este mezinho pode provocar diarreia para limpar a barriga. Joana Monteiro usa também água morna da fervura das folhas para dar banho, duas vezes por dia, às mulheres em tratamento. Muscuta da Silva utiliza as raízes, quer em fresco quer após a secagem, no tratamento de hemorragias durante a gravidez. A doente deve beber o mezinho até a dor passar, 3 vezes ao dia ou conforme a sua vontade, para poder recuperar mais depressa.



SARCOCEPHALUS LATIFOLIUS
INFLORESCÊNCIA (FOTO LC)

Este mezinho pode ser muito amargo.

Outras Utilizações

Na Guiné-Bissau: alimentar - as infrutescências são comestíveis; medicinal - raiz, casca e folhas têm várias utilizações.



SENNA OCCIDENTALIS (L.) LINK

Caesalpiniaceae

necepo (bj); padja-santa, palha-santa (cr)

Folhas e flores (foto BI)

Outros Nomes méta, m'bamppte, m'panté (ba); buafuga, bufuga (bf); fédégosa (cs); gendjoel (ff); caputamunambá (fs); coro-talindim, cunaláti (fu); becó-binhále (mj); n'pankanise (nl); bangai (pp)

Hábito e Ecologia Erva anual de flores amarelas, atingindo cerca de 1,5 metros de altura, que ocorre principalmente em culturas de sequeiro e outros locais perturbados. É uma planta de fácil acesso em Orango e é mais abundante na actualidade, talvez devido a uma maior precipitação anual. Pode ser obtida em qualquer época do ano, no entanto é mais abundante na época das chuvas.

Utilizações em Orango Foi referida por 2 curandeiros, em receitas aprendidas por transmissão familiar. Joana Monteiro utiliza as folhas, trituradas à mão e colocadas em água, no tratamento da febre, principalmente em crianças. O tratamento consiste em lavar a criança com o remédio 3 vezes ao dia até a febre passar, apanhando também um pouco do remédio na mão e dar à criança para beber. Pode provocar a diarreia na criança, como efeito secundário. José Obassene utiliza as folhas em fresco, para o tratamento de inchaço no corpo ou na barriga. São trituradas no pilão, colocadas em água, após o que o mezinho é coado e bebido pelo doente. O doente deve beber até um litro, 3 vezes ao dia, de manhã, meio-dia e à tarde. Pode ocorrer diarreia como efeito secundário.

Outras Utilizações Na Guiné-Bissau: medicinal - raiz e folhas usadas em doenças venéreas e folhas usadas contra febre e doenças de olhos; alimentar - das sementes faz-se um sucedâneo de café.

SENNA OCCIDENTALIS

RAMOS COM FRUTOS E FLORES (FOTO LC)





SENNA *PODOCARPA* (GUILL. & PERR.) LOCK

Caesalpiniaceae

necepo, negonoghate-oreboc (bj);
palha-santa, planta-di-regulo (cr)

Folhas e flores (foto BI)

Outros Nomes m'panté (ba); ridjame, sindjouel (fu); djandjam-cafae (md); beuroque (pp)

Hábito e Ecologia Arbusto de flores amarelas que atinge cerca de 2 metros de altura. Ocorre em floresta brenhosa, floresta aberta, galerias florestais e palmares. Para alguns curandeiros é uma espécie relativamente difícil de obter, no entanto é, em geral, considerada mais abundante actualmente.

É uma planta importante, utilizada nas portas das balobas, não sendo cortada de qualquer maneira. Também é utilizada para lavar os defuntos durante as cerimónias da baloba. Pode ser colhida em qualquer altura do ano, principalmente na época das chuvas. A planta desaparece na época da seca mas se for regada pode continuar no período da seca.

Utilizações em Orango Referida por vários curandeiros para tratamento das mulheres com dificuldades em engravidar e como purgante em caso de prisão de ventre.

Raul e Domingos Iaratano (filho) utilizam-na para limpeza da barriga das mulheres com dificuldade de engravidar.

São usadas as folhas em fresco que são trituradas no pilão, colocadas em água e sal. O mezinho é coado até ficar limpo e administrado apenas uma vez por dia, em jejum, na dose de um litro para adultos. Uma mulher grávida não deve tomar este remédio, que pode também provocar a diarreia.

A utilização como purgante foi referida por quatro curandeiros. Silva Martins e o seu filho Mário Silva Martins e José Vieira Mandinga utilizam as folhas em fresco que são trituradas no pilão e colocadas em água e sal, após o que o remédio é coado até ficar limpo. Tomar 3/4 a 1 litro do remédio de manhã cedo e no caso



SENNA PODOCARPA
FLORES E FRUTOS (FOTO BI)

de o remédio não fazer efeito aumenta-se a dose no dia seguinte. José Vieira Mandinga ferve as folhas, adiciona ao remédio açúcar e recomenda uma massagem na barriga do doente. Segundo este curandeiro o remédio pode provocar vômitos. Augusto Fernandes Pereira e Ramalho do Reno utilizam as folhas e raízes como purgante, referindo o segundo que podem ser secas e conservadas para posterior utilização. As folhas são trituradas e as raízes são descascadas e cortadas em pedaços, após o que são fervidas em água até cozerem, sendo depois coado o mezinho. Augusto Fernandes Pereira junta sal à água de cozedura. O doente toma uma única dose, de cerca de meio litro no primeiro caso e um litro no segundo.

Outras Utilizações

Na Guiné-Bissau: religiosa - folhas usadas pelos régulos em cerimónias rituais.



STROPHANTHUS
SARMENTOSUS DC.
VAR. *SARMENTOSUS*

Apocynaceae

manate, unucan-iinrighaghe (bj); cuntés (cr)

Caulo com folhas e flores (foto LC)

Outros Nomes théthé, teme (ba); ranud (cs); quindé (ff); uraumu (fl); fufembe-êule, fumabó (fs); bodje, manca-anadje (fu); biéte (mc); solenambô (md); mambahane (pj); n'ápè, um-ápè (pp); tibalàè (nl)

Hábito e Ecologia Arbusto ou liana que atinge vários metros de altura. Apresenta seiva leitosa de cor amarela quando raspada um pouco com uma faca ou com a unha. Na Guiné-Bissau ocorre em floresta densa, floresta aberta, savana arborizada, floresta galeria, palmar, orla de mangal e nos matos em regeneração. Em Orango (Ambuduco), segundo Ramalho do Reno, actualmente está mais rara porque as pessoas arrancam-na com todas as raízes e acaba por morrer. Por isso está mais difícil de obter e deve diminuir-se a sua exploração para proteger esta espécie. Pode ser colhida em qualquer época do ano mas o remédio obtido desta planta é mais forte na época de seca.

Utilizações em Orango Ramalho do Reno utiliza-a no tratamento da febre-amarela (hepatites), numa receita aprendida por transmissão familiar. São usadas as raízes, em fresco ou após secagem ao sol, consistindo a preparação na raspagem e colocação numa garrafa com água durante várias horas. Toma-se o remédio na xícara de "uarga", três vezes por dia, durante seis meses, se o caso for crónico, se for na fase inicial da doença faz-se o tratamento durante três meses. O curandeiro cobra 1000 francos CFA por cada garrafa preparada com o remédio, que também envia para o exterior, nomeadamente para Bubaque, Bissau e Portugal.

STROPHANTHUS
SARMENTOSUS
FRUTO (FOTO LC)



Outras Utilizações Na Guiné-Bissau: medicinal - artrite, febre reumática, tónico cardíaco e diurético; diversas - dos ramos fazem-se braceletes usadas pelos rapazes balantas na fase de iniciação 'nai'.



TERMINALIA MACROPTERA GUILL. & PERR.

Combretaceae

uqueredjo (bj); macite, massite (cr)

Planta jovem (foto BI)

Outros Nomes fadi (ba); bulofôr (bf); karkone, macete, djamba-catam (ff); bode, bói (fu); bolóbô (mc); hólô-fôro (md); betáli, betcháli, betèlèdje, braqui, têlêjê (mj); n'kone (nl); n'túlam, untulam (pp)

Hábito e Ecologia Árvore com até cerca de 15 metros de altura ou arbusto. Ocorre na Guiné-Bissau em floresta aberta, savana arborizada e margens de lalás. Em Orango é obtida sobretudo nos matos em regeneração, podendo ser colhida em qualquer época do ano. Rosa Cugussamé considera que é de difícil acesso nas zonas próximas da sua tabanca, Eticoga, e que tem vindo a tornar-se mais rara. Já Joaquim Pereira diz que é mais abundante actualmente devido aos matos em regeneração.

Utilizações em Orango Referida por Joaquim Pereira (Utomb), que aprendeu a receita com o seu pai e que entretanto já a transmitiu ao seu filho, Sabino Pereira, e por Rosa Cugussamé, que aprendeu a receita com o seu marido. Joaquim Pereira utiliza as folhas após ligeira secagem ao sol para tratar as mulheres grávidas que têm hemorragias. A preparação consiste em ferver as folhas com água, sendo o medicamento bebido pela doente na dose de um litro três vezes ao dia. O curandeiro deita um pouco de tabaco em pó ou cana bordon (aguardente) na planta e cobra 5000 francos CFA por cada tratamento. Rosa Cugussamé usa a casca do tronco, em fresco, para tratamento das dores no corpo. A casca é pelada e triturada no pilão e aplica-se amarrando o mesinho triturado no local ou na parte dolorida, de manhã e à noite antes de ir para a cama. Neste mezinho pode misturar-se óleo de palma. No caso das crianças espreme-se o



TERMINALIA MACROPTERA
RAMO COM FOLHAS (FOTO BI)

Íquido no local. Pede a Deus quando prepara o remédio para que tenha bons resultados na cura e não cobra pelo tratamento. Esta espécie também é utilizada para tingir (tindji) as saias.

Outras Utilizações

Na Guiné-Bissau: medicinal - utilizada contra “febre-amarela” (icterícia?) e “coceira”, as folhas como diurético, antitússico e antipalúdico e a raiz em doenças venéreas.



TRICHILIA
PRIEURIANA A. JUSS.
SUBSP. *PRIEURIANA*

Meliaceae
cudaco, nequeno (bj)

Planta jovem (foto BI)

Outros Nomes cudaco (fl); djambadjilom, quibiricarre (fu); benkar (nl); bugondjôle (pp)

Hábito e Ecologia Árvore que atinge alturas até 15 a 20 metros. Na Guiné-Bissau ocorre em floresta densa, floresta aberta, savana arborizada, galerias florestais e palmar, mas em Orango sempre foi uma planta difícil de obter, não sendo muito utilizada. Apesar de tudo pode ser colhida em qualquer altura do ano. Existem poucos indivíduos desta espécie em Eticoga: apenas podem ser encontrados no sítio onde as mulheres realizam as suas cerimónias e outros, um pouco fora da tabanca, no mato de fanado dos homens.

Utilizações em Orango Desta planta faz-se o principal remédio de tratamento de picada de cobra, tendo sido referida por Augusto Fernandes Pereira, Joaquim Unhamaque e José Obassene para este fim. O primeiro aprendeu a receita com um mestre e os restantes por transmissão familiar. É utilizada principalmente a casca do tronco em fresco mas José Obassene utiliza também a casca após secagem ao sol. Este curandeiro disse que o remédio pode ser preparado e tomado em fresco, em casos de emergência e também seco e preparado, para prevenir as picadas. Junta ainda, antes da trituração, uma mão cheia de mancarra (amendoim). Joaquim Unhamaque disse que adiciona ao remédio a mancarra ou feijão. O doente que foi mordido por uma cobra deve beber uma grande quantidade do mezinho, por exemplo um litro de meia em meia hora. Uma reacção ao remédio é o vómito, que segundo os curandeiros é necessário para o doente eliminar o veneno da cobra e é um sinal de que o mezinho está a actuar, podendo repetir-se até quatro vezes.

*TRICHILIA
PRIEURIANA*
ASPECTO DO
TRONCO DE
UMA PLANTA
AMPLAMENTE
EXPLORADA
PARA OS FINS
MEDICINAIS
(FOTO BI)



O doente de picada de cobra deve comer bastante mancarra para que o veneno não possa subir à cabeça e não deve dormir enquanto o veneno não for eliminado. Augusto Fernandes Pereira faz uma cerimónia de pedido para o uso da planta.

Outras Utilizações

A utilização medicinal desta planta contra as mordeduras de cobra é referida também noutros locais da Guiné-Bissau.



UVARIA CHAMAE P. BEAUV.

Annonaceae

edjotchotche (bj); banana-sanjo, banana-santchu (cr)

Ramo com folhas e frutos jovens (foto LC)

Outros Nomes búurtchi (bf); fudia (fs); qélè-bálé, qélè-bálei, quelibaledje (fu); begundja, bogunha, bugunha (mc); sambafim-ô, sambafiom, sambefim (md); begundja, bogunha, bugunha (mj); n'pinde (nl); gúndjê (pp); mourandá (ss)

Hábito e Ecologia Arbusto com aproximadamente até 2 metros de altura ou liana, cujos frutos são comestíveis. Ocorre principalmente em floresta aberta e savana arborizada. Em Orango pode ser colhida em qualquer época do ano, mas segundo os curandeiros da ilha as plantas medicinais são mais fortes na época de seca. Parece ser uma planta fácil de obter, devido à regeneração dos matos e porque era mais usada antigamente. No entanto Silva Martins tem alguma dificuldade em obtê-la e afirma que se devem evitar as queimadas para protegê-la.

Utilizações em Orango Silva Martins e Mário Silva Martins (filho) utilizam a planta no tratamento de picadas de cobra (bida, naja), em receita obtida por transmissão familiar. A casca da raiz é pelada, triturada em fresco e colocada em água, sendo depois o remédio coado. O doente bebe o mezinho até vomitar o veneno e deve amarrar-se uma corda acima do ponto da picada para evitar a subida ou a circulação do veneno para a cabeça do doente. Os mesmos curandeiros e Muscuta da Silva utilizam a mesma planta para tratar problemas mentais relacionados com "maus espíritos, epilepsia, durba cabeça", em receita obtida por transmissão familiar. Usam as folhas que são piladas e fervidas em água, junto com cebola, alho e perfume. Segundo Silva Martins o doente deve tomar banho com o mezinho de manhã cedo e à noite. Muscuta da Silva recomenda o banho uma vez por dia e sempre que o doente sai de casa ou vai ao mato.



UVARIA CHAMAE

RAMO COM FOLHAS E FRUTOS (FOTO BI)

José Vieira Mandinga usa esta planta no tratamento de dores de cabeça e gripe, tendo comprado a receita a um mestre. Os ramos com folhas, em fresco, são misturados com folhas de *Annona senegalensis* (mambomba em crioulo) e fervidos em água. O doente inala o vapor uma vez por dia, preferencialmente algumas horas antes de ir para a cama, cobrindo-se com lençóis, cobertores ou panos para reter maior quantidade do vapor, bebendo também um pouco do líquido. Depois de efectuar o tratamento o paciente liberta suor do corpo e a temperatura baixa. Em caso de dores de cabeça muito fortes podem pilar-se as folhas e amarrar com um lenço na cabeça.

Outras Utilizações

Na Guiné-Bissau: alimentar - fruto comestível; medicinal - folhas usadas contra tosse convulsa, dores de ventre, hemorróidas e feridas; diversos - folhas utilizadas para dobrar tabaco.



ZANTHOXYLUM LEPRIEURII GUILL. & PERR.

Rutaceae
eranha (bj)

Caulo com espinhos (foto LC)

Outros Nomes mádjá, mantcha, mantchu (ba); barquelem (fu)

Hábito e Ecologia Arbusto que atinge cerca de 4 metros de altura ou árvore, apresentando espinhos pretos no caule e nos ramos jovens. Na Guiné-Bissau ocorre em floresta densa, floresta aberta, savana arborizada, palmar e margens de rios. Planta fácil de obter nos matos em regeneração ou junto às tabancas, é mais abundante na actualidade, talvez porque as aves fazem a dispersão ao comer as sementes e levá-las para outros locais. Pode ser colhida em qualquer altura do ano, no entanto perde as folhas na época seca. Esta planta tem utilizações variadas, na cura tradicional dos Bijagós do PNO.

Utilizações em Orango Foi referida por dois curandeiros, que utilizam a planta em mezinhas contra as mordeduras de cobra e diarreia, em receitas aprendidas com mestres. Augusto Fernandes Pereira usa a casca do tronco no tratamento da picada de cobra, em fresco ou após secagem ao sol, a que junta também a casca seca do caule de *Uvaria chamae* (edjotchotche em bijagó). A preparação consiste em triturar os constituintes até os reduzir a pó. Este mezinho pode ser usado como preventivo, colocando uma pitada do pó na cabeça quando se vai ao mato, ou como curativo, engolindo um pouco do pó. Augusto Utomb utiliza esta espécie no tratamento da picada de cobra e de dores da barriga. São usadas as raízes e as folhas. As raízes utilizam-se após secagem ao sol, sendo peladas e trituradas até ficarem em pó. O tratamento consiste em tomar o remédio em pó com pouca água no caso da picada de cobra, e com bastante água no caso da dor de barriga. O mezinho tem um gosto amargo. Faz-se a oração antes de retirar a raiz.

*ZANTHOXYLUM
LEPRIEURII*
RAMO COM
FOLHAS E
FRUTOS
(FOTO MAD)



Este curandeiro utiliza ainda as folhas frescas para afastar os maus espíritos e para afastar as cobras. As folhas são trituradas e postas na água, com a qual se lava o doente, sobretudo crianças em casos de maus espíritos.

Esta planta também é aplicada em vários tratamentos de "mangiduras" e para tratar animais, como as cabras e porcos.

Neste caso, a raiz fresca é triturada, misturada com sal e utilizada para tratar as feridas nos animais.

Outras Utilizações

Na Guiné-Bissau: medicinal - infusão da raiz usada como antiabortivo, contra a asma, dores de dentes e mordeduras de cobras.

ÍNDICE DE PLANTAS MEDICINAIS DE ORANGO

Espécie	Família	Página
<i>Abrus precatorius</i> subsp. <i>africanus</i> Verdc.	<i>Fabaceae</i>	54
<i>Adansonia digitata</i> L.	<i>Bombacaceae</i>	56
<i>Allophylus africanus</i> P. Beauv.	<i>Sapindaceae</i>	58
<i>Anacardium occidentale</i> L.	<i>Anacardiaceae</i>	60
<i>Annona senegalensis</i> Pers.	<i>Annonaceae</i>	62
<i>Anthocleista vogelii</i> Planch.	<i>Loganiaceae</i>	64
<i>Bridelia micrantha</i> (Hochst.) Baill.	<i>Euphorbiaceae</i>	66
<i>Calyptrochilum christyanum</i> (Rchb. f.) Summerh.	<i>Orchidaceae</i>	68
<i>Capparis erythrocarpos</i> Isert	<i>Capparaceae</i>	70
<i>Carica papaya</i> L.	<i>Caricaceae</i>	72
<i>Cassytha filiformis</i> L.	<i>Lauraceae</i>	74
<i>Cissampelos mucronata</i> A.Rich.	<i>Menispermaceae</i>	76
<i>Citrus limon</i> (L.) Burm.f.	<i>Rutaceae</i>	78
<i>Cnestis ferrugínea</i> DC.	<i>Connaraceae</i>	80
<i>Combretum micranthum</i> G.Don	<i>Combretaceae</i>	82
<i>Elaeis guineensis</i> Jacq.	<i>Palmae</i>	84
<i>Erythrina senegalensis</i> DC.	<i>Fabaceae</i>	86
<i>Faidherbia albida</i> (Delile) A. Chev.	<i>Mimosaceae</i>	88
<i>Ficus exasperata</i> Vahl	<i>Moraceae</i>	90
<i>Ficus polita</i> Vahl	<i>Moraceae</i>	92
<i>Guiera senegalensis</i> J.F.Gmel.	<i>Combretaceae</i>	94
<i>Hymenocardia acida</i> Tul. var. <i>acida</i>	<i>Euphorbiaceae</i>	96
<i>Jatropha curcas</i> L.	<i>Euphorbiaceae</i>	98
<i>Khaya senegalensis</i> (Desr.) A.Juss.	<i>Meliaceae</i>	100
<i>Landolphia dulcis</i> (R.Br. ex Sabine) Pichon	<i>Apocynaceae</i>	102
<i>Leptadenia hastata</i> (Pers.) Vatke	<i>Asclepiadaceae</i>	104
<i>Luffa cylindrica</i> (L.) M.Roem.	<i>Cucurbitaceae</i>	106

Espécie	Família	Página
<i>Mangifera indica</i> L.	Anacardiaceae	108
<i>Margaritaria discoidea</i> (Baill.) Webster var. <i>discoidea</i>	Euphorbiaceae	110
<i>Morinda geminata</i> DC.	Rubiaceae	112
<i>Neocarya macrophylla</i> (Sabine) Prance ex F.White	Chrysobalanaceae	114
<i>Newbouldia laevis</i> (P.Beauv.) Seem.	Bignoniaceae	116
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Labiatae	118
<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Labiatae	120
<i>Parinari excelsa</i> Sabine	Chrysobalanaceae	122
<i>Piliostigma thonningii</i> (Schumach. & Thonn.) Milne-Redh.	Caesalpiniaceae	124
<i>Prosopis africana</i> (Guill. & Perr.) Taub.	Mimosaceae	126
<i>Psychotria peduncularis</i> (Salisb.) Steyerm.	Rubiaceae	128
<i>Sarcocephalus latifolius</i> (Sm.) Bruce	Rubiaceae	130
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	Caesalpiniaceae	132
<i>Senna podocarpa</i> (Guill. & Perr.) Lock	Caesalpiniaceae	134
<i>Strophanthus sarmentosus</i> DC. var. <i>sarmentosus</i>	Apocynaceae	136
<i>Terminalia macroptera</i> Guill. & Perr.	Combretaceae	138
<i>Trichilia prieuriana</i> A.Juss. subsp. <i>prieuriana</i>	Meliaceae	140
<i>Uvaria chamae</i> P.Beauv.	Annonaceae	142
<i>Zanthoxylum leprieurii</i> Guill. & Perr.	Rutaceae	144

ÍNDICE DE UTILIZAÇÕES

Doença, condição ou sintoma	Espécie	Página
Baça	<i>Abrus precatorius</i> subsp. <i>africanus</i>	54
Baça	<i>Erythrina senegalensis</i>	86
Baça	<i>Parinari excelsa</i>	122
Bronquite	<i>Guiera senegalensis</i>	94
Coceira (comichão)	<i>Allophylus africanus</i>	58
Coceira (comichão)	<i>Guiera senegalensis</i>	94
Desintoxicação (venenos)	<i>Psychotria peduncularis</i>	128
Diarreia	<i>Bridelia micrantha</i>	66
Diarreia	<i>Luffa cylindrica</i>	106
Diarreia	<i>Margaritaria discoidea</i> var. <i>discoidea</i>	110
Diarreia	<i>Piliostigma thonningii</i>	124
Dor de barriga	<i>Annona senegalensis</i>	62
Dor de barriga	<i>Cissampelos mucronata</i>	76
Dor de barriga	<i>Citrus limon</i>	78
Dor de barriga	<i>Neocarya macrophylla</i>	114
Dor de barriga	<i>Zanthoxylum leprieurii</i>	144
Dor de cabeça	<i>Anacardium occidentale</i>	60
Dor de cabeça	<i>Annona senegalensis</i>	62
Dor de cabeça	<i>Capparis erythrocarpos</i>	70
Dor de cabeça	<i>Citrus limon</i>	78
Dor de cabeça	<i>Ocimum gratissimum</i>	120
Dor de cabeça	<i>Uvaria chamae</i>	142
Dor de dentes	<i>Mangifera indica</i>	108
Dor de dentes	<i>Neocarya macrophylla</i>	114
Dor de dentes	<i>Prosopis africana</i>	126
Dor de estômago	<i>Landolphia dulcis</i>	102
Dor de estômago	<i>Psychotria peduncularis</i>	128

Doença, condição ou sintoma	Espécie	Página
Dor de ouvidos	<i>Anthocleista vogelii</i>	62
Dor no corpo	<i>Morinda geminata</i>	112
Dores de dentes	<i>Prosopis africana</i>	126
Dores lombares (dores de rabada)	<i>Calyptrochilum christyanum</i>	68
Dores no corpo	<i>Hymenocardia acida</i> var. <i>acida</i>	96
Dores no corpo	<i>Parinari excelsa</i>	122
Dores no corpo	<i>Terminalia macroptera</i>	138
Durba cabeça	<i>Uvaria chamae</i>	142
Epilepsia	<i>Uvaria chamae</i>	142
Facilitar o parto	<i>Adansonia digitata</i>	54
Facilitar o parto	<i>Morinda geminata</i>	112
Facilitar o parto	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
Falta de apetite	<i>Landolphia dulcis</i>	102
Febre	<i>Ficus exasperata</i>	90
Febre	<i>Luffa cylindrica</i>	106
Febre	<i>Newbouldia laevis</i>	116
Febre	<i>Ocimum basilicum</i>	118
Febre	<i>Ocimum gratissimum</i>	120
Febre	<i>Senna occidentalis</i>	132
Feridas (desinfectante)	<i>Combretum micranthum</i>	82
Feridas (desinfectante)	<i>Leptadenia hastata</i>	104
Gripe	<i>Uvaria chamae</i>	142
Hemorragia das grávidas	<i>Terminalia macroptera</i>	138
Hemorragias femininas	<i>Prosopis africana</i>	126
Hepatites (febre amarela)	<i>Strophanthus sarmentosus</i> var. <i>sarmentosus</i>	136
Hipertensão	<i>Psychotria peduncularis</i>	128
Impintchu (infecções da pele, fungos)	<i>Allophylus africanus</i>	58
Impotência sexual masculina	<i>Elaeis guineensis</i>	84
Infecções da pele (“bitchos” no corpo de criança)	<i>Ocimum basilicum</i>	118
Infertilidade feminina	<i>Erythrina senegalensis</i>	86
Infertilidade feminina	<i>Erythrina senegalensis</i>	86
Infertilidade feminina	<i>Hymenocardia acida</i> var. <i>acida</i>	96

Doença, condição ou sintoma	Espécie	Página
Infertilidade feminina	<i>Prosopis africana</i>	126
Infertilidade feminina	<i>Senna podocarpa</i>	134
Inflamação / inchaço	<i>Cnestis ferruginea</i>	80
Inflamação / inchaço	<i>Faidherbia albida</i>	88
Inflamação / inchaço	<i>Senna occidentalis</i>	132
Lactação das mulheres (estimulante)	<i>Leptadenia hastata</i>	104
Maus espíritos	<i>Uvaria chamae</i>	142
Paludismo	<i>Margaritaria discoidea</i> var. <i>discoidea</i>	110
Paludismo	<i>Newbouldia laevis</i>	116
Parto (facilitador)	<i>Carica papaya</i>	72
Parto (facilitador)	<i>Cassytha filiformis</i>	74
Parto (facilitador)	<i>Ficus polita</i>	92
Picada de cobra	<i>Jatropha curcas</i>	98
Picada de cobra	<i>Psychotria peduncularis</i>	128
Picada de cobra	<i>Trichilia prieuriana</i> subsp. <i>prieuriana</i>	140
Picada de cobra	<i>Uvaria chamae</i>	142
Picada de cobra	<i>Zanthoxylum leprieurii</i>	144
Picada de peixe raia	<i>Erythrina senegalensis</i>	86
Prisão de ventre (purgante)	<i>Bridelia micrantha</i>	66
Problemas musculares (nervos, trombose)	<i>Margaritaria discoidea</i> var. <i>discoidea</i>	110
Queimaduras	<i>Neocarya macrophylla</i>	114
Tosse	<i>Khaya senegalensis</i>	100
Vômito	<i>Margaritaria discoidea</i> var. <i>discoidea</i>	110

ÍNDICE DE NOMES VERNÁCULOS E LÍNGUAS

Nome	Língua	Espécie	Página
acajou-du-sénégal	francês	<i>Khaya senegalensis</i>	100
acarta-lixo	crioulo	<i>Ficus exasperata</i>	90
acuapôpo	crioulo	<i>Anthocleista vogelii</i>	64
ambate	tanda	<i>Combretum micranthum</i>	82
aneafiafia	biafada	<i>Cissampelos mucronata</i>	76
angade-tcharre	tanda	<i>Newbouldia laevis</i>	116
anhese	tanda	<i>Allophylus africanus</i>	58
arbre-corail	francês	<i>Erythrina senegalensis</i>	86
atamule	tanda	<i>Morinda geminata</i>	112
atchaguesse	tanda	<i>Parinari excelsa</i>	122
âtè	balanta	<i>Adansonia digitata</i>	56
babodos	crioulo - flora do Senegal	<i>Guiera senegalensis</i>	94
bacalambách	mancanha	<i>Cissampelos mucronata</i>	76
bacoré	fula	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
badô-dôce	crioulo	<i>Guiera senegalensis</i>	94
badodoce	crioulo	<i>Guiera senegalensis</i>	94
badodosso	crioulo	<i>Guiera senegalensis</i>	94
badôsdôce	crioulo	<i>Guiera senegalensis</i>	94
badosdos	crioulo - flora do Senegal	<i>Guiera senegalensis</i>	94
badosôsso	crioulo	<i>Guiera senegalensis</i>	94
baiqué	fula	<i>Piliostigma thonningii</i>	124
bal-tencali	mandinga	<i>Prosopis africana</i>	126
bâme	mancanha	<i>Annona senegalensis</i>	62
banana-sanjo	crioulo	<i>Uvaria chamae</i>	142
banana-santchu	crioulo	<i>Uvaria chamae</i>	142
bangai	papel	<i>Senna occidentalis</i>	132
bansumá	sosso	<i>Neocarya macrophylla</i>	114

Nome	Língua	Espécie	Página
baobab	felupe	<i>Adansonia digitata</i>	56
barcolomô	mandinga	<i>Combretum micranthum</i>	82
barniate	papel	<i>Cnestis ferruginea</i>	80
bárquè	fula	<i>Piliostigma thonningii</i>	124
barquedje	fula	<i>Piliostigma thonningii</i>	124
barqueiê	fula	<i>Piliostigma thonningii</i>	124
barquelem	fula	<i>Zanthoxylum leprieurii</i>	144
batè	felupe senegalês	<i>Neocarya macrophylla</i>	114
bati-forô	mandinga	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
bdutubus	mancanha	<i>Cnestis ferruginea</i>	80
bé-thácare	mancanha	<i>Leptadenia hastata</i>	104
bebáque	manjaco	<i>Adansonia digitata</i>	56
becó-binhále	manjaco	<i>Senna occidentalis</i>	132
becuape	manjaco	<i>Newbouldia laevis</i>	116
becúi	manjaco	<i>Morinda geminata</i>	112
becute	manjaco	<i>Landolphia dulcis</i>	102
bedom-hal	mancanha	<i>Adansonia digitata</i>	56
bedom-hal	manjaco	<i>Adansonia digitata</i>	56
bedon-albabo	mancanha	<i>Carica papaya</i>	72
beduto-ubule	mancanha	<i>Cnestis ferruginea</i>	80
begundja	mancanha	<i>Uvaria chamae</i>	142
begundja	manjaco	<i>Uvaria chamae</i>	142
benambô	biafada	<i>Abrus precatorius</i> subsp. <i>africanus</i>	54
benau-utchata	manjaco	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
benémpe	manjaco	<i>Annona senegalensis</i>	62
benempele	manjaco	<i>Annona senegalensis</i>	62
beninebahan	balanta	<i>Hymenocardia acida</i> var. <i>acida</i>	96
benintchi	biafada	<i>Elaeis guineensis</i>	84
benkar	nalu	<i>Trichilia prieuriana</i> subsp. <i>prieuriana</i>	140
bénôbénô	mancanha	<i>Neocarya macrophylla</i>	114
bénôbénô	manjaco	<i>Neocarya macrophylla</i>	114
benotaro	manjaco	<i>Annona senegalensis</i>	62
béntia	manjaco	<i>Khaya senegalensis</i>	100

Nome	Língua	Espécie	Página
bentiene	manjaco	<i>Khaya senegalensis</i>	100
bepaia	manjaco	<i>Carica papaya</i>	72
betáli	manjaco	<i>Terminalia macroptera</i>	138
betampale	mancanha	<i>Faidherbia albida</i>	88
betcháli	manjaco	<i>Terminalia macroptera</i>	138
betèlèdje	manjaco	<i>Terminalia macroptera</i>	138
betenam	balanta	<i>Hymenocardia acida</i> var. <i>acida</i>	96
betone	manjaco	<i>Khaya senegalensis</i>	100
beuroque	papel	<i>Senna podocarpa</i>	134
biaiérre	mancanha	<i>Khaya senegalensis</i>	100
biéte	mancanha	<i>Strophanthus sarmentosus</i> var. <i>sarmentosus</i>	136
biloncondjebá	mandinga	<i>Morinda geminata</i>	112
biloncontchebáe	fula	<i>Morinda geminata</i>	112
binherre	mancanha	<i>Capparis erythrocarpos</i>	70
bio	felupe	<i>Neocarya macrophylla</i>	114
biðcé	balanta	<i>Guiera senegalensis</i>	94
bioépi	balanta	<i>Faidherbia albida</i>	88
bionai	felupe senegalês	<i>Parinari excelsa</i>	122
biongômo	balanta-mané	<i>Faidherbia albida</i>	88
bionsi	balanta	<i>Guiera senegalensis</i>	94
bislina	papel	<i>Cissampelos mucronata</i>	76
bissaca	crioulo	<i>Bridelia micrantha</i>	66
bissaca	crioulo	<i>Erythrina senegalensis</i>	86
bissacra	papel	<i>Leptadenia hastata</i>	104
bissai	biafada	<i>Bridelia micrantha</i>	66
bissaiô	mandinga	<i>Bridelia micrantha</i>	66
bissansce	papel	<i>Erythrina senegalensis</i>	86
bissaque	papel	<i>Bridelia micrantha</i>	66
bisse-nhatam	mancanha	<i>Guiera senegalensis</i>	94
bissem-antchom	manjaco	<i>Guiera senegalensis</i>	94
bissilão	crioulo	<i>Khaya senegalensis</i>	100
bissilintche	manjaco	<i>Guiera senegalensis</i>	94

Nome	Língua	Espécie	Página
bissilon	crioulo	<i>Khaya senegalensis</i>	100
bissoia	fula	<i>Bridelia micrantha</i>	66
bissoia	mandinga	<i>Bridelia micrantha</i>	66
bissom-aptchom	mancanha	<i>Guiera senegalensis</i>	94
bitchalam	manjaco	<i>Parinari excelsa</i>	122
bitchiante	mancanha	<i>Guiera senegalensis</i>	94
bitchiante	manjaco	<i>Guiera senegalensis</i>	94
bitiague	mancanha	<i>Neocarya macrophylla</i>	114
bitiague	manjaco	<i>Neocarya macrophylla</i>	114
biussi	balanta	<i>Guiera senegalensis</i>	94
blambô	manjaco	<i>Landolphia dulcis</i>	102
boa	balanta	<i>Piliostigma thonningii</i>	124
bocó	papel	<i>Luffa cylindrica</i>	106
bode	fula	<i>Terminalia macroptera</i>	138
bodi	fula	<i>Hymenocardia acida</i> var. <i>acida</i>	96
bodi-iode	balanta	<i>Annona senegalensis</i>	62
bodje	fula	<i>Strophanthus sarmentosus</i> var. <i>sarmentosus</i>	136
bôè	fula	<i>Adansonia digitata</i>	56
bogunha	mancanha	<i>Uvaria chamae</i>	142
bogunha	manjaco	<i>Uvaria chamae</i>	142
bói	fula	<i>Terminalia macroptera</i>	138
bôk	crioulo - flora do Senegal	<i>Combretum micranthum</i>	82
bole	bijagó	<i>Annona senegalensis</i>	62
bolólbô	mancanha	<i>Terminalia macroptera</i>	138
bolonco-tchibá	fula	<i>Morinda geminata</i>	112
boloncodjibá-macho	crioulo	<i>Morinda geminata</i>	112
boloncom	mandinga	<i>Morinda geminata</i>	112
boloncondjibá	mandinga	<i>Morinda geminata</i>	112
bondja	fula	<i>Erythrina senegalensis</i>	86
bongué	fula	<i>Piliostigma thonningii</i>	124
bopánicam	papel	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
borassam	mandinga	<i>Faidherbia albida</i>	88

Nome	Língua	Espécie	Página
borassam-ô	mandinga	<i>Faidherbia albida</i>	88
borassanhe	fula	<i>Faidherbia albida</i>	88
bórè	balanta	<i>Annona senegalensis</i>	62
botchotchadje	fula	<i>Erythrina senegalensis</i>	86
bothola	fula	<i>Erythrina senegalensis</i>	86
braqui	manjaco	<i>Terminalia macroptera</i>	138
brerem-mela-n'sata	papel	<i>Capparis erythrocarpos</i>	70
brungal	manjaco	<i>Adansonia digitata</i>	56
bsálá	balanta	<i>Combretum micranthum</i>	82
bu-ok	crioulo - flora do Senegal	<i>Combretum micranthum</i>	82
bu-rusu	crioulo - flora do Senegal	<i>Guiera senegalensis</i>	94
buàdja	biafada	<i>Faidherbia albida</i>	88
buadjú	biafada	<i>Anacardium occidentale</i>	60
buafuga	biafada	<i>Senna occidentalis</i>	132
buàs	biafada	<i>Adansonia digitata</i>	56
bubirique	felupe senegalês	<i>Faidherbia albida</i>	88
bubomba	biafada	<i>Annona senegalensis</i>	62
buchicabu	felupe	<i>Combretum micranthum</i>	82
buco	manjaco	<i>Combretum micranthum</i>	82
buço	crioulo	<i>Combretum micranthum</i>	82
budandepe	felupe senegalês	<i>Piliostigma thonningii</i>	124
budemna-buràb	biafada	<i>Citrus limon</i>	78
budôssosse	biafada	<i>Guiera senegalensis</i>	94
buéco	papel	<i>Combretum micranthum</i>	82
bufângha	biafada	<i>Neocarya macrophylla</i>	114
bufápá	biafada	<i>Carica papaya</i>	72
bufápiá	biafada	<i>Carica papaya</i>	72
bufará	biafada	<i>Piliostigma thonningii</i>	124
bufuga	biafada	<i>Senna occidentalis</i>	132
bugaintchom	sozzo	<i>Allophylus africanus</i>	58
bugampal	biafada	<i>Newbouldia laevis</i>	116
bugharara	biafada	<i>Capparis erythrocarpos</i>	70
bugóentchom	bijagó	<i>Allophylus africanus</i>	58

Nome	Língua	Espécie	Página
bugondjôle	papel	<i>Trichilia prieuriana</i> subsp. <i>prieuriana</i>	140
buguintchô-buiare	biafada	<i>Allophylus africanus</i>	58
bugulbá	biafada	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
bugunha	mancanha	<i>Uvaria chamae</i>	142
bugunha	manjaco	<i>Uvaria chamae</i>	142
buiengué	biafada	<i>Prosopis africana</i>	126
buko	soosso	<i>Combretum micranthum</i>	82
buladanêlhe	fula	<i>Faidherbia albida</i>	88
bulé	fula	<i>Faidherbia albida</i>	88
bulofôr	biafada	<i>Terminalia macroptera</i>	138
bulongodjiba	crioulo	<i>Morinda geminata</i>	112
bulongodjibá	biafada	<i>Morinda geminata</i>	112
bulungu-djubá	crioulo	<i>Morinda geminata</i>	112
bumang	biafada	<i>Mangifera indica</i>	108
bunámbô	biafada	<i>Abrus precatorius</i> subsp. <i>africanus</i>	54
bungadjé	manjaco	<i>Ficus exasperata</i>	90
bunintchi	biafada	<i>Elaeis guineensis</i>	84
buôf	biafada	<i>Anthocleista vogelii</i>	64
buôque	mancanha	<i>Combretum micranthum</i>	82
bupande	felupe senegalês	<i>Piliostigma thonningii</i>	124
bupóco	manjaco	<i>Ficus polita</i>	92
bupontotoiche	felupe senegalês	<i>Calyptrochilum christyanum</i>	68
burale	biafada	<i>Erythrina senegalensis</i>	86
búrlè-danédjo	fula	<i>Faidherbia albida</i>	88
burungule	mancanha	<i>Adansonia digitata</i>	56
burungule	papel	<i>Adansonia digitata</i>	56
burúnque	mancanha	<i>Adansonia digitata</i>	56
bussácá	biafada	<i>Bridelia micrantha</i>	66
bussagan	biafada	<i>Prosopis africana</i>	126
busseu-uliba	felupe	<i>Faidherbia albida</i>	88
bussilô	biafada	<i>Khaya senegalensis</i>	100
bussol	biafada	<i>Parinari excelsa</i>	122
butchampele	manjaco	<i>Faidherbia albida</i>	88

Nome	Língua	Espécie	Página
butique	felupe senegalês	<i>Combretum micranthum</i>	82
búurtchi	biafada	<i>Uvaria chamae</i>	142
cabaceira	crioulo	<i>Adansonia digitata</i>	56
cabaceira	crioulo	<i>Adansonia digitata</i>	56
cabaceira	português	<i>Adansonia digitata</i>	56
cabate-cu'uíte	mancanha	<i>Cissampelos mucronata</i>	76
cabate-uíate	manjaco	<i>Cissampelos mucronata</i>	76
cabotche	bijagó	<i>Cissampelos mucronata</i>	76
caboupa	crioulo	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
caboupa-matcho	crioulo	<i>Anthocleista vogelii</i>	64
cad	francês	<i>Faidherbia albida</i>	88
cadjanué	bijagó	<i>Anthocleista vogelii</i>	64
cadju	bijagó	<i>Anacardium occidentale</i>	60
cadju	crioulo	<i>Anacardium occidentale</i>	60
cadjudje	fula	<i>Anacardium occidentale</i>	60
cadjuo	mandinga	<i>Anacardium occidentale</i>	60
cáe	fula	<i>Khaya senegalensis</i>	100
cáe	futa-fula	<i>Khaya senegalensis</i>	100
café	crioulo	<i>Combretum micranthum</i>	82
café-bravo	crioulo	<i>Combretum micranthum</i>	82
caïcédrat	francês	<i>Khaya senegalensis</i>	100
caído	bijagó	<i>Leptadenia hastata</i>	104
caju	português	<i>Anacardium occidentale</i>	60
calabaceira	português	<i>Adansonia digitata</i>	56
calabacera	crioulo	<i>Adansonia digitata</i>	56
camdoudou	nalu	<i>Abrus precatorius</i> subsp. <i>africanus</i>	54
camude	bijagó	<i>Faidherbia albida</i>	88
camudé	bijagó	<i>Faidherbia albida</i>	88
camudo	bijagó	<i>Faidherbia albida</i>	88
cancaliba	futa-fula	<i>Combretum micranthum</i>	82
cancalibá	mandinga	<i>Combretum micranthum</i>	82
canhame	bijagó	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
canhaminha	bijagó	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130

Nome	Língua	Espécie	Página
canhimva	bijagó	<i>Ficus polita</i>	92
canhom	bijagó	<i>Newbouldia laevis</i>	116
canhómburi	fula	<i>Newbouldia laevis</i>	116
canna	bijagó	<i>Piliostigma thonningii</i>	124
canquelibá	fula	<i>Combretum micranthum</i>	82
capoqueépanha	bijagó	<i>Calyptrorchilum christyanum</i>	68
caputamunambá	felupe senegalês	<i>Senna occidentalis</i>	132
caraconde	fula	<i>Hymenocardia acida</i> var. <i>acida</i>	96
careré	bijagó	<i>Guiera senegalensis</i>	94
carrere	bijagó	<i>Guiera senegalensis</i>	94
cassenti	felupe senegalês	<i>Abrus precatorius</i> subsp. <i>africanus</i>	54
cassinconco	bijagó	<i>Newbouldia laevis</i>	116
cauce-edjanbaran	djacanca	<i>Cissampelos mucronata</i>	76
chá-de-buco	crioulo	<i>Combretum micranthum</i>	82
cibode	crioulo	<i>Landolphia dulcis</i>	102
cibode	crioulo	<i>Leptadenia hastata</i>	104
cito	mandinga	<i>Adansonia digitata</i>	56
codudú	saracolé	<i>Landolphia dulcis</i>	102
cóile	fula	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
coleála	fula	<i>Allophylus africanus</i>	
colehela	fula	<i>Allophylus africanus</i>	58
comida-de-santcho	crioulo	<i>Psychotria peduncularis</i>	128
condé	fula	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
coquengue	bijagó	<i>Prosopis africana</i>	126
cordele	fula	<i>Allophylus africanus</i>	58
coro-talindim	fula	<i>Senna occidentalis</i>	132
corocondé	bijagó	<i>Hymenocardia acida</i> var. <i>acida</i>	96
corocondé	fula	<i>Hymenocardia acida</i> var. <i>acida</i>	96
corocondô	mandinga	<i>Hymenocardia acida</i> var. <i>acida</i>	96
coronconde	crioulo	<i>Hymenocardia acida</i> var. <i>acida</i>	96
coroncondo	crioulo	<i>Hymenocardia acida</i> var. <i>acida</i>	96
coroncondô	biafada	<i>Hymenocardia acida</i> var. <i>acida</i>	96
coronconto	crioulo	<i>Hymenocardia acida</i> var. <i>acida</i>	96

Nome	Língua	Espécie	Página
cubeate-cuiate	mancanha	<i>Cissampelos mucronata</i>	76
cubeate-cuiate	manjaco	<i>Cissampelos mucronata</i>	76
cupedô	bijagó	<i>Psychotria peduncularis</i>	128
cupado	bijagó	<i>Trichilia prieuriana</i> subsp. <i>prieuriana</i>	140
cupado	felupe	<i>Trichilia prieuriana</i> subsp. <i>prieuriana</i>	140
culengô	mandinga	<i>Prosopis africana</i>	126
culim-ô	mandinga	<i>Prosopis africana</i>	126
cunaláti	fula	<i>Senna occidentalis</i>	132
cuncre	papel	<i>Ficus exasperata</i>	90
cundjunburum	mandinga	<i>Newbouldia laevis</i>	116
cungre	papel	<i>Ficus exasperata</i>	90
cunhe	balanta	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
cuntés	crioulo	<i>Strophanthus sarmentosus</i> var. <i>sarmentosus</i>	136
cupeléen	felupe senegalês	<i>Cnestis ferruginea</i>	80
cura	fula	<i>Parinari excelsa</i>	122
cura	futa-fula	<i>Parinari excelsa</i>	122
cura-bussuma	futa-fula	<i>Neocarya macrophylla</i>	114
curanaco	fula	<i>Neocarya macrophylla</i>	114
curanaco	fula	<i>Parinari excelsa</i>	122
curencúnde	soosso	<i>Hymenocardia acida</i> var. <i>acida</i>	96
cureucóndô	mandinga	<i>Hymenocardia acida</i> var. <i>acida</i>	96
cusserê	bijagó	<i>Erythrina senegalensis</i>	86
cusserum	bijagó	<i>Erythrina senegalensis</i>	86
dacacdufe	balanta	<i>Cassytha filiformis</i>	74
dacuré	fula	<i>Morinda geminata</i>	112
dadar	crioulo - flora do Senegal	<i>Luffa cylindrica</i>	106
djadar	crioulo	<i>Luffa cylindrica</i>	106
djadra	crioulo	<i>Luffa cylindrica</i>	106
djaló	mandinga	<i>Khaya senegalensis</i>	100
djamba-catam	futa-fula	<i>Terminalia macroptera</i>	138
djambadjilom	fula	<i>Trichilia prieuriana</i> subsp. <i>prieuriana</i>	140
djambo-soredjé	fula	<i>Leptadenia hastata</i>	104

Nome	Língua	Espécie	Página
djandjam-cafae	mandinga	<i>Senna podocarpa</i>	134
djandjam-ô	mandinga	<i>Prosopis africana</i>	126
djeiha	papel	<i>Prosopis africana</i>	126
djúè	balanta	<i>Faidherbia albida</i>	88
dlim-ôdolim-ô	mandinga	<i>Erythrina senegalensis</i>	86
dolin	crioulo	<i>Erythrina senegalensis</i>	86
doreda	crioulo	<i>Ocimum gratissimum</i>	120
ducumê	fula	<i>Annona senegalensis</i>	62
ducúmè	fula	<i>Annona senegalensis</i>	62
dutubule	manjaco	<i>Cnestis ferruginea</i>	80
eárra	bijagó	<i>Elaeis guineensis</i>	84
ebud	bijagó	<i>Annona senegalensis</i>	62
edjotchotche	bijagó	<i>Uvaria chamae</i>	142
elócó	felupe	<i>Guiera senegalensis</i>	94
elode	fula	<i>Guiera senegalensis</i>	94
embale	papel	<i>Khaya senegalensis</i>	100
empenche	bijagó	<i>Luffa cylindrica</i>	106
endure	bijagó	<i>Bridelia micrantha</i>	66
enrocodé	balanta	<i>Leptadenia hastata</i>	104
epaco	bijagó	<i>Piliostigma thonningii</i>	124
epamámbo	bijagó	<i>Piliostigma thonningii</i>	124
epandando	bijagó	<i>Piliostigma thonningii</i>	124
epec	bijagó	<i>Allophylus africanus</i>	58
epec	bijagó	<i>Combretum micranthum</i>	82
epuek	bijagó	<i>Combretum micranthum</i>	82
epueque	bijagó	<i>Combretum micranthum</i>	82
eranha	bijagó	<i>Zanthoxylum leprieurii</i>	144
erara	bijagó	<i>Elaeis guineensis</i>	84
erocodo	bijagó	<i>Landolphia dulcis</i>	102
eropod	bijagó	<i>Landolphia dulcis</i>	102
erythrine du sénégál	francês	<i>Erythrina senegalensis</i>	86
esenquedjaque	bijagó	<i>Luffa cylindrica</i>	106
esfregão	português	<i>Luffa cylindrica</i>	106

Nome	Língua	Espécie	Página
essagara-edjoco	bijagó	<i>Citrus limon</i>	78
essancadacó	bijagó	<i>Luffa cylindrica</i>	106
etchàcane	bijagó	<i>Capparis erythrocarpos</i>	70
fadi	balanta	<i>Terminalia macroptera</i>	138
fafadjambô	mandinga	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
famé	balanta	<i>Khaya senegalensis</i>	100
fará	biafada	<i>Piliostigma thonningii</i>	124
fará	crioulo	<i>Piliostigma thonningii</i>	124
fará	fula	<i>Piliostigma thonningii</i>	124
fará	mandinga	<i>Piliostigma thonningii</i>	124
fédégosa	crioulo - flora do Senegal	<i>Senna occidentalis</i>	132
ferida-branco	crioulo	<i>Faidherbia albida</i>	88
ferenin	balanta	<i>Capparis erythrocarpos</i>	70
fidida	crioulo	<i>Capparis erythrocarpos</i>	70
fidida-branco	crioulo	<i>Faidherbia albida</i>	88
figueirinha	crioulo	<i>Ficus polita</i>	92
figuera	crioulo	<i>Ficus polita</i>	92
fole	crioulo	<i>Landolphia dulcis</i>	102
fuáski	balanta	<i>Luffa cylindrica</i>	106
fudetchir	felupe senegalês	<i>Bridelia micrantha</i>	66
fudia	felupe senegalês	<i>Uvaria chamae</i>	142
fudjerau	felupe senegalês	<i>Leptadenia hastata</i>	104
fufembe-êule	felupe senegalês	<i>Strophanthus sarmentosus</i> var. <i>sarmentosus</i>	136
fufumuco	felupe senegalês	<i>Guiera senegalensis</i>	94
fugumpa	felupe senegalês	<i>Newbouldia laevis</i>	116
fumabó	felupe senegalês	<i>Strophanthus sarmentosus</i> var. <i>sarmentosus</i>	136
futété	sosso	<i>Allophylus africanus</i>	58
fúti	sosso	<i>Luffa cylindrica</i>	106
gendjoel	futa-fula	<i>Senna occidentalis</i>	132
ghobongongo	bijagó	<i>Ocimum gratissimum</i>	120
ghobonodo	bijagó	<i>Morinda geminata</i>	112
ghodegha	bijagó	<i>Anthocleista vogelii</i>	64

Nome	Língua	Espécie	Página
ghopadanga	bijagó	<i>Carica papaya</i>	72
ghorok	bijagó	<i>Jatropha curcas</i>	98
ghossaba	bijagó	<i>Margaritaria discoidea</i> var. <i>discoidea</i>	110
ghossonconco	bijagó	<i>Newbouldia laevis</i>	116
ghuntague	bijagó	<i>Bridelia micrantha</i>	66
ghupughe	bijagó	<i>Psychotria peduncularis</i>	128
goloneogita	mandinga	<i>Morinda geminata</i>	112
guêlodi	fula	<i>Guiera senegalensis</i>	94
gúgri	fula	<i>Bridelia micrantha</i>	66
gúndjê	papel	<i>Uvaria chamae</i>	142
gunhe	balanta	<i>Morinda geminata</i>	112
hamaghomoti	fula	<i>Capparis erythrocarpos</i>	70
helócò	fula	<i>Guiera senegalensis</i>	94
hólô-fôro	mandinga	<i>Terminalia macroptera</i>	138
iacume	balanta	<i>Khaya senegalensis</i>	100
ialaguei	futa-fula	<i>Anacardium occidentale</i>	60
ialiké	nalu	<i>Anacardium occidentale</i>	60
ialiké	sosso	<i>Anacardium occidentale</i>	60
imbondeiro	português	<i>Adansonia digitata</i>	56
impequece	balanta	<i>Landolphia dulcis</i>	102
impukui	nalu	<i>Piliostigma thonningii</i>	124
inétulo	mandinga	<i>Cissampelos mucronata</i>	76
inrokdé	balanta	<i>Leptadenia hastata</i>	104
iuci	balanta	<i>Guiera senegalensis</i>	94
kankenom	bijagó	<i>Parinari excelsa</i>	122
karbon	crioulo - flora do Senegal	<i>Prosopis africana</i>	126
karda	crioulo - flora do Senegal	<i>Ficus exasperata</i>	90
karkone	crioulo	<i>Terminalia macroptera</i>	138
katchá	balanta	<i>Anacardium occidentale</i>	60
késeg-késeg	crioulo - flora do Senegal	<i>Prosopis africana</i>	126
kinkélib	crioulo - flora do Senegal	<i>Combretum micranthum</i>	82
kiri	sosso	<i>Adansonia digitata</i>	56

Nome	Língua	Espécie	Página
kulenhimaba	soosso	<i>Cnestis ferruginea</i>	80
kusso	soosso	<i>Anacardium occidentale</i>	60
landjirco	futa-fula	<i>Luffa cylindrica</i>	106
lara	bijagó	<i>Elaeis guineensis</i>	84
láté	balanta	<i>Adansonia digitata</i>	56
lhiamba	fula	<i>Morinda geminata</i>	112
limão	português	<i>Citrus limon</i>	78
limon	crioulo	<i>Citrus limon</i>	78
limon-di-terra	crioulo	<i>Citrus limon</i>	78
língua-di-baca	crioulo	<i>Ficus exasperata</i>	90
lotórcó	fula	<i>Luffa cylindrica</i>	106
lút	nalu	<i>Parinari excelsa</i>	122
m'bafecabuduco	nalu	<i>Leptadenia hastata</i>	104
m'bampte	balanta	<i>Senna occidentalis</i>	132
m'béke	nalu	<i>Adansonia digitata</i>	56
m'bonhé	nalu	<i>Bridelia micrantha</i>	66
m'bukui mukui	nalu	<i>Piliostigma thonningii</i>	124
m'nafo-ucon	mancanha	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
m'panté	balanta	<i>Senna occidentalis</i>	132
m'panté	bijagó	<i>Senna podocarpa</i>	134
m'tchinke	nalu	<i>Morinda geminata</i>	112
m'tokoi	nalu	<i>Psychotria peduncularis</i>	128
m'zisse	balanta	<i>Erythrina senegalensis</i>	86
m'zisse	fula	<i>Erythrina senegalensis</i>	86
macete	crioulo	<i>Terminalia macroptera</i>	138
macite	crioulo	<i>Terminalia macroptera</i>	138
mádjá	balanta	<i>Zanthoxylum leprieurii</i>	144
madronha	crioulo	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
madronho	crioulo	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
mamakoikoi	soosso	<i>Guiera senegalensis</i>	94
mambahane	padjadinca	<i>Strophanthus sarmentosus</i> var. <i>sarmentosus</i>	136
mambimba	crioulo	<i>Landolphia dulcis</i>	102

Nome	Língua	Espécie	Página
mambomba	crioulo	<i>Annona senegalensis</i>	62
mambumba	crioulo	<i>Annona senegalensis</i>	62
mambunda	crioulo	<i>Annona senegalensis</i>	62
mampatá	mandinga	<i>Parinari excelsa</i>	122
mampatace	crioulo	<i>Parinari excelsa</i>	122
mampatace-grande	crioulo	<i>Neocarya macrophylla</i>	114
mampatás	crioulo	<i>Parinari excelsa</i>	122
mampatassa	crioulo	<i>Parinari excelsa</i>	122
mampataz	crioulo	<i>Parinari excelsa</i>	122
manafenafém	nalu	<i>Guiera senegalensis</i>	94
manate	bijagó	<i>Strophanthus sarmentosus</i> var. <i>sarmentosus</i>	136
manau	balanta	<i>Allophylus africanus</i>	58
manca-anadje	fula	<i>Strophanthus sarmentosus</i> var. <i>sarmentosus</i>	136
mancircon	crioulo	<i>Ocimum basilicum</i>	118
mancó	mandinga	<i>Mangifera indica</i>	108
mandabannelbéne	nalu	<i>Citrus limon</i>	78
manduco-de-feticero	crioulo	<i>Newbouldia laevis</i>	116
manduco-di-futucero	crioulo	<i>Newbouldia laevis</i>	116
mãnduk-difuti-siru	crioulo - flora do Senegal	<i>Newbouldia laevis</i>	116
manéfa-fial	biafada	<i>Cissampelos mucronata</i>	76
manga	português	<i>Mangifera indica</i>	108
mango	bijagó	<i>Mangifera indica</i>	108
mango	crioulo	<i>Mangifera indica</i>	108
mango-sane	papel	<i>Mangifera indica</i>	108
mangueira	português	<i>Mangifera indica</i>	108
mansanca	balanta	<i>Piliostigma thonningii</i>	124
mansonca	balanta	<i>Piliostigma thonningii</i>	124
mantcha	balanta	<i>Zanthoxylum leprieurii</i>	144
mantchoul	biafada	<i>Parinari excelsa</i>	122
mantchu	balanta	<i>Zanthoxylum leprieurii</i>	144
manterim-ô	mandinga	<i>Cnestis ferruginea</i>	80
manterinterim	mandinga	<i>Cnestis ferruginea</i>	80

Nome	Língua	Espécie	Página
marroné	fula	<i>Faidherbia albida</i>	88
masnebissongró	balanta	<i>Psychotria peduncularis</i>	128
massite	crioulo	<i>Terminalia macroptera</i>	138
matikzé	nalu	<i>Hymenocardia acida</i> var. <i>acida</i>	96
mavéu	nalu	<i>Neocarya macrophylla</i>	114
meile	balanta	<i>Parinari excelsa</i>	122
menau	mancanha	<i>Neocarya macrophylla</i>	114
menau	manjaco	<i>Neocarya macrophylla</i>	114
menzinho-di-bitchu	crioulo	<i>Ocimum basilicum</i>	118
méta	balanta	<i>Senna occidentalis</i>	132
minquela	mancanha	<i>Parinari excelsa</i>	122
minquelma	papel	<i>Parinari excelsa</i>	122
mintchame	manjaco	<i>Elaeis guineensis</i>	84
mochôla	fula	<i>Erythrina senegalensis</i>	86
mourandá	sosso	<i>Uvaria chamae</i>	142
n'ápè	papel	<i>Strophanthus sarmentosus</i> var. <i>sarmentosus</i>	136
n'babass	nalu	<i>Combretum micranthum</i>	82
n'baka	sosso	<i>Jatropha curcas</i>	98
n'bute	balanta	<i>Neocarya macrophylla</i>	114
n'chaka-refat	nalu	<i>Erythrina senegalensis</i>	86
n'cuncre	papel	<i>Ficus exasperata</i>	90
n'cungre	manjaco	<i>Ficus exasperata</i>	90
n'djano	balanta	<i>Parinari excelsa</i>	122
n'djapô	balanta	<i>Neocarya macrophylla</i>	114
n'dunquinhe	balanta	<i>Morinda geminata</i>	112
n'garba	fula	<i>Morinda geminata</i>	112
n'garba	futa-fula	<i>Morinda geminata</i>	112
n'gume	balanta	<i>Morinda geminata</i>	112
n'jete-nambel	nalu	<i>Cnestis ferruginea</i>	80
n'kone	nalu	<i>Terminalia macroptera</i>	138
n'pankanise	nalu	<i>Senna occidentalis</i>	132
n'papa	nalu	<i>Carica papaya</i>	72

Nome	Língua	Espécie	Página
n'pinde	nalu	<i>Uvaria chamae</i>	142
n'quemê	papel	<i>Elaeis guineensis</i>	84
n'rocdè	balanta	<i>Leptadenia hastata</i>	104
n'simkété	nalu	<i>Newbouldia laevis</i>	116
n'tangré	papel	<i>Piliostigma thonningii</i>	124
n'taque	nalu	<i>Bridelia micrantha</i>	66
n'tchakarfat	nalu	<i>Erythrina senegalensis</i>	86
n'tchalame	manjaco	<i>Parinari excelsa</i>	122
n'tchet	nalu	<i>Abrus precatorius</i> subsp. <i>africanus</i>	54
n'tisé	nalu	<i>Hymenocardia acida</i> var. <i>acida</i>	96
n'toncre	papel	<i>Piliostigma thonningii</i>	124
n'tongue	bijagó	<i>Bridelia micrantha</i>	66
n'túlam	papel	<i>Terminalia macroptera</i>	138
n'xetehembele	nalu	<i>Cnestis ferruginea</i>	80
nafum-cone	mancanha	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
nando	fula	<i>Neocarya macrophylla</i>	114
nanhala	balanta	<i>Landolphia dulcis</i>	102
nanhale	balanta	<i>Landolphia dulcis</i>	102
naporó	bijagó	<i>Cnestis ferruginea</i>	80
narara	fula	<i>Capparis erythrocarpos</i>	70
naude-puthu	fula	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
náudo	fula	<i>Neocarya macrophylla</i>	114
naudó-putcho	fula	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
necepo	bijagó	<i>Senna podocarpa</i>	134
necepo	bijagó	<i>Senna occidentalis</i>	132
negonogate-oreboc	bijagó	<i>Senna podocarpa</i>	134
nepanrambu	bijagó	<i>Piliostigma thonningii</i>	124
nequeno	bijagó	<i>Trichilia prieuriana</i> subsp. <i>prieuriana</i>	140
nerego	bijagó	<i>Cnestis ferruginea</i>	80
netchondor	bijagó	<i>Hymenocardia acida</i> var. <i>acida</i>	96
netendor	bijagó	<i>Hymenocardia acida</i> var. <i>acida</i>	96
neum	nalu	<i>Capparis erythrocarpos</i>	70
neun'fa-ak	nalu	<i>Cissampelos mucronata</i>	76

Nome	Língua	Espécie	Página
nhambairam-queô	mandinga	<i>Ocimum basilicum</i>	118
nhambeira	crioulo	<i>Ocimum basilicum</i>	118
nhêg-cuneme	bijagó	<i>Parinari excelsa</i>	122
nheieu	nalu	<i>Capparis erythrocarpos</i>	70
nhinatlô	mandinga	<i>Cissampelos mucronata</i>	76
nhinha	fula	<i>Ficus exasperata</i>	90
nofelbade	saracolé	<i>Cissampelos mucronata</i>	76
nofer-balo	fula	<i>Cissampelos mucronata</i>	76
noi	bijagó	<i>Ficus exasperata</i>	90
noii	bijagó	<i>Ficus exasperata</i>	90
nopelebalô	fula	<i>Cissampelos mucronata</i>	76
nórônórôdô	bijagó	<i>Neocarya macrophylla</i>	114
noropod	bijagó	<i>Landolphia dulcis</i>	102
nororodo	bijagó	<i>Neocarya macrophylla</i>	114
ntáfine	nalu	<i>Guiera senegalensis</i>	94
oábi	bijagó	<i>Hymenocardia acida</i> var. <i>acida</i>	96
obacoré	fula	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
obonodje	bijagó	<i>Morinda geminata</i>	112
ofède	papel	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
ogea	papel	<i>Prosopis africana</i>	126
ojo-di-onça	crioulo	<i>Cnestis ferruginea</i>	80
ópanica	papel	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
oredja-di-rato	crioulo	<i>Cissampelos mucronata</i>	76
oredja-di-sanjo	crioulo	<i>Cissampelos mucronata</i>	76
orelha-de-rato	crioulo	<i>Cissampelos mucronata</i>	76
orodjô	bijagó	<i>Neocarya macrophylla</i>	114
orquidia	crioulo	<i>Calyptrochilum christyanum</i>	68
ovocate	bijagó	<i>Abrus precatorius</i> subsp. <i>africanus</i>	54
p'sangla	balanta	<i>Combretum micranthum</i>	82
pace	balanta	<i>Carica papaya</i>	72
padja-santa	crioulo	<i>Senna occidentalis</i>	132
pain-de-singe	francês	<i>Adansonia digitata</i>	56
palha-santa	crioulo	<i>Senna occidentalis</i>	132

Nome	Língua	Espécie	Página
palha-santa	crioulo	<i>Senna podocarpa</i>	134
palmeira-de-azeite	português	<i>Elaeis guineensis</i>	84
palmeira-de-óleo	português	<i>Elaeis guineensis</i>	84
palmeira-déndém	português	<i>Elaeis guineensis</i>	84
palmera	crioulo	<i>Elaeis guineensis</i>	84
palmier-à-huile	francês	<i>Elaeis guineensis</i>	84
panábanáb	cobiana	<i>Cassytha filiformis</i>	74
pano-di-cancuram	crioulo	<i>Piliostigma thonningii</i>	124
panu-di-kankora	crioulo	<i>Piliostigma thonningii</i>	124
papae	fula	<i>Carica papaya</i>	72
papaia	crioulo	<i>Carica papaya</i>	72
papaia	português	<i>Carica papaya</i>	72
papaia-matcho	crioulo	<i>Carica papaya</i>	72
pápoia	mandinga	<i>Carica papaya</i>	72
pau-carvão	crioulo	<i>Prosopis africana</i>	126
pau-ferida	crioulo	<i>Faidherbia albida</i>	88
paudoce	crioulo	<i>Guiera senegalensis</i>	94
pé-di-mango	bijagó	<i>Mangifera indica</i>	108
pé-di-mango	crioulo	<i>Mangifera indica</i>	108
pé-di-papaia	crioulo	<i>Carica papaya</i>	72
pedum-hal	mancanha	<i>Carica papaya</i>	72
peduto-ubusse	manjaco	<i>Cnestis ferruginea</i>	80
pilé	balanta	<i>Parinari excelsa</i>	122
pilitoró	futa-fula	<i>Hymenocardia acida</i> var. <i>acida</i>	96
pinha-di-mato	crioulo	<i>Annona senegalensis</i>	62
pipino-di-lubo	crioulo	<i>Luffa cylindrica</i>	106
pipino-di-mato	crioulo	<i>Luffa cylindrica</i>	106
planta-di-açucar	crioulo	<i>Abrus precatorius</i> subsp. <i>africanus</i>	54
planta-di-regulo	fula	<i>Senna podocarpa</i>	134
pó-carvão	crioulo	<i>Prosopis africana</i>	126
pó-de-carbom	crioulo	<i>Prosopis africana</i>	126
pó-de-ferida-branco	crioulo	<i>Faidherbia albida</i>	88
pó-de-osso	crioulo	<i>Erythrina senegalensis</i>	86

Nome	Língua	Espécie	Página
po-di-bras	crioulo	<i>Psychotria peduncularis</i>	128
pó-di-budogo	crioulo - flora do Senegal	<i>Erythrina senegalensis</i>	86
po-di-carvom	crioulo	<i>Prosopis africana</i>	126
pó-di-conta	crioulo	<i>Erythrina senegalensis</i>	86
po-di-lixá	crioulo	<i>Ficus exasperata</i>	90
pó-di-osso	crioulo	<i>Erythrina senegalensis</i>	86
poéntè	mancanha	<i>Luffa cylindrica</i>	106
pouúnquè	balanta	<i>Piliostigma thonningii</i>	124
ptehén'tugudu	balanta	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
pucré	bijagó	<i>Ocimum basilicum</i>	118
pulga	crioulo	<i>Jatropha curcas</i>	98
pulga	biafada	<i>Jatropha curcas</i>	98
pupá	manjaco	<i>Carica papaya</i>	72
purgueira	português	<i>Jatropha curcas</i>	98
qélè-bálé	fula	<i>Uvaria chamae</i>	142
qélè-bálei	fula	<i>Uvaria chamae</i>	142
quelibaledje	fula	<i>Uvaria chamae</i>	142
quem	balanta	<i>Elaeis guineensis</i>	84
quem-quelebá	fula	<i>Combretum micranthum</i>	82
quéssem-quéssem	mandinga	<i>Prosopis africana</i>	126
quibiricarre	fula	<i>Trichilia prieuriana</i> subs. <i>prieuriana</i>	140
quió	felupe	<i>Neocarya macrophylla</i>	114
ranud	crioulo - flora do Senegal	<i>Strophanthus sarmentosus</i> var. <i>sarmentosus</i>	136
rédea-de-santcho	crioulo	<i>Cassytha filiformis</i>	74
ribe	balanta	<i>Elaeis guineensis</i>	84
ridia-di-santchu	crioulo	<i>Cassytha filiformis</i>	74
ridjame	fula	<i>Senna podocarpa</i>	134
rutabanfataque	nalu	<i>Psychotria peduncularis</i>	128
safaro	fula	<i>Leptadenia hastata</i>	104
safarodje	fula	<i>Leptadenia hastata</i>	104
sambadjadei	fula	<i>Allophylus africanus</i>	58
sambafim-ô	mandinga	<i>Uvaria chamae</i>	142

Nome	Língua	Espécie	Página
sambafiom	mandinga	<i>Uvaria chamae</i>	142
sambassatáe	fula	<i>Allophylus africanus</i>	58
sambefim	mandinga	<i>Uvaria chamae</i>	142
sampane	papel	<i>Annona senegalensis</i>	62
sapaté	biafada	<i>Leptadenia hastata</i>	104
sapaté	crioulo - flora do Senegal	<i>Leptadenia hastata</i>	104
sapatê-ô	mandinga	<i>Cissampelos mucronata</i>	76
satoléde	fula	<i>Calyptrochilum christyanum</i>	68
sélélé	biafada	<i>Erythrina senegalensis</i>	86
simbom-ô	mandinga	<i>Morinda geminata</i>	112
símbus	balanta	<i>Capparis erythrocarpos</i>	70
simóieli	sosso	<i>Hymenocardia acida</i> var. <i>acida</i>	96
simóilé	sosso	<i>Hymenocardia acida</i> var. <i>acida</i>	96
sindjouel	fula	<i>Senna podocarpa</i>	134
singèle	nalu	<i>Newbouldia laevis</i>	116
sipiñã	crioulo - flora do Senegal	<i>Faidherbia albida</i>	88
sipiña-brabu	crioulo - flora do Senegal	<i>Faidherbia albida</i>	88
sissé-djambó	mandinga	<i>Ocimum basilicum</i>	118
solenambô	mandinga	<i>Strophanthus sarmentosus</i> var. <i>sarmentosus</i>	136
sucora	futa-fula	<i>Ocimum basilicum</i>	118
sucum-ô	mandinga	<i>Annona senegalensis</i>	62
sucúndè	futa-fula	<i>Newbouldia laevis</i>	116
sugé	sosso	<i>Parinari excelsa</i>	122
suncun-úm	mancanha	<i>Annona senegalensis</i>	62
suncun-úm	mandinga	<i>Annona senegalensis</i>	62
suncutó-fóleo	mandinga	<i>Landolphia dulcis</i>	102
tabaco-di-lubo	crioulo	<i>Anthocleista vogelii</i>	64
tade	fula	<i>Combretum micranthum</i>	82
tagate	balanta	<i>Bridelia micrantha</i>	66
tagmi	balanta	<i>Khaya senegalensis</i>	100
talquibare	fula	<i>Cnestis ferruginea</i>	80
talquidqga	mandinga	<i>Cnestis ferruginea</i>	80

Nome	Língua	Espécie	Página
tamankumba	crioulo	<i>Neocarya macrophylla</i>	114
tambacumba	crioulo	<i>Neocarya macrophylla</i>	114
tambacumba	mandinga	<i>Neocarya macrophylla</i>	114
tambacumba-de-santcho	crioulo	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
táminii	balanta	<i>Khaya senegalensis</i>	100
tchalem-ai	fula	<i>Prosopis africana</i>	126
tchela	fula	<i>Prosopis africana</i>	126
tchelangadje	fula	<i>Prosopis africana</i>	126
tchelem	fula	<i>Prosopis africana</i>	126
tchelem	futa-fula	<i>Prosopis africana</i>	126
téhè	balanta	<i>Neocarya macrophylla</i>	114
tehé-intogudê	balanta	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
têlêjê	manjaco	<i>Terminalia macroptera</i>	138
tem-em-eih	fula	<i>Elaeis guineensis</i>	84
tem-ô	mandinga	<i>Elaeis guineensis</i>	84
teme	balanta	<i>Strophanthus sarmentosus</i> var. <i>sarmentosus</i>	136
tentera	balanta	<i>Prosopis africana</i>	126
tètúgde	balanta	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
théthé	balanta	<i>Strophanthus sarmentosus</i> var. <i>sarmentosus</i>	136
tibalâè	nalu	<i>Strophanthus sarmentosus</i> var. <i>sarmentosus</i>	136
toen-tolôe	balanta	<i>Cnestis ferruginea</i>	80
tolingi	osso	<i>Bridelia micrantha</i>	66
tolingué	osso	<i>Bridelia micrantha</i>	66
três-folhas	crioulo	<i>Allophylus africanus</i>	58
treventi-ito	balanta	<i>Cnestis ferruginea</i>	80
tuguêih	futa-fula	<i>Elaeis guineensis</i>	84
tulu-nereure	mandinga	<i>Cnestis ferruginea</i>	80
uanda	fula	<i>Morinda geminata</i>	112
uanda	mandinga	<i>Morinda geminata</i>	112
uáto	bijagó	<i>Adansonia digitata</i>	56

Nome	Língua	Espécie	Página
ubimba	papel	<i>Landolphia dulcis</i>	102
ucimba	papel	<i>Landolphia dulcis</i>	102
udamba	bijagó	<i>Cassytha filiformis</i>	74
udamva	bijagó	<i>Cassytha filiformis</i>	74
udaracassá	felupe senegalês	<i>Anacardium occidentale</i>	60
udju-di-onça	crioulo	<i>Cnestis ferruginea</i>	80
uguene	bijagó	<i>Parinari excelsa</i>	122
ugumba	cobiana	<i>Anthocleista vogelii</i>	64
uiássiáss	cobiana	<i>Ficus exasperata</i>	90
ukenom	bijagó	<i>Parinari excelsa</i>	122
ulolocô	felupe senegalês	<i>Annona senegalensis</i>	62
um-ápè	papel	<i>Strophanthus sarmentosus</i> var. <i>sarmentosus</i>	136
umbatú	balanta	<i>Neocarya macrophylla</i>	114
umpandá	bijagó	<i>Carica papaya</i>	72
unchómrô	bijagó	<i>Khaya senegalensis</i>	100
unchonro	bijagó	<i>Khaya senegalensis</i>	100
uncuncre	papel	<i>Ficus exasperata</i>	90
uncungre	manjaco	<i>Ficus exasperata</i>	90
undango	cobiana	<i>Anthocleista vogelii</i>	64
undiano	balanta	<i>Parinari excelsa</i>	122
ungarba	futa-fula	<i>Morinda geminata</i>	112
ungume	balanta	<i>Morinda geminata</i>	112
untágué	bijagó	<i>Bridelia micrantha</i>	66
untoncre	papel	<i>Piliostigma thonningii</i>	124
untongue	bijagó	<i>Bridelia micrantha</i>	66
untulam	papel	<i>Terminalia macroptera</i>	138
unucan-iinrighaghe	bijagó	<i>Strophanthus sarmentosus</i> var. <i>sarmentosus</i>	136
upatocuma	bijagó	<i>Combretum micranthum</i>	82
uquenon	bijagó	<i>Parinari excelsa</i>	122
uqueredjo	bijagó	<i>Terminalia macroptera</i>	138
uraumau	felupe	<i>Strophanthus sarmentosus</i> var. <i>sarmentosus</i>	136

Nome	Língua	Espécie	Página
úrém	nalu	<i>Landolphia dulcis</i>	102
urudo	bijagó	<i>Neocarya macrophylla</i>	114
ussímpulo	papel	<i>Faidherbia albida</i>	88
ussonro	bijagó	<i>Khaya senegalensis</i>	100
utchak	cobiana	<i>Bridelia micrantha</i>	66
utíme	papel	<i>Khaya senegalensis</i>	100
utonque-ubusse	mancanha	<i>Cnestis ferruginea</i>	80
utonque-ubusse	manjaco	<i>Cnestis ferruginea</i>	80
utunque-ubule	manjaco	<i>Cnestis ferruginea</i>	80
uvato	bijagó	<i>Adansonia digitata</i>	56
vêvê-om	mandinga	<i>Allophylus africanus</i>	58
wáda	fula	<i>Morinda geminata</i>	112

BIBLIOGRAFIA

(Referem-se tanto as obras citadas no texto como outras obras sobre os Bijagós e sobre a temática das plantas medicinais na Guiné-Bissau e em África)

- Abreu, P. M.; Martins, E. S.; Kayser, O.; Bindseil, K.-U.; Siems, K.; Seeman, A. & Frevert, J., (1999) Antimicrobial, Antitumor and Antileishmania Screening of Medicinal Plants from Guinea-Bissau. *Phytomedicine* 6 (3): 187-195.
- Ayensu, E. S. (1978) *Medicinal plants of West Africa*. Reference Publications, Inc. Algonac, 330 p.
- Brunken, U.; Schmidt, M.; Dressler, S.; Janssen, T.; Thiombiano, A. & Zizka, G. (2008) *West African plants - A Photo Guide*. www.westafricanplants.senckenberg.de. - Forschungsinstitut Senckenberg, Frankfurt/Main, Germany.
- Campos, A. M & Indjai, B. (1996) Projecto Inventário das Plantas Medicinais da Ilha de Bubaque, Reserva da Biosfera do Arquipélago Bolama Bijagós, Guiné-Bissau. Relatório de actividades.
- Cardoso, F.L.M. (2008) Os Bijagós: Estrutura e Funcionamento do Poder. CODESRIA (Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais em África), Dakar. 56 p.
- Caritas Guiné-Bissau (2004) Saúde à base do natural. Texto de apoio e orientação. 257 p.
- Catarino, L.; Martins, E. S.; Pinto-Basto, M.F & Diniz, M.A. (2006) Plantas vasculares e briófitos da Guiné-Bissau. IICT/IPAD, Lisboa. 298 p.
- Costa, C. L. (1895) Coleção de Várias Plantas Medicinais da Guiné Portuguesa Oferecida à Sociedade de Geografia de Lisboa - 1893. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Sér. 1, 14: 68-87.
- Crowley, E. & Ribeiro, R. (1987). Sobre a medicina tradicional e forma da sua colaboração com a medicina moderna. *Soronda* nº 4: 95-110.
- Cruz, M. J.; Braz, R. & Catry, P. (2001) *Guia de Vertebrados*. Parque Nacional de Orango. UICN. Bissau. 109 p.
- Diniz, M. A.; Silva, O.; Paulo, M. A. & Gomes, E. T. (1996) Medicinal uses of plants from Guinea-Bissau. In L.J.G. van der Maesen et al. (eds.), *The Biodiversity of African Plants – Proceedings of the XIVth AETFAT Congress*, 727-731. Kluwer Academic Publishers, Dordrecht.
- Diniz, M.A.; Martins, E. S.; Gomes, E. & Silva, O. (2000) Contribuição para o Conhecimento de Plantas Medicinais da Guiné-Bissau. *Portugaliae Acta Biol.* 19: 417-427.
- Espírito Santo, J. (1948) Algumas plantas venenosas e medicinais usadas pelos indígenas da Guiné Portuguesa. Comunicação apresentada ao 1º Congresso Nacional de Ciências Agrárias, Lisboa, 1943. *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa* 3(10): 395-410
- Espírito Santo, J. (1953) Plantas úteis da flora da Guiné Portuguesa. *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa* 8(29): 61-68.
- Espírito Santo, J. (1963) Nomes vernáculos de algumas plantas da Guiné Portuguesa. *Estud. Ensaios Doc. Junta Invest. Ci. Ultramar*, 104. 123 p.
- Fernandes, R.M. (1989) O Espaço e o Tempo no Sistema Político Bijagós. *Soronda* nº. 8: 5-23.
- Ficalho, Conde de (1947) *Plantas úteis da África portuguesa*, 2ª. ed. Agência Geral das Colónias, Lisboa. 301 p.
- Frazão-Moreira, A. (1995) Usos e concepções das plantas no mato de Cantanhez. Instituto

- Superior de Agronomia, Lisboa. 106 p.
- Frazão-Moreira, A. (1999) Apropriação social da natureza entre os nalus da Guiné-Bissau. A etnobotânica num contexto em mudança. Diss. Doutoramento, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa. 547 p.
- Gomes, E. T. & Diniz, M. A. (1993) Plantas usadas em medicina tradicional na região de Contuboeil. Comunicações, Instituto de Investigação Científica Tropical, Sér. Ciênc. Agrárias 13: 153-165.
- Gomes, E. T.; Silva, O.; Diniz, M. A. & Martins, E. S. (2003) Plantas medicinais da Guiné-Bissau - Manual Prático. ACEP, Lisboa; AD, Bissau. 74 p.
- Indjai, B. (2002) Técnicas de Herbariologia e Identificação de Plantas Vasculares da Guiné-Bissau. Relatório de estágio. Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT), Centro de Botânica, Lisboa. 78 p.
- INEP/INEC (2007) Recenseamento e Estudo Socioeconómico e Ambiental das Zonas Protegidas e Limítrofes. Guiné-Bissau. INEP/INEC, Bissau. 79 p.
- Iwu, M.R. (1993) CRC Handbook of African Medicinal Plants. CRC Press, 464 p.
- Malaisse, F. (1996) Caracterisation Phytogeographique e Ecologique des Forets de Cantanhez. Region de Tombali, Guinee-Bissau. IC e AD. 95 p.
- Martin, D. (1994) Nomes mandingas e fulas de 106 espécies florestais da Guiné-Bissau. VSO (Voluntary Services Overseas) Farim.
- Mencagli, K.A: (1992) Medicina Tradicional. Secretariado para o Desenvolvimento e Promoção Humana (SEDEPRU). Boletim Diocese de Bissau, 4: 1-404.
- Oliver-Bever, B. (1986) Medicinal Plants in Tropical West Africa. Cambridge University Press, Cambridge. 375 p.
- Scantamburlo (1991) Etnologia dos Bijagós da Ilha de Bubaque. IICT/INEP, Lisboa/Bissau. 109 p.
- Scantamburlo (2002) Dicionário do guineense, vol. II: Dicionário Guineense – Português. Edições FASPEBI, Bubaque. 649 p.
- Silva, O. Duarte, A. Cabrita, J. Pimentel, M. Diniz, A. & Gomes, E.T (1996) Antimicrobial activity of Guinea-Bissau traditional remedies. Journal of Ethnopharmacology 50: 55-59.
- Silva, O.; Duarte, A.; Pimentel, M.; Viegas, S.; Barroso, H.; Machado, J.; Pires, I.; Cabrita, J. & Gomes, E.T (1997) Antimicrobial activity of Terminalia macroptera root. Journal of Ethnopharmacology 57: 203-207.
- Sofowora, A. (1996) Plantes medicinales et medicine traditionnelle d’Afrique. Karthala, Paris. 368 p.
- Verjans, J.-M.; Camara, T. & Malaisse, F. (2000) Approche Ethno-Ecologique du Territoire de Cantanhez. Guinée-Bissau. UICN, AD, Laboratoire de d’Ecologie. Bissau. 105 p.
- Vidigal, P.M. & Pinto-Basto, M. F. (1996) Estudo das plantas herborizadas nas ilhas Bubaque, Canhabaque, João Vieira, Orango Grande e Cute do Arquipélago dos Bijagós, Guiné-Bissau. Garcia de Orta, Sér. Bot. 14 (2): 53-69
- Vieira, R. A. (1958) Subsídio para o Estudo da Flora Medicinal da Guiné Portuguesa. Agência Geral do Ultramar, Lisboa. 217p.
- Walter, J. (1946) Breve estudo da Flora Medicinal da Guiné. Boletim Cultural da Guiné Portuguesa 1(4): 633-662.



Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas

Rua de São Tomé. Casa nº 6, CP70 Bissau

tel.(245) 320 71 06 / 07 Fax. (245) 320 71 07

www.ibap-gbissau.org

República da Guiné-Bissau

Parceiros Técnico-Científicos



Patrocínios

